BIZZ

EDITORA AZUL

★ moda ★ militância
★ sexo ★ ecologia ★
A conexão
KATHARINE HAMNETT
mais
TATUAGEM
em desfile

HENDRIX Parte II
entrevista *inédita*
discografia completa

DEPECHE MODE
dez anos de vida
por eles mesmos

ENGENHEIROS DO HAWAII
dão a cara
para bater

exclusiva bombástica!

BON JOVI

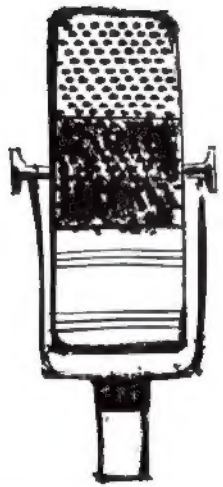
★ A estréia no cinema
★ O fim da banda
★ O disco solo

DANCE DANCE DANCE

LISA STANSFIELD
+
Tragic Error
Black Kiss
+
Sonia

ROBERT PLANT ★ IAN GILLAN ★ PUBLIC ENEMY ★ FANZINES ★ DJs ★ NAS FICHAS: PINK FLOYD ★ BOWIE ★ CLAPTON

VEM CHUMBO GROSSO POR AÍ...



PAUL McCARTNEY • PET SHOP BOYS • MORRISSEY • ROBERT PALMER • HUMAN LEAGUE
Cinco lançamentos em LP, K7 e CD.

EMI

Jon Bon Jovi é uma figura curiosa. Sex symbol e líder de uma das mais bem-sucedidas bandas dos anos 80, o italianinho de New Jersey parecia ter atingido um beco sem saída no início dos 90. Depois de ganhar infindáveis discos de platina e atingir a fórmula perfeita do hard rock "light", o que restava? Passar o resto da vida fazendo a mesma coisa? Nada disso. Primeiro, Jon tirou férias de seu grupo — talvez para sempre. Aliou-se a um time de astros e realizou seu primeiro LP solo, *Blaze Of Glory*. No futuro, deve produzir um disco para Little Richard. Enquanto isso, dá os primeiros passos para se reinventar como herói populista, seguindo os passos de John Cougar Mellencamp e Tom Petty. Se vai conseguir, ninguém sabe — mas pelo menos Jon parece estar com a atitude certa, como mostra a sua entrevista exclusiva que está na página 18.

Os **Engenheiros do Hawaii** são outro caso sério. Desprezado por 90% da crítica, o trio gaúcho não pára de aumentar seu prestígio entre os jovens. Este tortuoso caminho para o sucesso inclui agora um novo LP, *O Papa É Pop*, que promete causar ainda mais confusão — já a partir do seu primeiro hit, uma versão de "Era Um Garoto Que Como Eu Amava Os Beatles E Os Rolling Stones". Leia mais na pág. 24. E para fechar nosso time de artistas que combinam enorme sucesso de público com trajetórias que confundem a crítica, ninguém como o **Depeche Mode**. O cantor Dave Gahan e o compositor Martin Gore comentam os dez anos do grupo na página 32.

Ronaldo Lin

E tem mais. Katharine Hamnett, em *Estilo Bizz*; para a tribo do skate e do surf, os franceses do Mano Negra; para quem gosta de dançar, Ed Motta, Tragic Error e Sonia; e para os *bangers*, que fizeram de nossa edição do Sepultura uma das mais vendidas dos últimos tempos, uma entrevista inédita com Jimi Hendrix acompanhada de uma discografia completíssima (cortesia de Celso Pucci), mais o *Ao Vivo* de Ian Gillan. Divirtam-se e até o mês que vem.

Ricardo Rizzante Azul

ÍNDICE

6 **SHOWBIZZ**
MTV no Brasil, Eric Clapton, Dercy

13 **FAST FORWARD**
Saiba o que os astros pensam do rap

39 **ESTILO BIZZ**
Katharine Hamnett: moda, pop e política

45 **ENTREVISTÃO**
Hendrix exclusivo, em 68

54 **TRAGIC ERROR**
Como se faz um dance hit?

56 **ROBERT PLANT**
Nova vida para a voz do Led Zeppelin

58 **LISA STANSFIELD**
Princesa branca do soul inglês

62 **DANCE MUSIC**
Philadelphia sound, Gamble & Huff

64 **CONEXÃO BRASIL**
Um dilúvio de fanzines

66 **AO VIVO**
McCartney e Stones

73 **JUKEBOX**
As divinas Shangri-las

75 **DISCOS**
A volta do Public Enemy

86 **LETRAS**
Mais Public Enemy: "911 Is A Joke"

88 **PARADA**
O que está vendendo no mundo

90 **CARTAS**
Ira! e *Entrevistão* 60: o tiroteio continua

92 **DISCOTECA BÁSICA**
Parliament's Greatest Hits, Parliament

94 **HÁ 5 ANOS**
Os anos dourados da BIZZ

Foto de Capa: T. Sheehan/LFI (Lisa Stansfield); Chris White - Retna (Bon Jovi)

DUAS SEMANAS DE BARBA SEM ENCHER O TANQUE.

Você está vendo a nova máquina de fazer a barba. Dispensa o uso de fios e suas baterias recarregáveis garantem até 2 semanas de barbear com apenas uma recarga. Tem duas cabeças com lâminas flutuantes e auto-afiáveis. Agora é assim: você escolhe onde e quando fazer a barba. Rapidinho.

NOVO PHILISHAVE TRACER RECHARGEABLE.

MUITO MAIS QUILOMETRAGEM POR RECARGA.

PHILIPS

PHILIPS

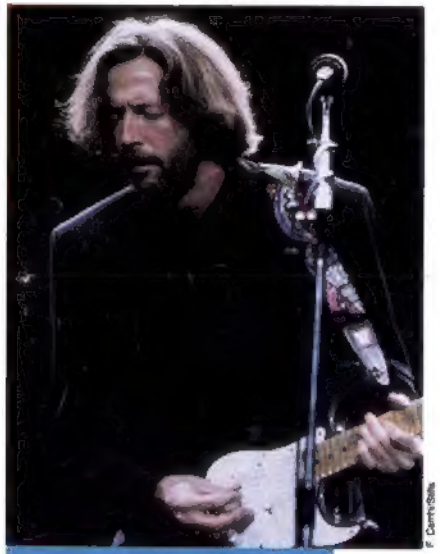
SHOW BIZZ

TITÃS NO HORÁRIO ELEITORAL

Os Titãs estão processando Antônio Carlos Magalhães, candidato ao governo da Bahia pelo PFL, pelo uso da música "Comida" no horário eleitoral gratuito. Procurado pela BIZZ, **Arnaldo Antunes** declarou: "Não fomos consultados por ninguém. Não queremos nos meter nisso, não queremos que nenhum candidato use nossas músicas. Já tomamos as medidas legais para que ele não volte a usar 'Comida', e vamos pedir uma indenização".

Alguns dias depois, os Titãs (menos **Toni Bellotto**) participavam do horário eleitoral gratuito, apoiando Almino Afonso (pai de **Britto**), candidato do PDT ao governo de SP.

Jorge Rosenberg Azul



F. Corrêa/Stilla

CLAPTOMANIA

É uma doença que tortura muitos roqueiros veteranos deste país, que ainda acham que Clapton é Deus, como rezava o velho graffiti-propaganda do Cream. São Paulo vai ter a chance de conferir a divindade de perto nos próximos dias 19, 20 e 21, no Olympia, a preços salgadíssimos. Será que o veterano *slowhand* ainda segura a peteca? Revire o armário e confira a crítica de José Emílio Rondeau na BIZZ de Agosto.

ARTISTAS X CENSURA

Você sempre pode contar com Neil Young para não levar desafora para casa. Depois que a indústria fonográfica americana resolveu colocar os famigerados selos avisando o conteúdo de cada disco, a primeira providência de Young foi colocar uma "faixa bônus profana" em seu novo LP, *Ragged Glory*. A canção se chama "Don't Spook The Horse" e faz o disco merecer o selo graças a três menções da palavra "fuck", a popular "foda". É o primeiro "artistão" a ganhar o selinho, antes exclusividade de discos de metal (como Suicidal Tendencies), rap (King T) e super independentes como Mojo Nixon e a fabulosa Lisa Suckdog (em seu LP *Drugs Are Fun*).

Ainda sobre esse papo de censura: Luke Skywalker, chefão do 2 Live Crew, teve de mudar de apelido graças a um processo de George "Star Wars" Lucas. Rebatizado como Luke Featuring 2 Live Crew, seu grupo já lançou a seqüência do superpolêmico *As Nasty As They Wanna Be*. O disco se chama *Banned In The USA* (banido nos EUA) e a faixa-título usou a base de "Born In The USA", com autorização de Bruce Springsteen.

Stilla

OUÇA ESSA

"Os Paralamas vão parar por um ano. Assim poderemos planejar muito melhor nosso próximo disco e nossa excursão internacional."
Herbert Viana anuncia suas férias

"Esta tour é um dos eventos mais satânicos da história da humanidade. Na Idade Média, ela seria queimada como Bruxa."
Reações do Vaticano à turnê *Blond Ambition*, de Madonna

"Música é uma coisa espiritual. A indústria da música não é."
Van Morrison arrisca um papo cabeça

"Sou a pessoa mais linda que já existiu, e não estou dizendo isso de uma maneira convencida."
Jon, New Kids On The Block

"Minha igreja ainda é o pornoshop."
Billy Idol, sobre um depoimento de sua mãe segundo o qual ele teria se convertido após seu acidente

RÁPIDO E RASTEIRO

★ A edição especial deste mês da revista americana *Spin* foi editada pelo cineasta Spike Lee. Traz entrevista com Eddie Murphy e um artigo escrito por Wynton Marsalis.

★ **17% das rádios americanas tocam só "clássicos do rock".**

★ Bernard Sumner, do New Order, remixou o novo single do Technotronic, "Rockin' Over The Beat".

★ **Guilherme Isnard ressuscitou o Zero, sem teclados e com um som mais roqueiro.**

Reine

VÍDEOS À VISTA

Oba! Finalmente uma gravadora deste país se tocou e resolveu lançar vídeos musicais. A pioneira é a CBS, que está estreando este mês a coleção CVM (CBS Video Music). OK, boa parte dos lançamentos é tortura para quem gosta de pop-rock, mas valeu assim mesmo. Saque só: já estão à venda **The Delicate Sound Of Thunder**, do Pink Floyd; *Greatest Hits Live*, Neil Diamond; *Step By Step*, New Kids On The Block (baba braba!) e *Lambada, The Dance Party* (sabe-se lá o que é isso).

Em novembro, a grande atração é *25x5, The Continuing Adventures of The Rolling Stones*. Também tem a coletânea de George Michael, *Faith*, *Blues & Swing*, de Wynton Marsalis; e o show-monstro *Mandela 70th Birthday Tribute*. Em dezembro rolam o recente *Tommy Live*, com Who e convidados; *Satchmo*, com o grande Louis Armstrong; *Viva Santana*, com o próprio; e (blearg) *Julio Iglesias En España*. Tomara que dê muita grana, assim as outras gravadoras se animam.

★ **Mais dois lojistas foram presos nos EUA por vender o disco *As Nasty As They Wanna Be*, um no Texas, outro em Indiana.**

★ Estávamos fechando esta edição quando chegou a notícia da morte de Stevie Ray Vaughn, 35, num desastre de helicóptero. Ele era considerado um dos melhores guitarristas de blues de sua geração e chegou a ganhar um Grammy em 84. Mais sobre a carreira de Stevie na próxima edição.

Ricardo Saurre Azul

★ **O Sigue Sigue Sputnik acabou. Como despedida, quatro faixas inéditas e as versões originais pré-EMI de seu disco de estréia, com menos teclados e mais guitarra.**

5

NO MUNDO

TUDO Chegou a hora de fazer de conta que nós vivemos no primeiro mundo e estamos cheios de dólares para gastar. Uma lista de compras respeitável exige LIVROS, e a aquisição do mês é *Haircults* (Thames & Hudson, $7,95), de Dylan Jones, em que são investigados os mais absurdos cortes de cabelo já usados desde o nascimento do pop. Beatlemaníacos agora têm à disposição *Every Little Thing*, (Popular Culture Ink, U$ 34,50), de William McCoy e Mitchell Geary, minucioso registro de todas as gravações dos *fab four*, inclusive piratarias e quetais. E, para saber absolutamente tudo sobre Prince, o livro é *Prince: A Documentary* (Omnibus Press, $7,95), de Per Nilsen. VÍDEOS Dance music de ontem e hoje: *Back To Stax*, volumes 1 e 2, é um show que aconteceu em janeiro de 90 em Cannes e reuniu Booker T And The MGs, Sam Moore (da dupla Sam And Dave), Carla Thomas e Eddie Floyd; e *Videobeat Ninety* é um supershow com o melhor da música para dançar atual, com Snap, Black Box, Lisa Stansfield e Urban Dance Squad. Melhor só *California Screamin'*, quatro vídeos com o melhor do rock da costa oeste, fase 67-72.

RÁPIDO E RASTEIRO

EMI-Odeon

Os Pet Shop Boys acabaram de gravar seu novo disco, em Munique. Sai este mês na Inglaterra.

Chuck Berry, 63, foi acusado pela polícia de St. Louis de posse de maconha e de possuir vídeos pornôs em que aparecem menores de idade.

Morreu de overdose o tecladista do Grateful Dead, Brent Mydland. Ele entrou no grupo em 79.

O Asia se reuniu e está gravando LP, sem Steve Howe.

Foram necessárias 287 pessoas para adaptar o estádio Atlético de Madrid para o show dos Rolling Stones.

J. Rosenberg/Arist

Já saiu nos EUA *Bo Diddley: The Chess Box*, com raridades e clássicos do pioneiro Bo.

Melhor nome de grupo deste mês: o zappeano thrash nova-iorquino dos Reverb Motherfuckers, que estrearam com o LP *The 12 Swinging Signs Of The Zodiac*.

EMI-Odeon

Tina Turner voltou atrás em sua decisão de nunca mais excursionar e está tocando na Europa.

Thurston Moore do Sonic Youth e J Mascis do Dinosaur Jr. gravaram um disco juntos, "Rotting Corpses Au Go Go", sob o nome de The Velvet Monkeys.

Calcula-se que cada um dos New Kids On The Block já tenha ganho 25 milhões de dólares em sua carreira. A idade média do grupo é vinte anos.

Claudia Brucken, a cantora do antigo Propaganda, começa sua carreira solo com produção de Pascal Gabriel (Bomb The Bass, S-Express). O primeiro single é "Absolute".

O baterista do Cult, Matt Sorum, saiu do grupo para ocupar o lugar de Stephen Adler no Guns N' Roses. Adler tem problemas com drogas. O Cult não anunciou um substituto.

MTV NO BRASIL

Estréia neste dia 20 no Brasil a MTV-Abril. Inicialmente, a versão nacional da maior rede musical do mundo será transmitida só para duas cidades, São Paulo e Rio de Janeiro.

Para pegar a MTV em São Paulo, é preciso comprar um conversor de UHF (custa uns Cr$ 2 000,00) e sintonizar o canal 32, ou sintonizar através do videocassete. No Rio é só colocar na TV Corcovado, canal 9.

A MTV mundial conta hoje com 5 890 emissoras afiliadas em 39 países da Europa, Oceania, Ásia e América do Norte.

Hoje, a programação da MTV americana se baseia em rap e heavy metal, além de programas especiais. No Brasil, o perfil da programação será diferente. Veja abaixo os principais programas da MTV-Abril.

▷ "Disk MTV" (das 18 às 19h30) Apresentação de Astrid Fontenelle, ex-"Mulher 90". Mistura jornalismo com o Top Ten da emissora, escolhido pelo telefone.
▷ "MTV No Ar" (diário, das 19h30 às 20h). Jornalismo musical e de comportamento, apresentação de Zeca Camargo, ex-"Folha de S.Paulo".
▷ "TV Zona" (quartas, das 21h às 23h). Rita Lee e Antônio Bivar levam para a TV o irreverente programa de rádio que produziram há alguns anos, "Rádio Amador"

E sem horário definido:

▷ "Clássicos MTV" Os melhores clips da década de 80.
▷ "Rockistória" Documentários.
▷ "Cine MTV" Cinema.
▷ "Fúriametal" Heavy, thrash e hard rock.
▷ "Dance MTV" Dance music e rap.
▷ "Ponto Zero" Vanguarda.
▷ "Saturday Night Live" Episódios legendados do famoso seriado americano de humor, de onde saíram John Belushi, Bill Murray e Dan Aykroyd.
▷ "Top 20" Os vinte mais dos EUA, Brasil e Europa.

NO MUNDO

MÚSICA Mais lançamentos fantásticos no exterior, com pouquíssima chance de chegar ao Brasil. Tem o novo do Art Of Noise, *The Ambient Collection*, uma volta à praia puramente instrumental. A cena indie vai bem, obrigado. Vide o LP póstumo do delicado Fairground Attraction, *Ay Fond Kiss*. E duas crias do *paisley underground* californiano voltam à cena: *She Hangs Brigtly* é a estréia do grupo Mazzy Star, novo projeto de David Roback (Rain Parade, Opal), enquanto *Kerosene Man* é o primeiro solo de Steve Wynn, líder do Dream Syndicate. Para quem gosta de barulho o canal é *Frizzle Fry*, do Primus, ou a nova versão remixada de *Masters Of Reality*, dos próprios. Quem curte música de raiz não pode deixar passar o novo do blueseiro caipira John Hiatt, *Stolen Moments*, nem o ao vivo do *jazz folkie* Tim Buckley, *Dream Letter*. Para dançar, três boas estréias: *Saxuality*, da saxofonista holandesa Candy Dulfer, a predileta de Prince e Dave Stewart; e duas rappers, a nova-iorquina LA Star (*Poetess*) e Monie Love (*Down To Earth*). Excelentes antologias também estão saindo. Viajantes encontrarão a trilha sonora perfeita para suas trips em *Stasis - The U.A. Years 1971-1975*, caixa que traz a melhor fase dos mestres do space rock, Hawkwind. *The Ultimate Collection* e *The Wild One* trazem o melhor de, respectivamente, Little Faces e Suzi Quatro (lembram?). Nem tão velho, mas também de altíssima qualidade são as *Peel Sessions* dos Buzzcocks. E, para fechar, boas novas: os Allman Brothers voltaram à ativa, com o LP *Seven Turns*.

CARA NOVA
MARIAH CAREY

CBS

Nada como freqüentar os lugares certos. Conta a lenda que Mariah Carey, então com 19 anos, abordou numa festa o presidente da CBS mundial, Tommy Mottola, e lhe entregou uma fita demo. O chefão enfiou no bolso e logo depois foi embora. No carro, ouviu a fita. Deu meia volta, localizou a moça na festa e a contratou. Hoje com 20 anos, Mariah é uma das vozes femininas com maior poder de fogo no mercado americano. Seu single de estréia, "Vision Of Love" — uma balada com tinturas de doo wop —, estourou simultaneamente nas paradas black, pop e adulta dos EUA, um feito inédito. O álbum *Mariah Carey*, produzido por Narada Michael Walden, está seguindo o mesmo caminho. E ninguém pode acusar a moça de armação: além da excelente voz, ela é ainda a principal compositora do disco.

NIKE AIR CROSS TRAINER.
PARA ELE, UM ESPORTE SÓ É POUCO.

As pessoas que fazem esportes estão cada vez mais praticando vários esportes.

Esta tendência mundial foi detectada pelo pioneirismo da Nike, que lançou o conceito "cross training".

Depois de criar os melhores calçados específicos para cada esporte, os laboratórios Nike agora desenvolveram Nike Air Cross Trainer: o primeiro específico para todos os esportes.

Nike Air Cross Trainer reúne características poliesportivas e é equipado com o sistema Nike Air, exclusivo, de amortecimento e impulsão.

Você joga tênis, basquete, anda de bicicleta, faz jogging e pratica aeróbica, sem precisar mudar de tênis a cada vez que muda de esporte.

Nike Air Cross Trainer. Para ele, um esporte só é pouco.

É para você?

NIKE AIR CROSS TRAINER. O PRIMEIRO TÊ NIS ESPECÍFICO PARA TODOS OS ESPORTES.

Extraño. (Do latim extraneu.) Adj. 1. Fora do comum; novo. 2. Singular; extraordinário; extravagante; excêntrico. 3. Misterioso; desconhecido; enigmático. 4. Que é de fora; externo; exterior; estrangeiro.

Nenhum de Nós. Extraño. Um disco fora do comum.

Incluindo o sucesso Sobre o Tempo

LP•K7•CD

BMG

RCA

ALTA ROTAÇÃO

CHEGA DE SAUDADE (59), **O AMOR, O SORRISO E A FLOR** (60) e **JOÃO GILBERTO** (61) Os primeiros LPs do ermitão e seu violão jazzy-zen, um mutante cool numa terra onde se ganha no grito. **J.A.L.**

SUNRISE, Vários Alô WEA, que tal colocar à venda seus LPs promocionais? Garanto que, bem promovido, um vinil como este — que reúne uma versão 12" de "Enjoy The Silence" e mais Renegade Soundwave, 808 State, Adamski, Beloved e Nitzer Ebb em remixes especiais — venderia muito. Leitores, exijam! **A.F.**

CHET BAKER SINGS AGAIN, Chet Baker Gravado em 85, três anos antes de sua morte, este CD (um pecado que não tenha saído em vinil) traz a fragilidade vocal de Chet acentuada. Sussurros de um trompetista extracool. **L.C.**

SWING THE HEARTACHE: THE BBC SESSION, Bauhaus Quem julgar a indicação gótica demais é que deve realmente se preocupar em ouvir e *entender* este duplo. Um pouco de paciência sempre ajuda a destruir preconceitos. **C.M.**

SMOKING IN THE FIELDS, The Del Fuegos Antes mesmo dos Pixies e Throwing Muses, Boston já sacudia com o r&b feroz deste quarteto... e **NATURAL HISTORY, Talk Talk** Um *must* do pop sofisticado dos quatro LPs do grupo. **C.P.**

"WHEN WILL I SEE YOU", Pretenders Sinta arrepios só de imaginar essa faixa de *Packed!* com voz e poesia de Morrissey. Mas Chrissie segura bem a parceria com Johnny — aqui, num de seus melhores trabalhos pós-Smiths. **M.A.G.**

FAST FORWARD

MANO NEGRA

A. J. Barreto/Rotha

Da França vem uma saudável confusão com pique de rock e 100% anarquista

O ar está em ponto de ebulição, um coquetel molotov de calor, suor, eletricidade. Nove pessoas estão sobre o exíguo palco do Roxy, em Los Angeles — ou seriam dez, ou talvez uma dúzia, cabelos voando, shorts rasgados, camisetas em frangalhos. "Patchanka, patchanka", gritam em uníssono os nove (ou dez? ou doze?) membros do Mano Negra, enquanto a platéia de skatistas, surfistas e adjacências sobe mais alguns graus no termômetro físico e emocional, *slam dancing* na arrochada pista, atirando-se sobre o palco.

É uma noite como poucas, no mundo plástico do pop — uma noite de sangue, energia e paixão, como as que faziam o U2 em 1981 ou o Clash em 1979. Aliás, quando o Mano Negra encerra o quarto bis com "I Fought The Law", na versão Clash, a conexão fica óbvia — deveria haver uma lei proibindo bandas brancas de continuarem as carreiras após seus integrantes completarem 25 anos. O Mano Negra é o mais perfeito antídoto para o veneno passadista/ revisionista que está paralisando o rock na virada da década: jovem, caótico, iconoclasta, vira-lata.

Sua história é o retrato do novo mundo, cada vez menor, da nova Europa pós-colonial: Mano Negra (Mão Preta, referência a um grupo anarquista espanhol) foi fundado em março de 88 em Paris por Manu e Tonio Chao (respectivamente guitarra e trompete), filhos de imigrantes espanhóis. E a colaboração do primo Santi Casariego na bateria, mais as incorporações de um bando cada vez maior e mais miscigenado de amigos.

O resultado foi uma saudabilíssima confusão de línguas, estilos, preferências — "não faria sentido estar numa banda que não representasse todo o universo cultural atrás dela", diz Manu Chao. O Mano Negra tem um repertório sangüíneo, que vai do ska mais alucinado a batucadas brasileiras, passando por inflexões árabes, africanas e caribenhas, mais um bocado de rock anfetamínico — tudo isso cantado ecumenicamente em inglês, francês, espanhol e árabe (às vezes, tudo ao mesmo tempo, ou quase). Os Mano Negra gostam de chamar a música que fazem de "Patchanka" — gíria gitana para farra, pagode, putaria.

Patchanka, aliás, foi o título de seu primeiro disco, um EP lançado por um selo independente francês que rapidamente criou o rebuliço necessário para que a Virgin se interessasse pelos rapazes. Contratado em 89, o Mano Negra acaba de lançar seu primeiro álbum internacional, que atende pelo comovente título de *Puta's Fever* e inclui duas canções do EP, "Malavida" e "Índios De Barcelona". Paixão dos franceses antenados, o Mano Negra está, agora, cativando a América, onde já tem platéia cativa entre surfistas e skatistas.

ANA MARIA BAHIANA

WAS (NOT) WAS

Com Iggy Pop, B-52's, Bonnie Raitt e Bob Dylan no currículo, Don Was já é o maior produtor de 1990

Crescemos em Detroit", explica Don Was, "ouvindo Motown, George Clinton, MC5 e jazz de primeira."

Estes estilos desencontrados se cruzaram em 80, quando o Was (Not) Was — Don Was e seu "irmão" David Was — lançou seu primeiro disco, que trazia o nome do grupo. "Ele foi incluído num movimento chamado *mutant disco*. Basicamente, o que fazíamos era despir a música até que só sobrassem o baixo e a batida da bateria. Depois, púnhamos o máximo de coisa por cima."

Era uma abordagem tão semelhante à da *house music* que Don acha difícil ficar empolgado com o que se faz hoje. "Quando lançamos o doze polegadas 'Out Come The Freaks', remixar significava colocar uma versão com trechos instrumentais no lado B. Esse foi o primeiro single que teve um lado *dub*, porque na época ouvíamos muito Augustus Pablo e todos os jamaicanos. Tentávamos combinar todas estas coisas com nossas raízes..."

O segundo LP, *Born To Laugh At Tornadoes*, contou com várias participações especiais, do veterano *jazz singer* Mel Tormé a Ozzy Osbourne. "A WEA sugeriu que usássemos uma cantora que eles tinham acabado de contratar, a Madonna. Mas, apesar da parte que ela cantou ter ficado ótima, não combinava bem com a música. Então nosso advogado, que também trabalhava com o Ozzy, sugeriu ele — e ficou ótimo."

Foi o terceiro álbum, *What's Up, Dog?*, que finalmente levou a banda às paradas, com os hits "Spy In The House Of Love" e "Walk The Dinossaur". No ano passado, a dupla participou da turnê *Club MTV*, junto com Paula Abdul, Information Society e Milli Vanilli. "Adivinhe quem é que se sentiu de fora", goza Don. "Desde criança eu sonho em tocar numa turnê deste tipo. Talvez devesse ter realizado o sonho aos dezenove anos, e não aos 37."

Paul Cox/LFI

"Nosso primeiro show foi em Milwaukee, para umas trinta mil pessoas. O Milli Vanilli não toca ao vivo, as vozes estão todas em samplers. Aí um dos caras do som se esqueceu de ligar o sampler com as vozes, e o Milli Vanilli ficou no palco, fingindo que estavo cantando — mas só se ouvia a música, sem as vozes (risos). Os dois saíram do palco, deram um soco no cara do som e se trancaram no ônibus. Enquanto isso o cara do som percebeu o que tinha feito e ligou o seqüenciador... De repente os vocais invadiram o estádio, mas não tinha ninguém no palco! O público não estava entendendo mais nada."

"No começo, fiquei furioso. Porque nós temos uma banda de onze músicos, tocamos ao vivo e tocamos grandes músicas. Mas depois eu pensei bem. As pessoas pagaram para ver o que queriam ver e fiquei entretidas. Acho que o Milli Vanilli foi melhor que nós, como entretenimento — então, quem sou eu para julgá-los?"

> "O Milli Vanilli não canta, dubla o tempo inteiro. Sei porque vi"

Este ano o Was (Not) Was lançou o álbum *Are You OK?*, com muito funk, soul e até um rap incluído na cover de "Papa Was A Rolling Stone" (um clássico dos Temptations), que já está subindo nas paradas. Desta vez, as participações especiais ficam a cargo de Leonard Cohen e The Roches. Enquanto isso, o som da banda continua sendo chamado de "dance music para aqueles que sabem pensar". Don: "Nosso material é dançante, mas também é profundo. 'Out Come The Freaks', por exemplo, tinha um *groove* de 'Good Times' do Chic, mas também tinha guitarros *acid rock* tipo MC5 e um solo de trompete tipo bebop. Sempre tentamos justapor estilos musicais conflitantes".

> "Chamo o que faço de *mutant disco*, um mix de Chic, acid rock e bebop"

E atenção para as palavras de sabedoria de Don Was. "A música pop fornece uma trilha sonora para a vida das pessoas. Em sua melhor forma, o pop reflete os tempos mas também afeta os tempos. Eu cresci nos anos 60, quando o pop era usado como uma bíblia, usado para mobilização política. Não sei como é no Brasil, mas nos EUA as pessoas só reagem quando se sentem ameaçados de perto. No momento estão todos vivendo sob a ilusão de prosperidade, nossa herança da administração Reagan/Bush. Mas isso não vai durar muito."

Os últimos doze meses trouxeram um impulso inesperado à carreira de produtor de Don. Seu trabalho com Bonnie Raitt, *Nick Of Time*, recebeu o Grammy de melhor disco do ano. Ele participou da revitalização da carreira do B-52's, com o sucesso de "Love Shack". Acaba de produzir os novos LPs de Bob Dylan e Iggy Pop e ainda este ano trabalhará com Elton John, Bob Seger, Paula Abdul e David Crosby.

Sobre as razões por que é tão procurado — e por gente tão diversa —, Don é honesto: "Como tenho meu próprio grupo, em que dou vazão ao meu lado criativo, não sinto necessidade nenhuma de me impor quando produzo. Minha função é de mediador e também de garantir que as pessoas atravessem o processo sem problemas. Não preciso inventar ou impor idéias. Com Bob Dylan, por exemplo... ele não precisa de mim para dar idéias. Ele tem dez mil por minuto! É o músico mais talentoso e instintivo que eu conheço".

"Produzi também o disco novo de Iggy Pop. Se você for fã dele, vai gostar muito. Iggy é um cara que levou o estilo de vida do rock'n'roll aos limites — e sobreviveu. Acho que esse disco é um momento decisivo em sua carreira. Está na hora de ele ser colocado lá em cima, junto com Neil Young e Bob Dylan. É um disco pesado, com participações de Slash e Duffy do Guns N'Roses em várias faixas — mas também há outras só com Iggy e seu violão."

E quanto ao cenário pop/rock de hoje em dia, o que o pioneiro das colagens dançáveis tem a dizer? "O que me impressiona mais é a proliferação de bandas híbridas, que combinam vários estilos. Eu as acho extremamente saudáveis. Para mim rock'n'roll é isso, é rebelião, é olhar na cara da sociedade e dizer 'todo-se, eu vou viver minha vida da maneira que quiser'."

ANAMARIA G. DE LEMOS

A mais nova estrelinha descartável do pop inglês canta e encanta nas discotecas brasileiras

EMI-Odeon

SONIA

"Desde meus três ou quatro anos de idade, sempre cantei e diverti as pessoas. Minha mãe dizia que, quando íamos ao médico, eu fazia os pacientes mais felizes..." O fato é que Sonia esteve aqui pelo Brasil e, graças ao estouro de "Listen To Your Heart" nas rádios, arrastou alguns milhares de fãs para seus "playbacks" (a base das músicas pré-gravada e a voz ao vivo). Isso sem contar uma apresentação energética no *Xou da Xuxa*.

Essa inglesa de dezenove anos (!!!), cria dos fabricantes de hits Stock, Aitken & Waterman, não se importa em ser considerada "mais uma" cantora pop. "Me desenvolvi dentro disso", diz, situando-se entre Whitney Houston, Donna Summer, Phil Collins (?) e Gloria Estefan...

"Acho que ninguém realmente sabe como meus produtores (o trio SAW) trabalham nas composições. Primeiro, eles procuram conhecer você, sua personalidade. Somente depois fazem uma música que tenha a sua cara. Você vai ao estúdio, ouve e então grava..."

Falando como uma matraca ruiva de 1,65 m, Sonia admite: "Eles são caçadores de talento. Muita gente foi lançada pelo trio. Construíram pop stars, fizeram o que elas são hoje. Injustamente, essas mesmas pessoas quando dão entrevistas procuram desvencilhar-se deles, dizem não saber como se envolveram... Acho isso uma injustiça..."

Confiando cegamente em seus mentores, revela até que, se seu próximo disco fosse um fracasso, sequer pensaria em trabalhar com outras pessoas. "Podem até chamá-los de fábrica de hits, mas o mais importante é que eles te dão uma chance. Eles não têm mais necessidade de ficar fazendo isso. Já estão ricos o suficiente..."

Após a minitumê promocional por aqui, Sonia voltou à Inglaterra e já começou a ouvir o material para seu próximo álbum, previsto para o fim do ano. Aos fãs mais ávidos por novos produtos da donzela, oi vai um consolo: ela está no novo single dos moçoilos do Big Fun com cover *dance* de "You've Got A Friend", aquela do James Taylor (!).

CLÁUDIO MENEZES

DERCY VISITA A TERRA DE MARLBORO

"Como demora gravar essa porra!" *Sorry* pelo palavreado, mas se uma velhinha de 84 anos pode xingar assim, a gente também pode — ainda mais quando ela é um patrimônio nacional como Dercy Gonçalves, que soltou essa reclamação quando fazia um rap (!) numa versão hip hop para o "Rock Das Aranhas", de Raul Seixas (!!).

Seguinte: ano passado o afamado DJ Marlboro fez sucesso no LP *Funk Brasil* com sua versão do rock das aranhas, então com vocais de Cidinha Cambalhota. Gravando agora *Funk Brasil Volume 2*, Marlboro resolveu dar espaço à réplica das mulheres e Dercy foi recrutada para esse evento inesquecível. A letra foi modificada e narra elegantemente as aventuras de dois rapazes que brincam de esconder "suas cobras". Espiões presentes relatam que Dercy ficou absolutamente à vontade e se divertiu para cacete (epa!). O disco conta ainda com as participações de Regina Casé e Luís Fernando Guimarães. *CLÁUDIO MENEZES*

Cristina Granato/Azul

Dercy Gonçalves e DJ Marlboro no estúdio

RAPOLÊMICA

É, evidentemente, uma polêmica sobre as virtudes e os defeitos do rap. Quem levantou a bola foi o jornal *USA Today*. Confira o que estes astros pensam a respeito.

Emi - Odeon

DAVID BOWIE Adoro rap. Pode ser ofensivo às vezes, mas recupera todas as qualidades que a música negra tinha quando eu era garoto. Tem muita vitalidade.

CHRISTINE McVIE, FLEETWOOD MAC Não entendo rap e não acho que é música.

TOM PETTY É a única forma musical por aí que ainda tem algo a dizer. O rock já era.

Ken Sharp/LFI

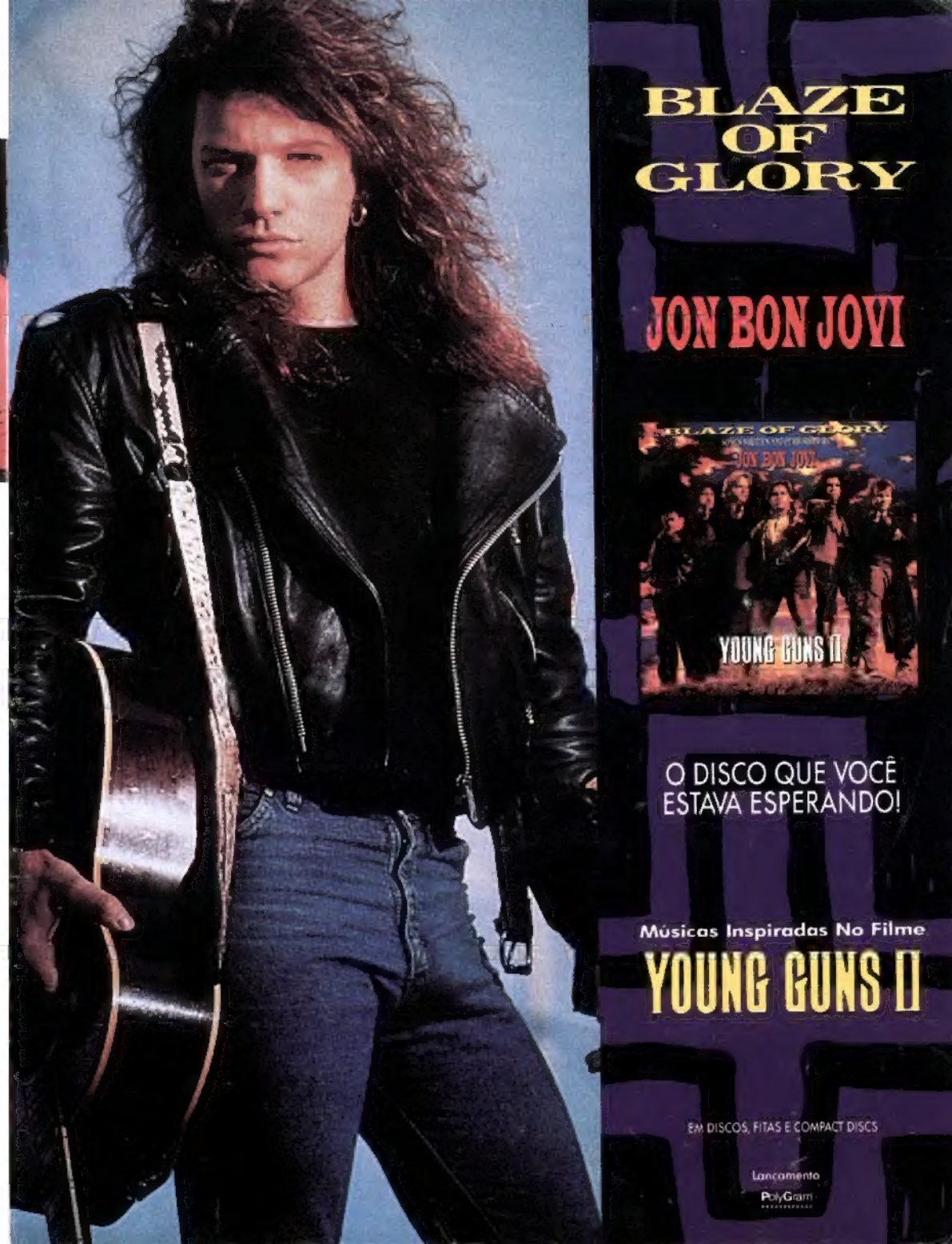
ERIC CLAPTON A maioria dos grupos de rap e metal que aparecem na MTV não tem identidade, são chatos. Mas gosto de *De La Soul*, pelo humor, e de *Bobby Brown* e *Neneh Cherry*, que misturam rap com muitas outras coisas.

NANCY WILSON, HEART Tem um sentido educacional, mas a maioria das músicas é muito negativo.

Hallin/Rapoloto - Stills

ROBERT PLANT Às vezes não entendo muito bem o que eles falam, aquele sotaque do Bronx é grego para mim. Gosto dos samples e da batida. Mas, na verdade estou muito mais interessado no momento em dance music e house. O rap já está meio caído.

SINÉAD O'CONNOR Rap é honesto, não romantiza a vida. É um fator de união entre o povo negro e muda o tempo todo, que é o que uma forma de arte deve fazer.


BLAZE OF GLORY
JON BON JOVI
BLAZE OF GLORY
JON BON JOVI
YOUNG GUNS II
O DISCO QUE VOCÊ ESTAVA ESPERANDO!
Músicas Inspiradas No Filme
YOUNG GUNS II
EM DISCOS, FITAS E COMPACT DISCS
Lançamento
PolyGram

JON BON JOVI

SOLO

O garoto de ouro do hard rock lança seu primeiro LP e estréia no cinema

Quem pisca perde não ver o momento em que Jon Bon Jovi é fuzilado em *Young Guns 2* — o faroeste rock'n'roll que mostra as aventuras de Billy The Kid (Emilio Estevez). São menos de dez segundos em cena: Billy chega à cidade para libertar dois de seus comparsas (Kiefer Sutherland e Lou Diamond Phillips) que estão presos numa cela improvisada num fosso. Na confusão, os demais prisioneiros também escapam: entre eles, um sujeito cabeludo e sorridente demais para um condenado à forca. O hirsuto meliante rouba a arma do xerife mas é instantaneamente baleado por outro agente da lei. E assim acaba a "estréia de Jon Bon Jovi no cinema".

A verdadeira entrada do vocalista, compositor e guitarrista no mundo do celulóide, porém, é a coleção de dez canções que ele compôs e gravou para a trilha de *Young Guns 2*. O disco chama-se *Blaze Of Glory* (título também do primeiro single) e traz participações especiais de Little Richard, Elton John, Jeff Beck, Waddy Wachtel (um ex-X-pensive Winos, a banda que acompanhou a primeira incursão solo de Keith Richards), Benmont Tench (tecladista de Tom Petty), Kenny Aronoff (baterista *extraordinaire* do grupo

de John Cougar Mellencamp) e o guitarrista canadense Aldo Nova.

Jon faz questão de frisar que *Blaze Of Glory* não é um disco solo, e sim uma trilha para um filme específico que em nenhum momento se choca com os interesses de Bon Jovi, a banda. No entanto, os cinco integrantes do Bon Jovi não se reúnem desde fevereiro, e inúmeras vezes surgiram rumores dando conta do fim da banda, uma das mais bem-sucedidas dos anos 80, com quase trinta milhões de álbuns vendidos no mundo inteiro. Pergunte a Jon se o Bon Jovi acabou e se prepare para ouvir respostas evasivas e dúbias. Se a banda acabou ou não, só se saberá quando chegar a hora de o grupo iniciar uma turnê no extremo oriente, no final do ano. Até lá, os fãs tem *Blaze Of Glory*

Rock star e, agora, movie star?

(*Sorrindo*) Ah, meu Deus — que carinha mais bacana, né? (*risos*). E... adorei ter participado deste projeto. (*Depois de breve pausa, mudando de assunto*) Será que todo mundo da imprensa ganhou esses toca-fitas walkman que a Fox está dando de brinde? Vou estrear o meu no avião (*risos*). Eu troco de walkman como quem troca de camiseta: vou jogando tudo pelos cantos... Enfim, *Young Guns* foi a forma que encontrei para admitir que sou um *workaholic*, um viciado em trabalho. Porque, tipicamente, o que eu vinha fazendo, ano após ano, era álbum-tour-álbum-tour-álbum-tour-álbum-tour. Foi isso que fizemos nos últimos sete anos. E eu vou para casa e juro que "agora eu vou parar para poder descobrir a América, aprender jardinagem, fazer uma lanternagem no meu carro, vou fazer tudo menos..." Mas este ano eu sabia... como todo ano, eu sou um pirado... que precisava compor. Conversa vai, conversa vem com Emilio Estevez, dali a pouco já tinha dez canções. (*Pondo as mãos para o céu*) "Obrigado, Senhor Agora eu já posso gravar um álbum que não é o Bon Jovi, que não é um disco solo, mas que é para um filme.

Serão mera coincidência os rumores sobre o fim do Bon Jovi terem começado justo agora?

(*Abanando a cabeça*) Nhem, nhem, nhem, nhem. Adorava ver o Richie (*Sambora, guitarrista do Bon Jovi*) fazer uma comédia para a TV junto com Cher (*namorada de Sambora e ex-parceira de Sonny Bono num programa semelhante que ia ao ar nos EUA durante os anos 60*). Seria o máximo (*cai na gargalhada e cantarola um trecho de "I Got You, Babe", hit da dupla Sonny And Cher*). Mas acho que isso jamais acontecerá. E se acontecer vou dar uma de Lee Harvey Oswald e... (*fingindo que está apontando uma arma*)... Richie... bang (*faz um som de disparo*), deixa que eu acabo com sua agonia. (*Agora mais sério*) Cher é maravilhosa. E essa coisa toda é um punhado de mentiras. Para falar a verdade foi a mídia que inventou tudo isso sobre o fim do grupo. Começou no final da turnê *New Jersey*, no México. Era o show de número duzentos e trinta e tantos. E eu tinha recebido, àquela altura, uma pilha de fitas demo que haviam sido entregues por diferentes bateristas com bilhetes dizendo: "Já que seu baterista está dando no pé, eu posso ser o substituto". E mandavam também umas fotos posadas com o instrumento. E eu olhava para o Tico e perguntava a ele: "Você está de partida?" E ele: (*imitando a voz rouca do baterista do Bon Jovi*) "Não". Daí voltei para casa e comecei a ler nos jornais que Cher estava provocando o fim da banda, que Richie estava saindo do grupo... Até hoje não conversei com Richie a respeito disso e para ser sincero nos cinco nunca mais estivemos juntos numa mesma sala desde aquele show no México, que foi em fevereiro. Isso ajudou a pôr lenha na fogueira. E agora, ainda mais com este disco que fiz sozinho, as pessoas ficam sacando, não sei de onde que a banda acabou. Mas não existe nenhuma animosidade entre os integrantes.

> *"Queria que Richie Sambora e Cher fizessem um programa de TV. Aí eu ia lá e* bang!, *mandava bala"*

Já que está tudo bem, o Bon Jovi tem planos de gravar um disco novo logo ou voltar a fazer shows?

Não, não.

Então a banda acabou?

(*Suspirando*) Não sei o que responder. Estamos planejando uma turnê pelo extremo oriente, que começaria na noite do ano novo de 1991 e duraria um mês: lugares como Taipei, Seul, Manilha. Mas esta turnê foi vendida em fevereiro de 90. Então, embora nenhum de nós tenha se reunido desde então, o plano é esse.

Daqui até lá o que acontece, então?

Tem um canadense chamado Aldo Nova, um grande amigo meu, que me ajudou nesta trilha e me ajudou no primeiro álbum do Bon Jovi. Ele foi cortado da gravadora dele no ano passado, e vou ajudá-lo a gravar e produzir um disco novo para que ele volte à ativa numa ótima. Isso começa em outubro, ou seja, se você souber de alguém que precise de ajuda num disco até outubro, pode dizer que estou disponível (*risos*).

Como você acabou gravando esta trilha?

Em setembro do ano passado nossa tour chegou a Los Angeles. Emilio e eu nos encontramos... E eu sempre havia dito a ele que se algum dia eu tivesse trabalhado no cinema, gostaria que tivesse sido em *Young Guns*. Emilio disse: "Que sorte a sua. Estamos filmando *Young Guns 2* e queremos usar uma canção sua na trilha, 'Wanted Dead Or Alive'". Me senti superinjetado, ainda mais quando soube que John Fusco, o roteirista, havia se inspirado na minha canção para escrever o filme — como fã, fiquei chapado. Um tempo depois, em fevereiro, voltei a pensar no assunto: "Talvez a letra não seja tão apropriada assim para o filme. Deixa ver se eu consigo compor alguma coisa mais apropriada". Como eles ainda estavam filmando, dei um pulo até Santa Fé, onde o filme foi rodado. Cheguei lá com meu violão, toquei a música que havia composto, "Blaze Of Glory" e, quando terminei, me deram o script na mão dizendo "por que você não compõe toda a trilha sonora de uma vez?" Foi o que fiz.

O diretor do filme, os produtores ou alguém do elenco interferiu na composição destas músicas adicionais?

Bom, sim e não. Eles não cerceiaram meu trabalho, de forma alguma. Mas me deram o script e me explicaram tudo sobre os personagens. E isto me ajudou a desenvolver a participação destes personagens nas músicas. E os atores me ajudaram muito nisto. Compus o disco baseado no script, não vi nada do que eles haviam rodado até então. Se tanto, estive no set uns quatro dias. Agora, quanto à minha participação no filme propriamente dito, ela é muitíssimo mais curta do que o tempo que eu levaria para descrevê-la (*risos*). Não é o começo de uma carreira no cinema. Qualquer semelhança entre Elvis e eu pára por aqui (*risos*).

Mas, mesmo sendo pequena, não abriu seu apetite para o cinema?

Me deixou mais curioso, porque me diverti tanto com esses caras e admiro muito todos eles. E é tão diferente do que eu faço normalmente. O convívio é diferente do que se vê numa banda: uma banda é como uma família. Atores fazem um filme juntos, são ótimos amigos durante este período de trabalho, mas depois se dispersam e vão fazer filmes em separado. Os caras da minha banda não fazem turnês em separado. Todos nós vivemos para a banda. E também existe o fator da adulação instantânea de toda noite, com aço e reação da platéia... não existe nada parecido no cinema. Então, para mim um filme é dez vezes maior e dez vezes mais chato do que trabalhar num videoclip (*risos*).

Você já disse em entrevistas que tem vergonha de uma câmera. Mas você não parece inibido diante de uma platéia de dezoito mil pessoas. Qual é a diferença?

Olha, eu tenho o maior respeito por estes caras, como atores, e ainda estou aprendendo o significado desta palavra — ator —, porque, como atores, eles podem fazer de conta que são alguém que na verdade eles não são. Eu curto dar uma de cowboy. Mas ser um ator... O máximo que eu posso fazer — aqui nesta conversa, em cima de um palco ou dentro da minha casa — é ser eu mesmo. As canções que eu escrevo são sobre mim mesmo. Quando eu escorrego numa palavra, me levanto e

sacudo a poeira do tombo, aquilo sou eu caindo. Eu não invento um personagem que eu "ligo" e "desligo" quando bem entender. Então tenho o maior respeito por gente que consegue fazer isso.

Sua participação no filme, na tela, foi idéia sua?

Havia um ou dois pequenos papéis dando sopa, e eu escolhi este porque nessa hora tocava uma das minhas músicas. Vai virar uma boa pergunta para um jogo de *trivia*, de "cultura inútil" (*risos*).

Você acha muitas diferenças entre a indústria fonográfica e a indústria do cinema?

Ah, são dois animais completamente diferentes. E acho que a do cinema é um barato maior. Parece que a industria fonografica é mais ou menos uma família. Você trabalha com as mesmas pessoas. Então quando eu assino um contrato com a PolyGram em 1983... meus filhos acabam sendo contratados da PolyGram, entendeu? Eu jamais vou sair da PolyGram, é como uma pena de prisão (*risos*).

Há uma enorme polêmica atualmente em torno do fantasma da censura que estaria assombrando os Estados Unidos. Qual é sua opinião a respeito, como músico?

Os caras dos 2 Live Crew devem ser livres para gravar o que bem entenderem. Agora, o que você compra é outra coisa. Acho que essa é uma decisão que deve ser individual, mas precisa ser discutida com seus amigos e familiares. Se você é menor e seus pais não querem que você compre um disco, a decisão é deles: são deles os dez dólares que vai gastar no disco. Mas ninguém tem o direito de dizer a essas pessoas o que elas podem ou não podem comprar. Quanto à controvérsia em torno do 2 Live Crew, acho que este juizinho da Flórida que transformou o disco num item ilegal... Vocês da imprensa badalaram tanto aquilo que deram a impressão de que o episódio era mais importante e significativo do que realmente foi, e todo mundo agora só fala de 2 Live Crew. Ainda não ouvi o disco deles, estou curioso, mas nunca tenha sequer ouvido falar do disco caso essa controvérsia não existisse.

White Orca Gang

"Tenho vontade de pegar os caras do Milli Vanilli e dar uma surra neles"

Discute-se muito hoje em dia o uso de playback em shows pretensamente ao vivo...

É, eu soube de uma banda que estava se apresentando, o gravador quebrou e eles saíram do palco chorando (*risos — o grupo é o Milli Vanilli*). Isso me ofende. Eu não pagaria dinheiro para ver esses caras dançando, prefiro ir ao balé, ou a um show de dança. E aqueles anos todos que eu fiquei trancado no meu quarto aprendendo a cantar e a tocar... só para virem esses caras dançando com playback? Sabe o que me dá vontade de fazer? (*ele finge estar segurando um objeto em cada mão*) De agarrar os dois e porrar uma cabeça na outra. Isso me incomoda.

Enquanto você estava trancado no seu quarto aprendendo a tocar e cantar, em quem se inspirava?

Num monte de gente. Tipicamente, as bandas dos anos 70, gente como Thin Lizzy, Aerosmith, além de todos os caras de New Jersey, a quem devo muita coisa, como Southside Johnny And The Asbury Jukes, Bruce Springsteen. Eles eram os caras locais, entende? Foi daí — as bandas de hard rock, e a inspiração dos caras locais que haviam se dado bem — que surgiram as gerações seguintes: gente como nós, Cinderella, Skid Row.

E na trilha de *Young Guns 2* você trabalha com músicos de gerações anteriores à que te influenciou, como Little Richard, Elton John e Jeff Beck.

Já que não ia usar minha banda, fiz a escalação dos meus sonhos. A primeira escolha foi Jeff Beck. Sempre o admirei como guitarrista, adoro o que ele fez com Rod Stewart, Mick Jagger. Então liguei para ele, dizendo que estava gravando a trilha do filme, que gostaria que ele viesse a Los Angeles para trabalhar comigo. Mas ele estava com pressa, precisava sair, disse: "Ok, estarei lá" e desligou o telefone, e eu: "tá, tô sabendo". Mas ele acabou chegando ao estúdio antes de mim. Eu já havia cantado com Elton John num show dele, Elton já havia cantado com minha banda num de nossos shows, e ele estava na cidade esperando a hora de poder usar o mesmo baterista que eu estava usando. Eu sabia que ele não podia trabalhar sem esse baterista, então raciocinei: "hoje à noite Elton deve estar em casa assistindo TV, talvez ele pudesse dar um pulinho no estúdio". Pois ele veio e tocou em duas faixas. E foi Jeff Beck quem me disse que adorava conhecer Little Richard. Eu já havia tocado com Richard, no Bon Jovi. Telefonei para Richard e disse a ele que Jeff Beck queria conhecê-lo, Richard veio e... para mim, foi como apresentar uma lenda a outra lenda. E foi um barato tão grande poder dar alguma coisa a Jeff, porque... ele não conseguia controlar os próprios dedos, eu sei como é que é esse tipo de excitação, e ele começou a tocar "Lucille", e eu sei que ele devia estar se sentindo o maior bobo. Não conseguia se controlar — ele pediu que Richard autografasse a guitarra dele e, depois que ganhou o autógrafo, Jeff se levantou da cadeira e disse: "Este é o motivo por que estou nesse business". Eu sabia como ele estava se sentindo porque eu mesmo já disse isso algumas vezes para algumas pessoas.

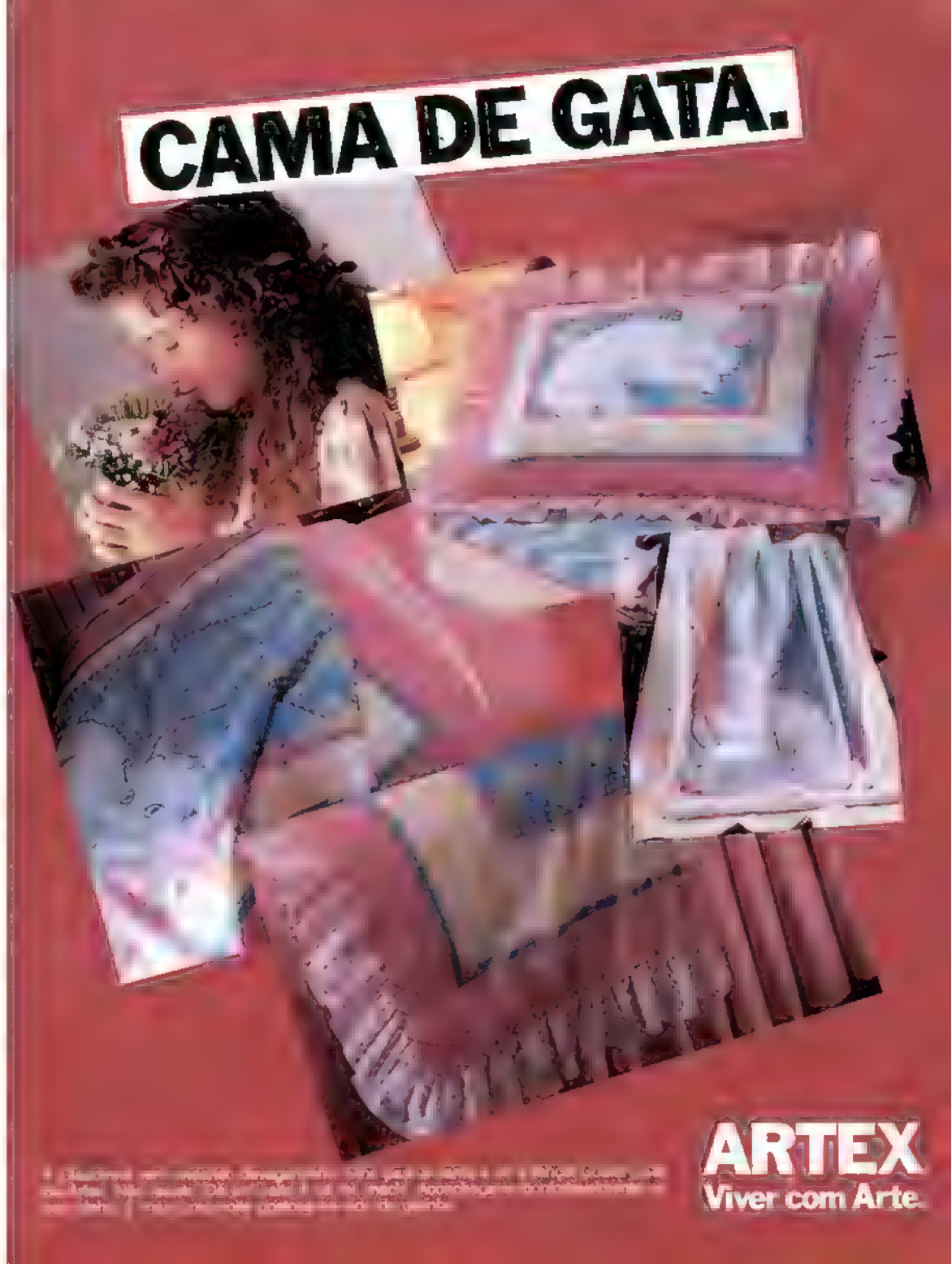
Que pessoas?

Tom Petty, Bruce Springsteen, Robert Plant... a lista é interminável.

Você sabe alguma coisa sobre o filme que estaria sendo bolado sobre a vida de Little Richard?

É mesmo? Eu adoraria ver este filme. É possível que eu produza o novo álbum dele. E seria ótimo que fizessem este filme — ele merece ser reconhecido como lenda enquanto ainda está vivo.

JOSÉ EMILIO RONDEAU



QUEM É MAIS POP?

Humberto Gessinger e cia. estão de volta e como sempre causando polêmica. Saiba como anda a vida do superpopular trio gaúcho que a crítica adora odiar

Ricardo Siqueira/AgFoto

CARLOS MALTZ

Idade: 26
Religião: "sou judeu"
Time: Internacional
Instrumento: [illegible]

Co-fundador do grupo com Humberto, e como ele ex-estudante de Arquitetura. Não gosta de praia, mas costuma caminhar à noite pelo calçadão de Ipanema. Tem dois gatos. Acha o escritor americano Kurt Vonnegut muito engraçado. Adora ler entrevistas e gostaria que 90% das páginas da BIZZ fossem dedicadas a artistas brasileiros. Gosta também de ler livros sobre guerra e os recomenda aos críticos.

CARLOS Não temos nada contra produtores, mas para nós é fundamental a concepção e execução do projeto. É bem uma coisa de arquiteto mesmo.
AUGUSTO No lado mais racional. Quando ouvimos as fitas, percebemos que o disco já estava pronto. A música dos Engenheiros não tem o que mexer, ou inventar, ou criar. Nossa maior dificuldade é a parte técnica. O estúdio tem 1001 possibilidades, e nossa idéia não é explorar isso. Pelo contrário, é nos impor limites para não usarmos isso e manter nosso perfil.
HUMBERTO O Carlos costuma dizer que se gravássemos um disco independente não seria diferente do que gravamos aqui.

Tenho a impressão que vocês são obcecados por detalhes...
HUMBERTO Essa capa, por exemplo, é igual à do primeiro disco. É muito difícil explicar ao departamento gráfico da gravadora que não queremos nenhuma grande sacada. As capas, hoje em dia, são superanárquicas. A gente prefere limpar, ser agressivamente limpo.
CARLOS Desde o começo, estamos tentando criar uma ilha dentro desse mar que é o pop. Delimitar o nosso território, inventar a nossa lei.

Mas também existe essa preocupação, por parte de vocês, de explicar certos detalhes. Por quê?
HUMBERTO Acho fundamental. Há muitas influências no nosso trabalho. Então, temos de dar uma chave de leitura. As pessoas não têm muito tempo. As rádios, por exemplo, nem dizem o nome inteiro da música: "Era Um Garoto..." e só. Tudo é muito rápido, não é? E uma revista serve para que? Para eu falar sobre minha vida sexual? Eu prefiro falar sobre o porquê do logotipo.
CARLOS Eu gostaria que ele falasse sobre vida sexual (*risos*). Mas continuando sobre a ilha... As pessoas perguntavam se não iríamos colocar mais gente na banda. Virou moda aumentar as bandas, fazer shows maiores.

Moda ou necessidade?
CARLOS Sei lá, tanto faz. Para mim, não faz diferença. O fato é que até mesmo quando o Augustinho entrou para a banda queriam saber se era uma questão de estilo. Na verdade, foi muito pessoal. Levamos dois anos para doutrinar esse cara, acabar com o ego dele (*rindo*), transformá-lo num Engenheiro do Hawaii.

E como é que ele reagiu a essa "lobotomia"?
HUMBERTO Tem de ser guri para embarcar nessa viagem. E o Augustinho era superadolescente e continua sendo. As pessoas quando passam da adolescência deixam de gostar dos Engenheiros. Isso acontece com várias bandas. Eu já ouvi uns caras falarem: "Temos de ampliar nosso público". Mas eu estou interessado é no cara preocupado com as espinhas, com a garota, os enrustidos...
CARLOS O Augustinho, apesar de ser mais velho, é o mais guri de todos.
HUMBERTO E ele veio com parâmetros que eu não conhecia. Blues, música americana, Eric Clapton, eu desprezava. Fui formado pelo som inglês, progressivo, aquela velharia, mas aprendi muito com ele. Nunca tive professor, só de bandolim. E ele é um cara mais musical. Ouve a música e não o disco. Tanto é que ele mixa as canções e eu monto o disco. O Carlos já é mais parecido comigo, mesma geração. Mas, nesse disco, o Augustinho fez mais parcerias.

Afinal, esse disco representa alguma mudança na carreira da banda?
AUGUSTO É um disco de afirmação. Exatamente o que queríamos fazer.
CARLOS Pode ser meio pedante falar sobre isso, mas, na minha opinião, arte se resume a uma assinatura, quer dizer, de uma forma quase automática. Eu gravei com instrumentos eletrônicos e é difícil perceber.
HUMBERTO Enquanto você respeita um instrumento fica difícil trabalhar com ele. Acontece também o seguinte: a gente vinha daquela estética da negação, do "somos cidadãos comuns, não temos nada a oferecer". Mas virou doença, ficou exacerbado. O discurso das pessoas é pelo *não*. Até a gente era assim.

Houve a época dos shows intimistas...
HUMBERTO Mas olha só, isso é diferente. É um intimismo exibido, humildade com *H* maiúsculo e dourado. Com esse disco queremos encarar isso. Pô, qual é? Todos os programas de TV têm um cenário forte, caótico, maior do que o artista. Mas, se você começa a interiorizar isso, você se anula. E era o que todas as bandas estavam fazendo. As pessoas estão de óculos escuros à noite. Tira os óculos, meu filho. Porque, se a gente tiver força, sobrevive. Se não, se for mais fraco que um programa, é melhor que a gente acabe mesmo.

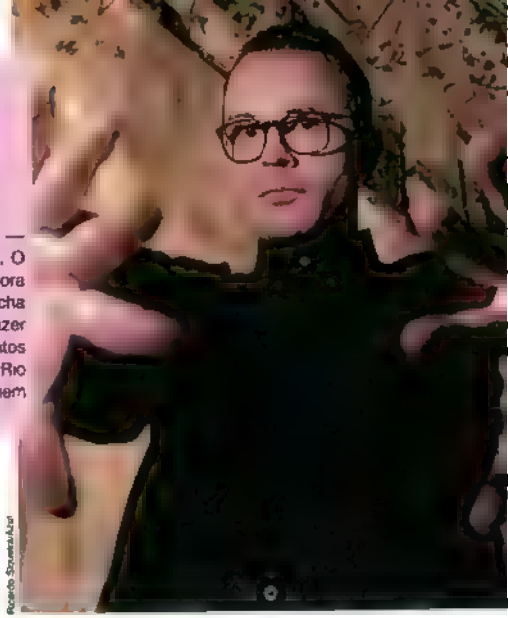
O que você acha da participação política dos artistas?
HUMBERTO Para nós, é que nem futebol. É uma ferramenta para falar sobre o mundo. Deve ser usada sim, mas com a menor seriedade possível, sem achar que política é racional. O amor é. Tenho paixão por esses assuntos, mas é a mesma paixão que tenho pelo Roger Waters. Não dá nem minha irmã para ele, entendeu?

E da crítica?
HUMBERTO Desde que seja assinada, vale. Mesmo que uma pessoa leia e, sem conhecer a banda, ache que o que está escrito é verdade, então é melhor que ela se afaste de mim. Acaba sendo purificadora. A crítica é superimportante. Nesse disco, tem muito a ver com o que a gente ouvia, dos Engenheiros não serem cult nem chic. Porque, eu, por exemplo, sou neto de colonos. Fui a duas peças de teatro. Nunca li um livro de poesia em toda minha vida. E a última coisa que

AUGUSTO LICKS

Idade: 34
Religião: ateu
Time: Grêmio
Instrumento: guitarra

Diz ser o solitário da banda — significa que é o único solteiro. O mais quieto do trio, Augusto adora cinema e jogar tênis, mas acha que no Rio é muito difícil fazer qualquer coisa. Deixou muitos amigos em Porto Alegre, e no Rio não conhece ninguém. Praia, nem pensar: "o sol faz mal à pele"



Ricardo Siqueira/AgFoto

"Não sou viado, então fica difícil a crítica me engolir"

um editor de um caderno cultural quer é um cara desses. Não sou viado, quer dizer, fica difícil me engolirem.

Engenheiros do Hawaii é a única banda ainda em ascensão, enquanto as outras já têm espaço conquistado. Concordam?
AUGUSTO Discordo um pouco. Acho que Legião tem ainda bastante a galgar, em termos de Brasil...
HUMBERTO (*interrompe, esperneando*) Nãaãão!!! Fizemos um pacto de não baixar a lenha em ninguém (*gargalhando*).
AUGUSTO Digo em termos da Legião ser uma banda de estrada. Nós somos assim, tocamos em todos os lugares, não temos mais para onde ir.
HUMBERTO Mas na cabeça das pessoas ainda tem muito espaço. Ainda não fomos bem entendidos. Saem críticas superdiferentes sobre nós.
CARLOS Isso tem a ver com a clareza. Somos tão confusos, tão complexos que fica difícil criar uma leitura unidirecional. Titãs, Legião e Paralamas já viraram personagens de uma novela global, digamos assim.

Como anda o relacionamento de vocês com as outras bandas gaúchas?
CARLOS A gente se dá com algumas pessoas.
HUMBERTO Ah, mentira! A gente não se dá com ninguém. Não estamos a fim de bate boca. Mas não tenho relacionamento com ninguém. Os únicos caras que eu conheço são o Sérgio Serra e o De, já fizemos até música juntos. E outro dia eu falei com o Lulu Santos. Não conheço mais ninguém. Me diverti muito com os caras me contando como era um coquetel de lançamento... Antes eu era muito sincero...

Que tal viver no Rio de Janeiro?
HUMBERTO São Paulo perdoa você ter nascido no Rio Grande do Sul, é um castigo de Deus. Agora, não perdoa jamais você ter escolhido morar no Rio. Acho besteira porque o Brasil inteiro ganha graças ao Rio segurar esse carma de ser a Carmem Miranda. Carnaval em Porto Alegre é de chorar. Alguém precisa segurar um porta-estandarte e o Rio o segura com dignidade. É uma cidade que sobrevive só do afeto. E olha que tem uma sensualidade, um clima contrário à minha pessoa.

Vocês se preocupam com a aparência?
HUMBERTO Eu vejo umas pessoas e digo para mim mesmo: eu quero ser diferente disso. Não quero ser igual aos hippies. Eu quero ser diferente dos caras de cabelo curto, sejam eles punks ou o presidente.
CARLOS Sempre usei cabelo comprido, desde pequeno. A única vez que usei curto foi quando montamos a banda. Ficava superartificial.
HUMBERTO Cabelo comprido é superbom para cantar porque você se esconde.
CARLOS No palco, atrapalha. Eu não vejo absolutamente nada.
AUGUSTO Eu tenho muito o que falar, mas não em poucas palavras. Sou muito diferente desses dois. Por exemplo, outro dia vi uma foto minha fazendo a primeira comunhão. Percebi que estava vestido exatamente como nos shows, meu cabelo também estava todo para trás. É a roupa de ir à missa aos domingos, e um show é uma missa.
HUMBERTO Bela frase!!!

Como é a vida de casado?
HUMBERTO Minha mulher não sabe muito a respeito da banda, ela só ouve. E eu não se amarro em bastidores, nem eu. Pensando bem, não é um ambiente muito sadio. Os mais prepotentes são os mais inseguros. Ficam citando frases...
CARLOS Minha mulher não aparece porque eu também não apareço.

O que o futuro reserva para os Engenheiros?
HUMBERTO Tenho três possibilidades: ser motorista de táxi em Porto Alegre, mas estou deixando de lado, concorrer a deputado ou montar uma rádio em Gramado. Estou mais inclinado para esta. Seria uma rádio AM. Gosto do verbo no ar.

LORENA CALABRIA

Ricardo Teixeira Azul

HUMBERTO GESSINGER

Idade: 27 anos
Religião: católica
Time: Grêmio
Instrumento: baixo e voz

O cantor e principal letrista dos Engenheiros não se considera um consumidor passivo de cultura. Não vai ao cinema, diz que odeia quadrinhos e só lê livros "chatos, pedantes, complicados" (improvável). Vê TV 24 horas por dia, vários telejornais ao mesmo tempo. Dedicou a música "A Violência Travestida Faz Seu Trottoir" a Henry Maksoud. Passa horas ouvindo música, atualmente, está interessado na sertaneja. Considera Gaúcho da Fronteira o Chuck Berry brasileiro. Costuma escrever cartas para as redações, mas nem sempre as envia. Quando o faz, "não são publicadas". Gostaria de uma vez na vida ver um repórter de música "vestindo gabardine, como nos filmes, e que ainda fosse nos espiar no estúdio". Aconselha aos leitores da BIZZ um dos seus passatempos, inventar religiões: "Invento mandamentos, tudo que se pode ou não fazer". Casado e sem filhos, Humberto Gessinger é chamado no meio musical — pelas costas — pelos apelidos de "Vanusa" e "paquita"

Com seu quinto LP chegando às lojas, os Engenheiros do Hawaii continuam os mesmos — mais ou menos. Loucos por metáforas, contradições, frases de efeito, trocadilhos e detalhes, continuam habitando o mundo semi-hermético que criaram e onde eles próprios se propõem a confundir e explicar. Política, arte, futebol e religião unem-se ao pop como assuntos recorrentes. Musicalmente, continuam perseguindo — e assumem isso às claras — seu público primeiro e mais fiel, os adolescentes.

Mas ao mesmo tempo que os Engenheiros continuam os mesmos, sua posição na pirâmide do pop brasileiro se alterou. Há um ano atrás, quando a BIZZ entrevistou pela última vez o grupo, eles começavam a ameaçar a liderança então fossilizada das três grandes bandas brasileiras. Paralamas, Legião e Titãs. Hoje, qualquer checagem isenta no mercado e no imaginário dos jovens roqueiros demonstrara que, depois da Legião Urbana — que já atinge uma posição quase mítica junto ao público —, os Engenheiros são a banda predileta dos adolescentes do Brasil.

Simultaneamente, Humberto, Carlos e Augusto continuam sendo rejeitados pela maioria da crítica, que julga seu trabalho juvenil e os acusa de buscarem sempre o mínimo denominador comum. Uma contradição bem ao gosto do trio, que, antes de cair na estrada para promover *O Papa É Pop*, cometeu algumas declarações brilhantes — ou seriam bobagens atrozes? Leia e decida.

Nem sempre nomes de discos encerram conceitos. Mas, no caso de vocês, aposto como há algo por trás de *O Papa É Pop*...

HUMBERTO *(rindo)* É a nossa versão de "Seu Pipi no Meu Popô..." Essa idéia existia desde que o papa levou um tiro, era uma letra que falava "o pop não poupa ninguém". Mas na época era superdifícil falar do pop porque eu não fazia parte, a banda era pequena ainda. Mas desde o ano passado, o pop se tornou mais real para nós. Foi então que vi numa revista, uma foto do Brizola na sala da casa dele. Atrás dele, havia um pôster do Papa tomando chimarrão. Depois lembrei-me de outra foto do Papa com a bandeira do Flamengo dentro de uma limusine. Pô, o Papa é pop realmente. Essa transa da realidade pós-moderna não é clichê, nem uma etiqueta. A tecnologia levou a isso, onde tudo é pop. Elegemos o presidente que era mais pop, o único que anda de jet ski. O ex-técnico da seleção brasileira é pop, ele vende Fiat. Bem, e nós amadurecemos nesse último ano e aprendemos a assumir o lado pop. As eleições ensinaram isso. Quem perdeu foi a classe artística, todo o Brasil inteligente. Mas esse Brasil se anula, se inflaciona, tem vergonha de ser inteligente. As pessoas têm medo de tocar na rádio, de aparecer. Lembro que as melhores cabeças do rock nacional passaram um ano discutindo se deveriam ou não aparecer no Chacrinha. Isso é imaturidade, adolescência tardia. Nós assumimos como um fragmento dessa colcha de retalhos pop.

O que significa assumir o pop? Teria alguma mudança para a [illegible]?

HUMBERTO Musicalmente, não.

CARLOS Na verdade, nunca nos fechamos para a mídia. Sempre foi assim. HUMBERTO Assumir é tentar defender esse discurso. Tentar dizer que ele é válido para todo mundo, não só para os Engenheiros mas para o Hermeto Pascoal também. Não iríamos nunca chegar a essa conclusão se não tivéssemos perdido as eleições. Pode ficar maçante falar sobre isso, mas foi como um despertador. Porque esse é um país de pudor... Por exemplo, levar música popular para os estádios e ginásios. Isso tinha de acontecer. A Bossa Nova era música de bar, depois veio a MPB, nos teatros. Agora alguém precisa ocupar outros espaços. Se não formos nós, ou o Hermeto, serão as Paquitas. Se alguém tem de fazer música para a Patrícia é melhor que sejam os Engenheiros do que outros caras. É essa a viagem: sujar as mãos mesmo. Tudo o que eu sei é pop, não tem nada de erudito. Então isso tem um valor, porque eu tenho valor. Então o Papa é pop sem deixar de ser Papa. Tem gente que vai achar que é um papo pejorativo. Mas eu acho o Papa do c". É lindo que ele seja pop.

Mas talvez a Igreja não veja dessa maneira...

HUMBERTO Acho que não terá problemas. Muitas bandas fizeram músicas falando mal da Igreja diretamente. A nossa é supersutil, é a favor do Papa. A Igreja que se cuide porque ela está deixando de ser pop. Se houver algum problema, eu retiro o Papa, porque sou supercatólico. Mas proponho o pop como uma maneira de ser eterno. Não é brincadeira, é supersério. Fiz isso com a minha vida e aconselho a Igreja a fazer o mesmo. Se o Papa tem coragem de tomar chimarrão em Porto Alegre, ele tem de ter coragem de estar na capa do disco dos Engenheiros.

O que você quer dizer com a Igreja está deixando de ser pop?

HUMBERTO Ela está perdendo espaço para os caras carismáticos da Igreja Universal do Reino de Deus. São caras interessantes, superpops. É a Igreja sempre foi superpop. Ela tem a imagem mais poderosa ao seu lado, o crucifixo. Talvez só perca para a suástica que é outro grande logotipo. A gente se amarra em logotipos: usamos o hippie, agora o yin/yang. O suprassumo do pop é o logotipo. Ele é mais rápido que a palavra.

AUGUSTO Acho que a Igreja vai até tocar a música na missa.

CARLOS Não estamos agredindo. Isso é tão fácil, tão babaca. Fazer um filme profanando uma imagem sagrada, uma música dizendo "Não Igreja", dá uma mídia imediata. Jamais faríamos isso. É um saco. Parece que estamos em 65, sei lá.

HUMBERTO Mesmo porque a Igreja não é inimiga dos costumes. Ninguém está aí para o que os caras dizem. E fica bonitinho: O Papa É Pop. Meus sobrinhos vivem repetindo. Acho mais legal que "Seu Pipi No Meu Popô" *(risos)*.

"Nosso público se preocupa com as espinhas e as garotas"

Depois de criticar bandas que freqüentam as rádios com versões, vocês além de gravar, escolheram como música de trabalho "Era Um Garoto Que Como Eu Amava Os Beatles E Os Rolling Stones"...

HUMBERTO É uma coisa muito engraçada. Fizemos a campanha do Brizola, de graça, em vários comícios. Então pensei: tocar só nossas músicas, ninguém conhece aqui. Vamos fazer uma cover, entreter as pessoas. O Carlos e o Augustinho deram sugestões e daí eu descobri que não sabia tocar nenhuma outra música que não fosse minha. A única exceção foi "Era Um Garoto..." Quando eu era criancinha, era completamente apaixonado por ela. Não sei tocar músicas inteiras, mas sei pedacinhos, todos os refrões da música pop. Queria tocar "Back In The URSS", por ter estado lá, mas não decoro a letra, meu inglês é terrível.

CARLOS Podíamos tocar as músicas do Pink Floyd mas não iriam cair bem.

HUMBERTO É, não iriam. E eu não sabia as letras. Mas então escolhemos "Era Um Garoto..." e foi um arraso. É engraçado porque a maioria das bandas já reclama do som dos teatros. Imagina se tocassem num comício, elas iriam morrer, vomitar... E eu achava a letra parecida com o que acontecia com a gente. Eu amava ser lá, Pink Floyd, e estava no comício do Brizola. Essa música é atual para caramba. Em vez de fazer um solo, Augusto colocou vários hinos no meio. Mas aconteceu que as rádios começaram a tocar a música tirada de uma gravação de um programa da Globo, o Babuínia. Acho que em alguns estados até o cara da gravadora ajudou a distribuir. Como as outras ainda eram inéditas em shows, achamos melhor deixar que a de trabalho seja a que as pessoas já estão esperando. Mas não consideramos uma versão, porque a versão é dos Incríveis. Não interessa se foram uns italianos que a fizeram antes. Eu assinaria embaixo dessa versão. Acho linda. E não vamos ganhar uma pila por direitos autorais. A introdução que os caras fizeram é uma chupação literal de *Mr Tambourine Man*", gravada pelos Byrds. Tínhamos de manter isso também porque faz parte da história do rock nacional.

CARLOS Em Recife, teve um cara que foi me procurar no quarto do hotel. Era o Netinho, dos Incríveis, eles também estavam hospedados lá. Ficamos conversando... Eles são uma banda à margem do mercado, do *mainstream*. Não são chiques, são caras de estrada, até ingênuos. A gente se identifica com isso, com essa trajetória trágica e cômica... E a gente cansou dessa coisa de marketing, de estratégia. Até hoje sempre escolhemos a música errada. Então, deixamos o barco rolar, já que é o mercado que decide.

Pela primeira vez a produção ficou a cargo da banda...

AUGUSTO É um risco que se corre não ter nenhum ouvido de fora. Mas foi uma decisão acertada. Traduzimos exatamente o que queríamos, e é um disco para ser tocado direto nos shows. Nada impede de ser reproduzido ao vivo.

CARLOS Essa trilha de tomar conta do processo todo vem desde o começo do nosso trabalho. Outro dia, li uma entrevista de um cara que transa house music. Ele falava dessa diferença entre as *guitar bands* e os caras da house, que tem muito mais independência. Isso nos atrai, apesar de sermos uma *guitar band*. Nosso caminho é esse, cada vez mais radical, donos do nosso próprio processo.

HUMBERTO Falando assim parece super-heróico. Mas foi por preguiça.

CARLOS O Augustinho foi um cara que produziu discos lá no Sul, claro, naquela realidade gaúcha, mas é uma pessoa atenta, minuciosa. Ele segurou a barra...

Prince
Graffiti Bridge
JÁ À VENDA
EM CD; LP & K7

O compositor Martin Gore e o cantor e pai de família Dave Gahan comentam a vida no mais bem-sucedido grupo techno do mundo

DEPECHE MODE

10 ANOS

VIOLANDO AS EXPECTATIVAS

O PASSADO CONDENA

MARTIN Quando eu olho para trás, na nossa carreira, acho que é mais por sorte do que qualquer outra coisa que nós ainda estamos na ativa. Nós éramos totalmente ingênuos, não tínhamos idéia do que estávamos fazendo.

DAVE Outro dia, Martin mudava de opinião o tempo todo quando estávamos ouvindo nossas gravações antigas. Dizia que éramos muito esquisitos.

MARTIN Eu tinha apenas vagas recordações de ter feito os discos, até alguns recentes como *Black Celebration*. Eu não conseguia me lembrar de tê-lo feito, e mais nada. O tempo passa tão rápido... Não parece que faz dez anos que estamos juntos de jeito nenhum.

VIOLATOR

DAVE Eu acho que *Violator* é provavelmente o primeiro álbum em que nos demos mais de nós mesmos — em termos de fazer o disco juntos, após Martin ter escrito as músicas. Foi um esforço da banda no estúdio. Acho que esse é nosso primeiro álbum em que todas as faixas são muito boas, cada uma tem uma atmosfera diferente.

MARTIN Você tem de se lembrar de que nenhuma banda tem qualquer perspectiva sobre o disco que ela acabou de finalizar. Então, podem muito bem sair dizendo que é o melhor que eles já fizeram.

PRODUZINDO *VIOLATOR*

DAVE Nós nos organizamos assim: Martin é o letrista da banda e ele faz as músicas. Existem diferentes papéis dentro da banda, e eu senti que quando fizemos *Violator* todo mundo estava fazendo a sua parte bem melhor. Eu me senti bem mais envolvido do que em qualquer outro disco anterior. O envolvimento de Alan foi bem mais intenso, no locante a arranjos e coisas do gênero. O envolvimento de Fletch também foi maior — mas ele sai para outras áreas, coisas que abborrecem o resto de nós, mais administrativas.

MARTIN Eu não acho que as pessoas deem tanta importância aos papéis individuais. É um esforço em equipe, um trabalho de equipe. Quero dizer, nos anos 60 os caras eram apenas músicos e eles eram ludibriados. O pessoal na verdade não se importava com o lado comercial das coisas. Atualmente você não precisa de quatro músicos brilhantes na banda, você tem a tecnologia para te ajudar. Um bom músico é o suficiente para uma banda, então os outros podem fazer os seus diversos papéis.

DAVE Nossas músicas não são escritas em conjunto como em uma banda, essa não é a forma que trabalhamos. Nós nos reunimos com Martin e conversamos muito sobre tudo. Ele sai e escreve a base das músicas da maneira mais básica possível — obviamente com os acordes, as letras, o tom e tudo o mais, mesmo que fosse somente ele e um violão. Quando ele volta com essa estrutura básica pronta, somos capazes de levar isso em qualquer direção que seja melhor para a música. Era por isso que estávamos buscando alguém a mais para trabalhar conosco no álbum, como Flood, que colaborou em *Violator*. Queríamos uma pessoa que pudesse nos dar uma força de vez em quando, melhorar as músicas, trazendo uma nova perspectiva sobre o trabalho. Isso foi realmente importante para esse álbum, e principalmente no fim, quando François Kervokian chegou para mixá-lo. Não foi um disco fácil de se realizar, mas foi agradável. Levou um tempão, o maior que já dispensamos a um álbum, virtualmente um ano inteiro.

MARTIN Isso porque a idéia era fazer as demos bem básicas e abertas, para que elas pudessem então tomar qualquer direção no estúdio, para que as coisas fossem mais espontâneas na...

DAVE Quando você quer fazer experiências com uma música e levá-la a direções diferentes e depois destruí-la e começar de novo se não estiver bom, gravar leva mais tempo.

RELIGIÃO E MÚSICA

MARTIN A religião é um dos temas que emergem bastante nas minhas canções. Eu sou fascinado pela religião. Um dos títulos de trabalho para o nosso filme *101* foi *Mass* ("Missa") porque achamos que era legal e também ficaria amarrado com o LP *Music For The Masses* ("Música Para As Massas"), além de um show ser um tipo de adoração e fé.

DAVE É incrível. Quando você toca num grande show como esse (de *101*), há algo de muito religioso na coisa toda — e não é apenas dos fãs para a banda, também faz o caminho oposto. Você sente claramente uma energia, com certeza eu sinto, das pessoas que estão lá na platéia, fazendo coisas que você está fazendo e cantando com você. É como uma grande missa. Não iria tão longe em dizer que é devoção, mas há uma energia incrível que eu acho que nenhum de nós entende.

EVOLUÇÃO

MARTIN Eu acho que a maioria dos fãs concorda conosco que temos melhorado através dos anos. Eles prestam atenção na qualidade das músicas e na maneira como as gravamos.

DAVE É simples assim. Estamos no negócio de produzir música, isso é o que fazemos, e estamos constantemente tentando nos aperfeiçoar. Eu acho que ainda não chegamos ao topo, de maneira nenhuma. Ainda agimos bem sem pensar quando fazemos um disco, nos vamos às cegas e cheios de confiança — e, depois de algum tempo, aparecemos com algo bom de verdade.

PÚBLICO

MARTIN Nós sempre subestimamos totalmente o número de nossos fãs. Na Inglaterra, com o nosso último compacto, nós tínhamos o plano de entrar nas paradas bem por baixo, assim eles teriam um tempo para subir. Então, lançamos apenas o doze polegadas na primeira semana. Nós ficamos chocados ele foi para 25.º só nessa versão, o que arruinou totalmente o nosso plano. Estávamos no Top Of The Pops na primeira semana. (Risadas.)

DAVE Isso é consequência do grande número de fãs incondicionais que te-

mos. Nossos discos vem e vão muito rápido, entram e saem das paradas. Um monte de bandas é assim — Smiths, Cure, Bunnymen, Banshees —, todas elas têm uma base de fas. Elas entram nas paradas e desaparecem, e, fazendo honestamente, elas sao as melhores de todas e sao as que duram mais tempo. Constantemente lançam um bom material. Achamos que isso era um dos nossos problemas; as outras pessoas, nao-fas, nao estavam tendo tempo suficiente para descobrir o Depeche Mode, porque ele estava esgotado em três semanas. Antigamente, um disco durava de oito a dez semanas. Ele subia devagar nas paradas. Agora esta tudo fora de controle. Você nao consegue mais controlar quantas pessoas vão comprar o seu disco. E existe como que uma lei inacreditavel nos segundo pelo mundo. Nao só na Inglaterra, mas em todo lugar nos temos fãs que são fiéis a nós, compram nossos discos e vão aos shows. Eles certamente nao nos acompanham só porque temos uma banda legal, e não acho que somos mais só quatro rapazes "bonitinhos".

O POP E SERIO?

MARTIN Se você faz parte de uma banda pop, nao e levado muito a serio. Porque bandas pop, em geral, não devem ser levadas a serio.

DAVE Quero dizer, em que medida todo esse negocio é serio? Para ser bem franco, eu acho que em primeiro lugar você tem de ser despreocupado a esse respeito. Você pode ser serio com a musica que toca e o jeito que a faz, e eu sei com certeza que Martin é muito preciosista no modo como escreve suas musicas. Isso é importante: se você quer fazer algo artistico, tem de estar certo de estar extraindo o melhor da sua habilidade. Mas ao mesmo tempo todo o negócio parece meio furado.

MARTIN É pengoso se levar muito a [redacted].

DAVE Você simplesmente acaba com a cabeça virada pelo avesso.

MARTIN Quero dizer, nós realmente nos tornamos profissionais, quando fi- [redacted].

DAVE Suponho que você se torna um profissional quando faz o primeiro disco.

MARTIN E, quando nós largamos os nossos empregos, o que aconteceu depois do nosso primeiro compacto, quando ramos lançar o segundo.

DAVE Profissional! (*Risadas.*)

MARTIN Aió, mamãe, olha so para a gente! (*Mais risadas.*)

VENDENDO FEIJAO

DAVE Existe uma linha muito fina entre você realmente se sentir humano e confiante a respeito do que faz, e gostar do que faz — e de repente se tornar uma lata de feijão cozido, negociado no mercado dessa forma. Sabe, existe uma divisao bem tênue mesmo, e eu acho que você deve ter cuidado

"No início, usávamos umas roupas super-ridículas." Verdade: é só ver o próprio Dave Gahan em 82

O MAIOR FENÔMENO DA MÚSICA POP AMERICANA

EM LP/K7/CD CBS

para não atravessá-la.

MARTIN: O mais importante para o Depeche Mode foi o fato de nunca termos tido um empresário e sempre termos gravado por um selo independente. Acho que foram os dois elementos que garantiram o nosso sucesso, porque graças a eles sempre fizemos exatamente o que queríamos, sem sofrer nenhuma pressão externa.

MATRIMÔNIO

MARTIN: Há uma amizade muito, muito forte entre a gente. Quero dizer: tem de haver um grande amor entre os membros da banda, lá no fundo, para aguentar passar tanto tempo junto. Acho que conhecemos bem as emoções uns dos outros, sabemos quando alguém está cheio. Quando algum de nós está de mau humor, e você não vai conseguir fazer nada naquele dia porque a pessoa está mal-humorada. É um casamento que funciona.

Entrevista cedida pela WEA.

DEPECHE IN THE USA

- Na Inglaterra, o Depeche sempre foi considerado descartável e cafona.
- O grupo sempre foi muito mais levado a sério nos Estados Unidos.
- Tanto que é considerado uma das principais influências sobre o house de Chicago e o *techno* de Detroit.
- Na tour dos EUA registrada no filme *101*, o Depeche tocou para mais de meio milhão de pessoas.
- Nessa excursão, eles tocaram no mesmo circuito que o Bon Jovi.
- É um caso único, porque o Depeche vende muito menos albuns.
- Já compactos eles vendem bastante. "Personal Jesus" foi disco de ouro nos EUA, apesar de tocar pouco no rádio.
- O resultado é que o Depeche prefere tocar nos EUA que na Grã-Bretanha. Acham o público americano menos pretensioso e mais animado.

10 FRASES DE EFEITO DE DAVE GAHAN

"Quando começamos, em 81, usávamos roupas ridículas."

"Não damos muitas entrevistas porque não gostamos de nos explicar."

"Nunca tivemos um plano de carreira. Simplesmente fomos em frente, gravamos e tocamos. Foi tedioso assim."

"*A Broken Frame* é nosso LP mais fraco."

"Nunca tivemos consciência do quanto fomos importantes para a dance music dos anos 80."

"Em *Violator*, tentamos unir a eletrônica com o *feeling* do blues."

"Nossa abordagem é bem esquisita, para um grupo considerado comercial."

"Na América somos considerados muito radicais. Já na Inglaterra, dizem que fazemos pop descartável."

"Passar dez anos num grupo é uma maneira muito esquisita de crescer."

"Os grupos que me fizeram ter vontade de entrar numa banda foram o Clash, Damned, Siouxie e principalmente o Sham 69."

LACTA

apresenta

ERIC CLAPTON

SOMENTE NO OLYMPIA

19, 20 e 21 de OUTUBRO

IMPERDÍVEL!

INGRESSOS LIMITADOS A PARTIR DO DIA 01/10 INFORMAÇÕES: 864-7333

SIM · DELLA VOLPE · T FM 100.3 · BIZZ · Veja São Paulo · ilustrada FOLHA DE S.PAULO

MODA • MILITÂNCIA • SEXO • ECOLOGIA • A CONEXÃO

KATHARINE HAMNETT

Se levarmos em conta que Vivienne Westwood começou a deixar sua marca na moda em 75, 76 — os primeiros anos do levante punk —, Katharine Hamnett pode, tranqüilamente, ser considerada a estilista inglesa mais influente (ou seja, a mais imitada) da década de 80. No universo pop, esta presença atingiu o auge entre 84 e 85, quando o grupo Frankie Goes To Hollywood plagiou e tornou mundialmente conhecida uma das principais marcas registradas de Ms. Hamnett — folgadíssimas camisetas brancas com slogans e palavras de ordem políticas e ecológicas em letras garrafais.

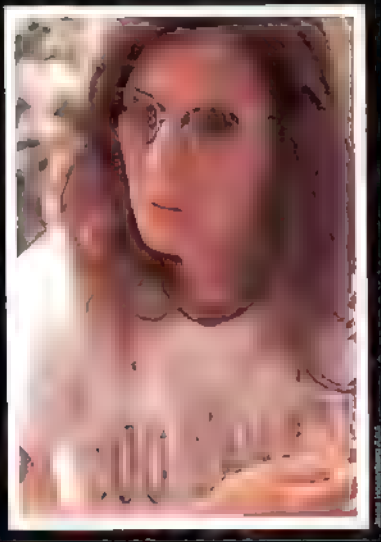
"Cancelem a dívida do Terceiro Mundo" era a frase estampada sobre um globo terrestre nas camisetas da coleção para o verão 90/91, cujos desfiles provocaram filas ansiosas na Fenit deste ano. A própria Katharine estava presente, trazida pela Arena & Guelfi, empresa que colocará a griffe no mercado brasileiro. Em contraponto ao sucesso dos desfiles, algumas vozes defensoras da chamada "alta-costura" se ergueram para criticar a hiperextra jovem e sexy "moda jovem" da estilista. "É preciso saber de onde vêm as críticas, podem ser apenas pessoas invejosas... Sexo é importante, sexo sempre vende!", rebateu ela em sua entrevista coletiva à imprensa brasileira. E antes que Ms. Hamnett zarpasse para o pavilhão da Fenit, ESTILO BIZZ conseguiu esta micro exclusiva:

Pop Stars "Qualquer vídeo que vão fazer, aparecem na minha assessoria de imprensa para pegar algumas roupas emprestadas. Kylie Minogue, por exemplo. Mas, se você perguntar à minha equipe, eles podem passar uma lista completa. O que eu gosto mesmo é de rap, como Public Enemy."

Ecologia "No início, minha preocupação ecológica me levou a utilizar apenas fibras naturais. Com o tempo, descobri que as plantações de algodão são responsáveis por 50% dos pesticidas usados no planeta. Foi aí que comecei a trabalhar apenas com fibras sintéticas."

Estilistas "A espanhola Sibylla, o italiano Romeo Gigli ('pelas cores') e Vivienne Westwood."

Street Fashion "A 'moda de rua' inglesa nasceu nos conjuntos habitacionais construídos na Inglaterra do pós-guerra. Empoleirada em um mínimo denominador comum de concreto cinza, a juventude passou a utilizar seu modo de vestir *conscientemente* para estabelecer sua própria identidade."



Bonita, elegante, inteligente e talentosa. Acima, à esquerda, Katharine com uma de suas camisetas-slogans: "Vote taticamente". Ao lado, durante a coletiva em São Paulo

Levi's

LEVI'S PARA USAR E ACONTECER

Acima, Frankie Goes To Hollywood e a mensagem: "Frankie diz: Guerra! Esconda-se". Abaixo, em Londres, a camiseta reaparece ao lado de outra que responde: "Up yours, Frankie!" (Algo como: "Vá tomar no... Frankie!")

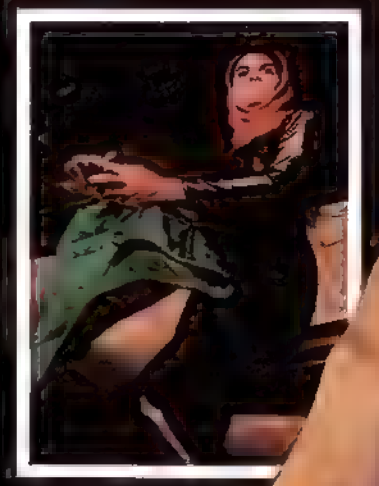
Clássico ou Descartável Coco Chanel: "A arte cria coisas feias que, com o tempo, vão ficando bonitas. A moda cria coisas bonitas que vão ficando feias". Katharine Hamnett: "Ela dizia isso porque era, no fundo, uma grande burguesa. O melhor exemplo no século vinte é o jeans 501 (*o modelo original da Levi's, com cinco bolsos e botões de metal em vez de ziper*), um clássico incontestável".

Quem está envelhecendo com mais dignidade, David Bowie ou Bryan Ferry? "Ooh... Bryan Ferry, sem dúvida. Bowie ficou ridículo tentando permanecer jovem. O mito acabou. Jantei com Bryan e Lucy (*Helmore, filha de um dos diretores do Lloyd's Bank e esposa de Ferry*). É um dos casais mais sexy e elegantes que já existiram. Você não vai publicar isso, vai? Não quero comprar brigas com nenhum pop star! OK, tudo bem... se você tem certeza de que David Bowie não lê a sua revista."

Madonna & Gaultier "Não gostei." (*Pergunto então o que ela acha da declaração do estilista francês de que sofria ao sempre ver Madonna com corpetes no seu estilo, nenhum deles, porém, um autêntico Gaultier — até a turnê* Blond Ambition, *claro*). "Ele disse isso? Quer dizer então que se dispôs a fazer imitações de imitações de seu próprio trabalho para ela usar no palco?"

J.A.L.

LEVI'S PARA VOCÊ SE DESTACAR



Alguns flashes do desfile realizado em junho deste ano, no Fenit, com a coleção de Katharine Hamnett para o verão 90/91

Levi's PARA VOCÊ SE PERDER

TRANSA DE PELE

Em meio a heavies, punques e tatuados em geral, o som que mais se escutou no 1.º Congresso Internacional de Tatuagem do Brasil, que aconteceu em agosto, no Projeto SP, em São Paulo, foi o *bzzz* das maquininhas, espécie de coral de grilos tecnológicos ⊗ A grande estrela do evento foi, sem sombra de dúvida, o amalucado tatuador norte-americano Spider Webb (foto ao lado, com o Sepultura). Convicto de que tudo na vida é sadomasoquismo, Webb, que estudou música com John Cage e já gravou dois discos, se diverte no palco ao lado de uma inusitada banda formada pelos Hell's Angels locais mais Arnaldo Wulligare (dono do Projeto SP). Webb tocou covers dos Stones e de Steppenwolf... numa guitarra muleta ou muleta guitarra!!! ⊗ Para concorrer com Webb só mesmo o paulista Ronald Pagnani (foto abaixo), com sua cara completamente tatuada. Ele pretende vender a pele para os japoneses (600 mil dólares, 70% em vida, 30% de herança para a família) fazerem abajur. Apesar do visual doidão, curte é pagode e sertanejo ⊗ A tatuagem data de pelo menos doze mil anos, idade de uma múmia egípcia encontrada pelos russos. No Brasil, em 1518, os índios Jurupixuna se tatuavam com surpreendentes motivos geométricos para espantar os maus espíritos depois de sessões de canibalismo. Hoje em dia, depois da onda das tatoos multicoloridas, é a vez da tatuagem tribal, em preto-e-branco, tendendo para a simplicidade quase infantil e violência sadomasô (fotos pequenas) ⊗ Bom rock'n'roll também não faltou. Vide a pancadaria generalizada de sexta-feira, com shows nota 10 do Sepultura, Ratos de Porão, Devotos de Nossa Senhora Aparecida e K-Billy's. A última noite foi prejudicada pelo clima fim-de-festa, mas Inocentes, Kães Vadios, Mentecaptos Eróticos e Não Religião fizeram o serviço ⊗ Sessão Joyce Pascowitch: o baterista do Ratos, Spaghetti, foi premiado pela melhor tatuagem feita durante a convenção (como tatuado). Igor Cavallera, do Sepultura, sofreu um dia inteiro tatuando a capa de *Beneath The Remains* no braço. Mas quem esteve pore o baleco brabo eram Dinho do Capital Inicial e o rato João Gordo (foto ao lado), que tiveram a santa paciência de posar juntos para uma sessão de fotos entre um e outro encontro etílico. Haja festa!! CARLOS EDUARDO MIRANDA

Fotos Rui Mendes Abd.

L e v i ' s

ANTI-FIT

Tem sempre uma Levi's do seu jeito.

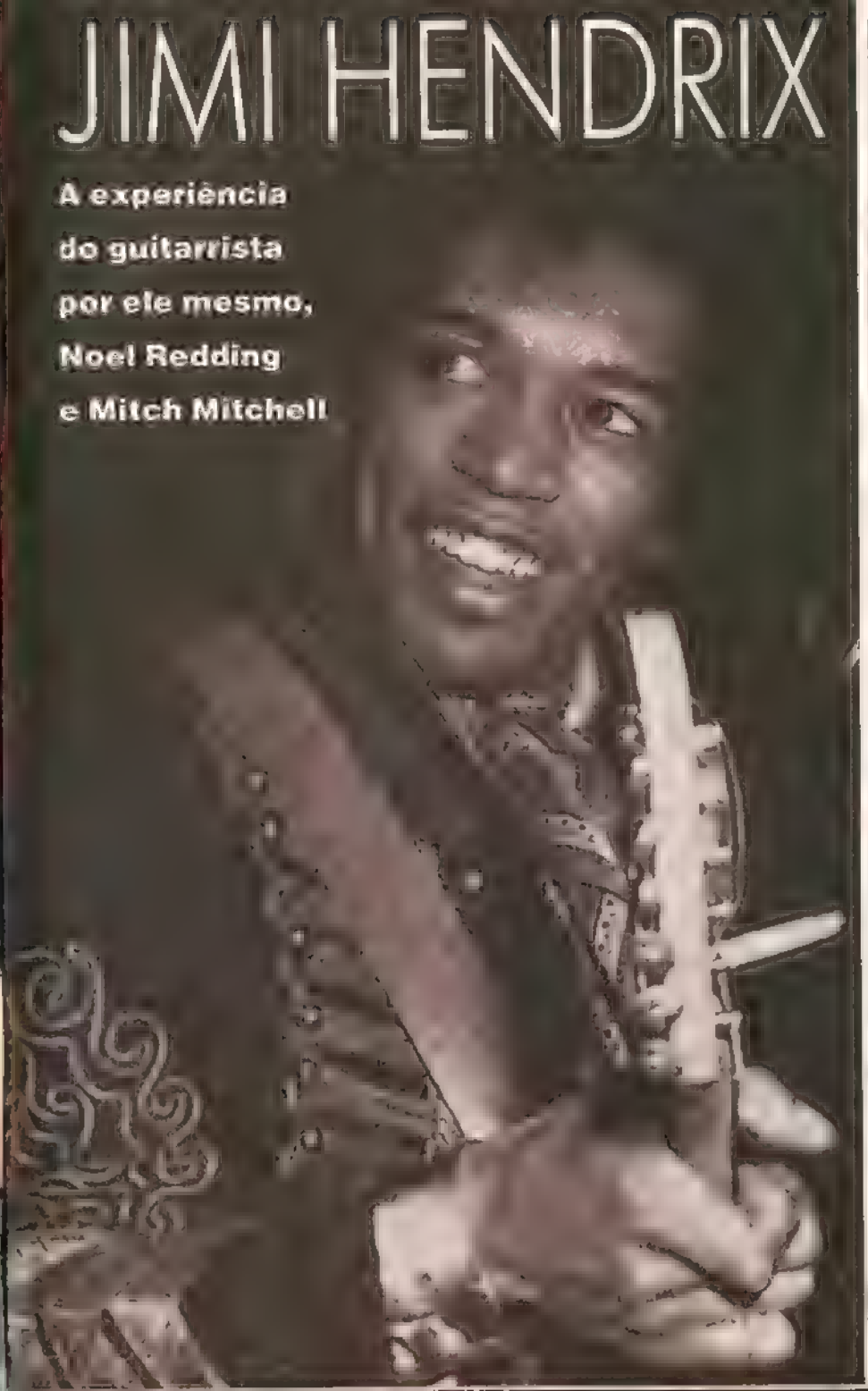
Levi's PARA VOCÊ SE ENCONTRAR

A tatuadora holandesa Louise Van Tylingow causou sensação no congresso, mas manteve o seu stand vazio durante boa parte dos três dias do evento. Preferiu circular pelo Projeto SP [illegible]

Beto Cavalo, [illegible], só pôde se tatuar depois de largar seu emprego na guarda municipal de Santo André. Se afastou dos skins, mas conservou três tatuagens de [illegible] Acabou [illegible] o primeiro [illegible] com suas costas

O holandês, professor de Teologia, se deslumbrou com a arte da tatuagem há uns quinze meses e já teve tempo de cobrir boa parte do corpo com motivos orientais, não dispensando duas caveiras na bunda

Estas meninas se tatuam, mas não gostam de homens muito tatuados. Dizem que assusta. Já um sujeito (como o tatuador Sto[illegible]) com um elefante no p[illegible] pode ser sexy — "só se a tromba não for muito grande"



JIMI HENDRIX

A experiência do guitarrista por ele mesmo, Noel Redding e Mitch Mitchell

ENTREVISTÃO

Pouco mais de um ano após deixar a cena boêmia do Greenwich Village nova-iorquino, onde — depois de tocar como músico de apoio de Little Richard, Otis Redding e B.B. King — estava tentando fazer seu nome como artista, Jimi Hendrix, aos 21 anos, foi eleito melhor músico pop do ano de 67 pelos leitores do *Melody Maker*.

Doze meses também separaram duas apresentações de Hendrix no teatro Olympia, de Paris. Na primeira, o Jimi Hendrix Experience tocou em público pela primeira vez. Na segunda, o trio já era *headliner*. Foi durante essa temporada em Paris que Mike Henessey obteve essa entrevista com o guitarrista. Com seu cabelo estilo "porco-espinho eletrocutado", suas botas de pele e seu jeito extremamente extravagante de se vestir — suas roupas parecem ser feitas de ervas e fungos costurados —, Jimi Hendrix leva todo jeito de ser um cara difícil de entrevistar.

Nada disso. As roupas não foram problema, porque Jimi concedeu a entrevista pelado, descansando na cama do hotel. E apesar da falta crônica de oportunidade para dormir nos últimos dias — um problema inevitável, quando se está em Paris —, ele foi o tempo todo simpático, natural e relaxado. Nem mesmo as perguntas mais provocativas conseguiram alterar seu humor. De vez em quando, confrontado com uma pergunta impertinente, ele simplesmente enfiava a cara no travesseiro e ria.

Submeter uma pessoa a perguntas complicadas enquanto ela tenta dormir depois de ficar gandaiando a noite inteira é um ótimo teste. Dá para descobrir na hora se ela tem "espírito igualitário", se é paciente, se tem saco, enfim. Pois Jimi não fez cara feia nem uma vez. Nem durante a entrevista, nem depois, quando seu *road manager* veio tirá-lo da cama para uma sessão de fotos. Justamente quando ele estava decidido a dormir pelo menos umas duas horas...

Depois de um ano morando na Inglaterra, qual é a sua opinião sobre o país?

A Inglaterra é OK, mas eu gostaria de tocar em mais lugares do país. Sinto falta de tocar em lugares diferentes, como a gente sempre fazia. Mas o problema é que agora a gente anda gravando muito mais e fazendo muito mais shows pelo mundo, então não temos muita chance de tocar na Inglaterra. A gente costumava tocar uma noite em cada cidade, mas agora simplesmente não é mais possível.

Como você compara a cena pop inglesa com a americana?

Ah, é mais ou menos a mesma coisa. Nos EUA agora o que está rolando é o som da costa oeste, San Francisco, e tem também o som da Motown e o som de Memphis. Na Inglaterra me parece que está emergindo um estilo mais chão, que eu gosto muito. The Eire Apparent, o grupo inglês de rhythm n'blues com quem tocamos no Saville, é muito bom. E eu gostei do último disco do Marmalade.

Você está mais feliz na Inglaterra do que quando morava nos Estados Unidos?

Sim, nos EUA eu estava sempre tocando atrás de outras pessoas, e era difícil conseguir me conter. No começo tudo bem, mas depois você chega num ponto em que fazer parte da banda de apoio se torna insuportável. Claro que foi uma grande experiência tocar atrás de Joey Gee, Little Richard, Chuck Jackson, Jackie Wilson, B.B. King, Otis Redding, The Isley Brothers e tal — mas é muito melhor agora, que eu tenho meu próprio grupo.

Quando você começou a tocar guitarra?

Profissionalmente, desde os dezesseis ou dezessete anos, há uns seis anos. Meu primeiro show foi em Seattle, onde eu nasci. Ganhei 75 centavos e três hamburgueres. Depois disso, trabalhei e morei em tudo que é canto dos *States*.

Você planeja voltar para lá?

Por enquanto, não. Quero ficar na Inglaterra, e parece que não vai haver nenhuma dificuldade de conseguir a permissão de trabalho, enquanto eu for um bom menino. Mas eventualmente eu gostaria de voltar para os EUA e comprar uma casa em Hollywood.

66 Vamos dizer que faço um tipo de música *freak and funky* 99

Você sofreu com o preconceito racial na Inglaterra?

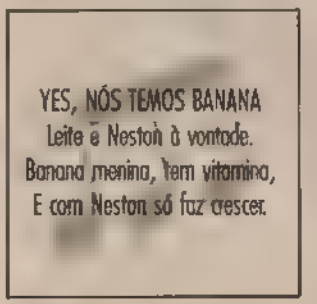
Não. Não me envolvo com isso, a não ser que alguém venha me encher.

Mas como você, sendo negro, pode deixar de se envolver com o problema racial?

Simplesmente nem penso a respeito.

O que você acha do conceito de black power?

Não penso a respeito. Tem muita conversa idiota rolando dos dois lados. Eu penso nas coisas em termos de pessoas.



Você não acha que a cultura negra tem sido explorada muito mais em proveito dos brancos que dos negros?

Olha, cara, tem muita gente que fala coisas assim — mas isso é egoísta e estúpido. Sou a favor de deixar que o melhor cara leve. Se você consegue tocar a música dos negros, está legal para mim. Você pode ser branco, negro ou purpura, se alguém gosta o suficiente da sua música a ponto de ser inspirado por ela, ótimo. É cretino dizer que certo tipo de música só pode ser tocado por negros. Sério, algumas pessoas parecem pensar com sua rotula, sei lá. A cor não faz a menor diferença. Veja Elvis. Ele cantava muito melhor quando cantava blues do que quando começou a cantar aquelas bobagens tipo turma da praia. Ele cantava blues muito bem e no entanto era branco.

Quais foram as suas influ[illegible]

Muita gente. Chuck Berry, Buddy Holly, Muddy Waters e vários artistas de blues. Fui muito influenciado por bluesmen quando comecei.

Como você descreveria o tipo de música que você está fazendo agora?

Não penso a respeito, até que as pessoas tentam rotulá-la. Vamos dizer que faço música *freak and funky*.

Seu show foi criticado nos EUA por ser erótico demais. O que você acha disso?

Bem, suponho que essa história começou porque tocamos num mesmo show junto com os Monkees, e o contraste foi grande. Nunca tínhamos tocado para uma audiência realmente jovem, e você tem de considerar que os pais nos EUA são diferentes dos pais na Inglaterra. Na América, os pais interferem muito mais na vida dos filhos. É claro que além disso existe um monte de organizações caretas e conservadoras lá.

Mas você acha que seu show é erótico demais para a garotada?

Não. Não é realmente erótico. Rola um certo sexo, eu suponho, e eu me movo de certas maneiras, e as garotas perto do palco ficam com umas expressões engraçadas nas faces. Mas não é explicitamente sexy. O principal é passar as letras. E eu também gosto de me divertir no palco, fico cansado de ficar lá parado. Nossa música não é muito organizada, nos subimos no palco e aí é que decidimos o que tocar. Nem temos uma *set list* (*lista com o programa de cada noite que toda banda tem, geralmente pregada no chão ou em instrumentos*), tocamos tudo na hora, de ouvido. Então, qualquer coisa pode acontecer.

O que você achou de ser escolhido o melhor músico na votação do *Melody Maker*?

Estou realmente surpreso pelo sucesso que consegui. Ainda não entendi direito a coisa. Mas estou feliz, claro. Quando começamos a tocar, as pessoas pareciam ter enormes pontos de interrogação na cara — não dava para saber se elas estavam gostando ou não. Parece que elas estavam.

“Nesse negócio, você não tem a menor vida pessoal, particular”

Keystone

JIMI PELOS GUITARRISTAS

Em sua edição de 12/05/90, o semanário inglês *Melody Maker* reuniu 51 guitarristas das mais variadas tendências musicais para escolher o maior *guitar hero* de todos os tempos. O resultado provou que, mesmo vinte anos depois, ainda continua dando Jimi Hendrix na cabeça. Abaixo, as justificativas de alguns dos votos

- **William Reid (The Jesus And Mary Chain):** "Antes de Hendrix, ninguém tinha feito realmente barulho com a guitarra. Ele estava anos-luz à frente de idiotas como Clapton e Beck, que usavam a fórmula do blues"
- **Mike Rutherford (Genesis):** "Ele expandiu todos os limites. Tocava com uma incrível combinação de energia melodia e rock básico"
- **Joey Santiago (Pixies):** "Por causa de sua mão direita"
- **Will Sergeant (ex-Echo And The Bunnymen):** "Ele adorava fazer um barulho dos diabos"
- **Mark "Cow" Day (Happy Mondays):** "Foi alguém que sempre me intrigou. Quebrou todas as regras, com um poder absoluto"
- **Brendan Croker (The Notting Hillbillies):** "Por seu elemento de loucura, uma qualidade totalmente demolidora"
- **Guy Chadwick (The House Of Love):** "Ele tinha um falo chamado Fender Stratocaster. Tranquilamente o mais inovador e influente guitarrista elétrico de todos os tempos"

Você teve uma infância feliz?

Passei a maior parte da infância nas casas da minha tia e da minha avó. Minha mãe e meu pai tinham muitos problemas. Meu irmão e eu iamos viver em casas diferentes, porque meus pais viviam se separando. Na maior parte do tempo, era meu pai quem cuidava de mim. Ele foi operário, jardineiro e eletricista. Mas não éramos muito ricos.

Você ainda mantém contato com sua família?

Sim, de vez em quando escrevo pa-

Mas você saiu de casa aos dezesseis.

É. Entrei para o Exército — e me entediei para cacete, no Exército sempre tem algum babaca te dizendo o que fazer. Fiquei lá quinze meses, aí quebrei meu tornozelo e machuquei minhas costas pulando de pára-quedas — pulei umas 25 vezes. Mas o Exército tem um clima realmente ruim. Eles não me deixavam fazer nada ligado à música. Eles é que te dizem por que tipo de coisa você se interessa, você não tem a menor chance de escolher. O Exército é para gente que gosta que outras pessoas lhes digam o que fazer

Foi depois que você saiu do Exército que decidiu montar seu próprio grupo?

É. Enquanto eu estava tocando *backing* para outros artistas, sempre pensei que algum dia iria fazer meu próprio lance. Mas demorou algum tempo até eu conseguir. Algumas coisas, eu faço impetuosamente. Isso eu tive de esperar para conseguir.

Você montou seu grupo ainda quando estava no Village?

Sim, e foi bastante difícil no começo. Muitas vezes eu não sabia de onde viria minha próxima refeição. As pessoas diziam "se você não arrumar um emprego vai acabar morrendo de fome". Mas o único trabalho que eu queria era a música. Tentei trabalhar em outras coisas, cheguei a entregar carros, mas eu sempre largava depois de uma semana ou algo parecido. Eu ficava preocupado de não estar ganhando dinheiro, mas nunca o suficiente para roubar um banco. Aí pintou o Chas Chandler e eu decidi que ia tentar na Inglaterra, nunca tinha estado lá antes. As gravadoras só começaram a mostrar algum interesse por mim quando eu estava tocando no Café A-GoGo.

Que tipo de coisas te incomodam na indústria fonográfica?

Tem muitas coisinhas que me incomodam, mas no momento não me ocorre nada em particular

Você perde a paciência, fica furioso às vezes?

Bom, às vezes, quando você está descansando depois de trabalhar por dezoito horas seguidas e está a fim de comer alguma coisa tranquilamente, e chegam uns garotos pedindo autógrafos e fotos — aí chateia. Acho isso uma completa falta de consideração. Nesse negócio, você não tem a menor vida pessoal, particular. As pessoas que trabalham em escritórios podem ter uma vida particular. Nós, não.

Você tem muitas namoradas?

Nos Estados Unidos eu tinha milhões. Foram elas que me salvaram de morrer de fome quando eu estava no Village um ano e meio atrás. Eu não tinha nada, nem dinheiro, nem trabalho. Chegaram até a roubar minha guitarra. Mas essas garotas me ajudaram. Uma delas até comprou uma guitarra para mim.

Mas as garotas também podem se tornar um problema, não?

É, às vezes é um problema tentar ser legal com todas elas ao mesmo tempo. Se uma garota te convida para ir para a casa dela e você diz não, ela começa a pensar que você é mascarado. E metade delas faz as perguntas mais estupidas, como qual foi a última vez que você viu John Lennon, e se você não podena arrumar os autógrafos dos Box Tops. Além do que, sempre aparecem rivalidades entre as garotas. Elas ficam se orgulhando, falando para as amigas "eh, já transei com ele". Ou então "como será que é dormir com John Walker?" Sempre há as que querem dormir com você. Mas com algumas dá para conversar.

Você encontra muito com gente que acredita que homens negros são mais vivis que os brancos?

Sim, já ouvi isso. Mas é conversa. Não tem nada a ver com cor, é só outra generalização estupida. Como dizer que as garotas suecas não têm senso de humor. Pois eu fui a Estocolmo e encontrei algumas super bem-humoradas.

Grupos pop geralmente têm privilégios e oportunidades muito maiores quando se trata de sexo. Você acha que eles devem tentar passar um exemplo moral?

Eu acho que grupos pop têm direito a sua vida particular, como já disse. Devem ser julgados pelo que fazem no palco, como cantores e músicos. A vida privada deles é problema deles, e é melhor que o publico não saiba sobre ela. Não se pode esperar que artistas sejam comportadinhos o tempo todo. De qualquer forma, os garotos não são tão estupidos e facilmente influenciáveis quanto algumas pessoas acham. Eles tem bom senso. Se um garoto decide fazer uma coisa ruim para ele seguindo o exemplo de algum pop star, é porque provavelmente acabaria fazendo a coisa de qualquer jeito

TUTTI-FRUTTI, AW-ROOTIE
Tutti-Frutti, aw-rootie,
Tutti-Frutti in the liquidificador,
Tutti-Frutti mix com leite,
Tutti-Frutti com Naston,
Awop-bop-a-loo-mop
alop-bam-boom!

Você é religioso?

Acredito que deve existir alguma espécie de Deus — mas há tantas religiões diferentes. Acredito que os seres humanos, de alguma maneira, simplesmente aconteceram. Tantas coisas não tem explicação. Eu não falo muito sobre religião. Quando era garoto, me mandaram ir na igreja e um dia alguém ficou excitado demais durante a cerimônia e me deu uma cotovelada no olho. Acho que isso me esfriou para essas coisas. Suponho que as pessoas têm de acreditar em alguma coisa, elas sentem que têm de ser dirigidas. Que têm de ter algo que as lidere, seja isso verdadeiro ou não.

E em que você acredita?

Acredito em mim mais do que em qualquer outra coisa. E acho que isso é uma maneira de acreditar em Deus.

A EXPERIÊNCIA DE NOEL REDDING

Simultaneamente ao seu trabalho com Jimi Hendrix, o baixista Noel Redding já possuia seu próprio grupo — o Fat Mattress —, com o qual continuou a tocar após a dissolução do Experience, em 69. Três anos depois formaria o efêmero Road e depois se afastaria do cenário musical até 76, quando voltou comandando a Noel Redding Band, que gravou um álbum (*The Clonakilty Cowboys*), e chegou até a excursionar pelos EUA abrindo shows do Patti Smith Group. Os depoimentos a seguir foram concedidos ao jornalista Chris Welch (autor de *Hendrix, A Biography*) em entrevista para o *Melody Maker* de 01/05/76

- Acho que agora sou um músico melhor. Fizemos algumas coisas boas com o Experience mas a metade do tempo eu não sabia o que estava fazendo
- "Foi o início de tudo. Lembro quando mexemos pela primeira vez com oito canais. Uau! Nos podíamos ouvir o *overdub* de um pandeiro
- "Não tomo mais ácido. Desisti de tudo o mais, no entanto nunca estive envolvido com drogas pesadas. Eu bebia e fumava muito além de toda aquela coisa do LSD. O Experience inteiro estava envolvido naquilo. Mas, depois de me encontrar com várias pessoas que não via há mais de oito anos e não as ter reconhecido, comecei a ficar mais precavido
- "Tinha só vinte anos quando comecei a tocar com Jimi Hendrix, em 66. Sinto-me afortunado por ainda estar aqui, depois de ter sa do de tudo aquilo. E esqu sito pensar sobre aqueles tempos, e quando me lembro de Hendrix ainda fico triste
- "Quando ele morreu, eu estava em Nova York. Alguém entrou no meu quarto e disse que ele estava morto. Nunca fui religioso, mas saí dali: para uma igreja, onde me sentei e fiquei pensando em Jim
- "Não é comum eu sonhar com Jimi, mas uma noite tive um sonho em que ele estava no meu quarto e eu lhe dizia que estava morto. Ele respondia que continuava legal e só queria me ver. No dia seguinte minha mãe me telefonou e disse que Mike Jeffery (*co-empresário do Experience junto com Chas Chandler*) tinha morrido num desastre aéreo. Em outra noite eu tive o mesmo sonho e no dia posterior fui avisado que a namorada de um dos caras do Slade (*grupo que também foi lançado por Chas Chandler*) tinha morrido num acidente de carro. Então, eu tive um terceiro sonho e na sequência David Bowie dançou com a polícia em Nova York. O mais estranho é que um de seus *roadies*, Eric Barrett, também costumava trabalhar para Jimi

A EXPERIÊNCIA DE MITCH MITCHELL

Ele passou dezoito meses como baterista da banda de Georgie Fame, até ser chamado para um teste com o intuito de completar o trio de um guitarrista americano que então estava se lançando na Inglaterra com o nome The Jimi Hendrix Experience.

Daí até agosto de 69 — época do fim do grupo —, Mitch Mitchell teve o privilégio de acompanhar passo a passo a espantosa ascensão de Hendrix, num desempenho que nunca mais tornaria a repetir à medida que se afastava do cenário musical.

Em setembro deste ano, Mitch lançou o livro *Jimi Hendrix' Inside The Experience*, com sua visão pessoal da meteórica trajetória do grupo. Alguns trechos:

● "Sempre me senti completamente à vontade com Jimi e ele comigo... Era incrivelmente fácil porque eu sabia onde ele estava me levando e me sentia preparado para ser levado. Ele nunca se amedrontou em arriscar por direções desconhecidas, como tantos outros grandes instrumentistas que têm receio de tentar algo novo."

● "Jimi era um cara muito, muito divertido, certamente não a figura trágica que algumas pessoas vêm tentando fazer dele. Ele tinha um maravilhoso senso de humor e era um dos melhores músicos que conheci. Sua imitação de Nat King Cole cantando "Rambling Rose" era fabulosa, assim como a de Sammy Davis Jr. Ele também fazia desenhos muito engraçados."

● "Jimi era um grande baixista, um dos melhores, bem ao estilo da Motown. Talvez venham daí as razões dos atritos entre Noel Redding e ele. Noel era um guitarrista frustrado, enquanto Jimi sabia exatamente o que ele queria do baixo."

● "Sei que Jimi gostava da bateria e dos vocais de Buddy Miles, mas só até eles começarem a tocar juntos. Quanto a Billy Cox, alguém tinha de dizer exatamente o que ele deveria tocar, mas Jimi não queria isso novamente. Queria alguém com idéias próprias, o que honestamente Billy não tinha."

● "Na noite de quinta-feira (*17/09/70, véspera da morte de Hendrix*), fui para Londres e telefonei a Jimi. Iamos até o Heathrow nos encontrar com Brian Stone e ele ficou de chegar por volta da meia-noite, entusiasmado com a chance do encontro se estender em uma *jam*... Ficamos esperando, esperando até umas quatro horas da manhã e aí voltei para casa... Não estou certo do horário, mas na mesma madrugada recebi uma ligação dizendo que Jimi tinha morrido. Não podia acreditar, nem esboçar qualquer tipo de reação..."

Keystone

"É meio idiota ir para a cadeia por fumar uma planta"

Se existe um Deus e ele criou você, o fato de você acreditar em si faz com que automaticamente acredite Nele.

Para um número cada vez maior de pessoas, a maconha parece ter se tornado um substituto para a religião. Qual é a sua visão sobre o fumo?

Penso que dentro de cinco ou dez anos a maconha vai ser legalizada. Por outro lado, não acho que beber é uma boa. Deviam fazer uma grande pesquisa sobre os efeitos da maconha e descobrir se ela é realmente tão prejudicial. Me parece meio idiota que você possa ser mandado para a cadeia por fumar uma planta, algo natural. Você vê bêbados e mendigos pedindo dinheiro na rua, e ninguém liga para isso — apesar de ter gente capaz de matar para arrumar uns centavos e comprar um drinque. Acho que a situação vai ficar bem clara logo. Isso é apenas o início de uma guerra fria entre os que querem maconha e aqueles que não querem. De uma coisa eu tenho certeza: é errado classificar todas as drogas da mesma maneira. Maconha é totalmente diferente de drogas pesadas. Realmente não entendo como alguém pode enfiar uma agulha em si mesmo. Tive pneumonia quando criança e sempre berrava quando vinham me dar injeção.

Quais são seus planos para o futuro?

Primeiro, eu quero ver muito mais festivais acontecendo na Inglaterra. Realmente gostaria de fazer um lance tipo Monterey, aqui. Também estou tentando bolar um conceito totalmente novo de show — algo mais na linha de uma peça, com uma boa apresentação de palco, uma abordagem totalmente diferente. Mas vai demorar algum tempo até chegarmos lá. Quero também experimentar com outros instrumentos, mantendo o trio básico mas adicionando outros músicos temporariamente quando quisermos uma sonoridade diferente. E, finalmente, estou louco para chegar logo a nossa excursão pelos Estados Unidos, que começa em fevereiro e vai durar seis semanas. Mas, nesse exato momento, meu plano principal é voltar a dormir.

(Infelizmente, não conseguiu!)

DISCOGRAFIA

É praticamente impossível compilar todas as gravações de Hendrix disponíveis no mercado. Após sua morte houve uma avalanche de lançamentos, desde suas primeiras gravações como músico acompanhante até shows, ensaios, *jam sessions* e entrevistas.

A este material agregou-se a descoberta de mais de mil horas de gravações de Hendrix em seu estúdio, Electric Lady, produzidas por Alan Douglas no último ano de vida do guitarrista. Estas fitas foram remixadas; em algumas eliminou-se parte dos canais originais, substituindo-os por um novo acompanhamento ou mesmo acrescentando outros instrumentos. Os resultados são extremamente diversos, em termos de qualidade.

Nesta relação foram incluídos os lançamentos mais significativos de Jimi. Apesar de americano, ele se projetou a partir do cenário musical londrino, onde gravou seus primeiros discos. Portanto, prevalecem na discografia as edições originais britânicas, seguidas das versões que saíram nos EUA e no Brasil, quando assinaladas. Das edições nacionais só encontram-se em catálogo os LPs *Experience*, *More Experience*, *Jimi Plays Monterey*, *Band Of Gipsies 2* e *The Jimi Hendrix Concerts*, todos ao vivo. Muito pouco para representar Jimi devidamente. Ao menos seus álbuns oficiais merecenam ser reeditados por aqui. Alô, alô, PolyGram...

PRÉ-CARREIRA SOLO

No período 64/66, Jimi deixou registrada sua guitarra em várias gravações dos Isley Brothers, de Little Richard, Curtis Knight e Loonie Youngblood, além de ter tocado com Sam Cooke, Jackie Wilson, B.B. King, Ike And Tina Turner e outros. Com a ascensão de sua carreira e a morte prematura, boa parte destes registros foram reunidos e lançados em LPs. Os mais importantes:

LP — *GET THAT FEELING* (com Curtis Knight, Track, 02/68 — EUA: London/Capitol, 11/67); **LP** — *FLASHING* (com Curtis Knight, EUA: Capitol, 68); **LP** — *JIMI HENDRIX LIVE* (com Curtis Knight, ao vivo, EUA: Capitol, 70 — BR: RGE/Fermata, 01/72); **LP** — *THE ETERNAL FIRE OF JIMI HENDRIX* (com Curtis Knight, Hallmark, 04/71, BR: RGE/Fermata, 72); **LP** — *IN THE BEGINNING... WITH JIMI HENDRIX* (com The Isley Brothers, EUA: Buddah, 71); **LP** — *JIMI HENDRIX AND LONNIE YOUNGBLOOD* (com Loonie Youngblood, Platinum, 71 — BR: lançado com o título *RARE HENDRIX*, CID, 73); **LP** — *THE WILD ONE* (com Curtis Knight, Hallmark, 10/73); **LP** — *FRIENDS FROM THE BEGINNING* (com Little Richard, Ember, 09/74).

LANÇAMENTOS OFICIAIS

Jimi só teve seu primeiro disco editado nos EUA seis meses após ter gravado o primeiro compacto, quando já havia estourado na Inglaterra. Ainda por cima, os singles americanos divergem bastante de suas edições inglesas, e mesmo dois de seus LPs oficiais apresentam alterações do repertório em suas duas versões. A edição inglesa de

STRAWBERRY FIELDS
É um sonho.
Iogurte, morango, leite e Neston,
Bem batidos no liquidificador.
Strawberry Fields
Forever.

ARE YOU EXPERIENCED traz três faixas — "Red House", "Can You See Me?" e "Remember" — que são substituídas na americana por "Purple Haze", "Hey Joe" e "The Wind Cries Mary". O mesmo ocorre com as faixas "51st Anniversary", "The Stars That Play With Laughing Sam's Dice", "Highway Chile" e "The Burning Of The Midnight Lamp", todas presentes na versão inglesa da coletânea *SMASH HITS* e excluídas da americana, que adiciona ao disco outras três músicas: "All Along The Watchtower", "Red House" e "Remember". **CS** — *"Hey Joe"/"Stone Free"* (Polydor, 12/66); **CS** — *"Purple Haze"/"51st Anniversary"* (Track, 03/67); **CS** — *"The Wind Cries Mary"/"Highway Chile"* (Track, 05/67); **LP** — *ARE YOU EXPERIENCED* (Track/Polydor, 05/67 — EUA: Reprise, 09/67 — BR: Polydor/Phonogram, 68); **CS** — *"Hey Joe"/"51st Anniversary"* (EUA: Reprise, 05/67); **CS** — *"The Wind Cries Mary"/"Purple Haze"* (EUA: Reprise, 06/67); **CS** — *"The Burning Of The Midnight Lamp"/"The Stars That Play With Laughing Sam's Dice"* (Track, 08/67); **CS** — *"Foxy Lady"/"Hey Joe"* (EUA: Reprise, 11/67); **LP** — *AXIS: BOLD AS LOVE* (Track/Polydor, 12/67 — EUA: Reprise, 03/68 — BR: Polydor/Phonogram, 11/69); **CS** — *One Rainy Wish / "Up From The Skies"* EUA: Reprise, 01/68). **LP** — *SMASH HITS* (coletânea, Track/Polydor, 04/68 — EUA: Reprise, 07/69 — BR: Polydor/Phonogram, 12/69); **CS** — *"All Along The Watchtower"/"The Burning Of The Midnight Lamp"* (EUA: Reprise, 09/68); **CS** — *"All Along The Watchtower"/"Long Hot Summer Night"* (Track, 10/68); **LP(2)** — *ELECTRIC LADYLAND* (Track/Polydor, 10/68 — EUA: Reprise 09/68 — BR: lançado como simples, Polydor/Phonogram, 69, reeditado como duplo, Polydor/PolyGram, 80); **CS** — *"Crosstown Traffic"/"Gypsy Eyes"* (EUA: Reprise, 10/68); **CD** — *"Crosstown Traffic"/"Gypsy Eyes"/"(Let Me Light Your) Fire"/"The Burning Of The Midnight Lamp"* (Track, 04/69); **CS** — *"Stepping Stone"/"Isabella"* (EUA: inéditas nos LPs oficiais, Reprise, 04/70); **LP** — *BAND OF GYPSIES* (ao vivo, Track/Polydor, 04/70 — EUA: Capitol, 04/70 — BR: Polydor/Phonogram, 11/70); **CD** — *"Voodoo Chile"/"Hey Joe"/All Along The Watchtower"* (Track, 10/70); **CS** — *"Freedom"/"Angel"* (EUA: Reprise, 03/71); **LP** — *THE CRY OF LOVE* (Track/Polydor, 03/71 — EUA: Reprise, 01/71 — BR: Polydor/Phonogram, 71).

PÓSTUMOS

LP — *EXPERIENCE* (trilha sonora original do filme, ao vivo, Ember, 08/71 — EUA: Ariola, 71 — BR: Ember/Imagem, 73); **CD** — *"Gypsy Eyes"/"Remember"/"Purple Haze"/"Stone Free"* (Track, 10/71); **CS** — *"Dolly Dagger"/"Star-Spangled Banner"* (EUA: Reprise, 09/71); **LP** — *RAINBOW BRIDGE* (trilha sonora original do filme, Reprise, 11/71 — EUA: Reprise, 09/71 — BR: Reprise/Phonogram, 71); **LP** — *LIVE AT THE ISLE OF WIGHT* (ao vivo, Polydor, 11/71 — EUA: Reprise, 11/71); **CS** — *"Johnny B. Goode"/"Little Wing"* (Polydor, 01/72); **LP** — *HENDRIX IN THE WEST* (ao vivo, Polydor, 02/72 — EUA: Reprise, 02/72 — BR: Polydor/Phonogram, 72); **CS** — *"Johnny B. Goode"/"Love Man"* (EUA: Reprise, 03/72); **CS** — *"The Wind Cries Mary"/"Little Wing"* (EUA: Reprise, 09/72); **LP** — *WAR HEROES* (Polydor, 11/72 — EUA: Reprise, 11/72 — BR: Polydor/Phonogram, 73); **LP** — *MORE EXPERIENCE* (trilha sonora original do filme, ao vivo, Ember, 11/72 — EUA: Ariola, 11/72 — BR: Ember/Imagem, 73); **LP(2)** — *JIMI HENDRIX SOUNDTRACK RECORDINGS FROM THE FILM* (trilha sonora original do filme, 06/73 — EUA: Reprise, 07/73 — BR: Atlantic/Continental, 73); **CS** — *"Hear My Train A-Comin'"/"Rock Me Baby"* (Reprise, 06/73); **LP** — *LOOSE ENDS* (Polydor, 02/74 — EUA: Reprise, 02/74 — BR: Polydor/Phonogram, 74); **LP** — *JIMI HENDRIX* (Polydor, 03/75 — EUA: Reprise, 03/75 — BR: Polydor/Phonogram, 75); **LP** — *CRASH LANDING* (Polydor, 09/75 — EUA: Reprise, 02/75) — BR: Polydor/Phonogram, 76); **LP(2)** — *FOR REAL* (DJM, 11/75); **LP** — *MIDNIGHT LIGHTNING* (Polydor, 12/75 — EUA: 10/75 — BR: Polydor/Phonogram, 76); **LP** — *THE ESSENTIAL JIMI HENDRIX* (traz de bônus

um compacto de sete polegadas com a versão de Jimi para "Gloria", de Van Morrison, Polydor, 06/78 — EUA. Reprise, 06/78); **LP** — *(MESSAGE FROM) NINE TO THE UNIVERSE* (Polydor, 06/80 — EUA: Reprise, 06/80, BR: Reprise/WEA, 80); **LP** — *STONE FREE* (Polydor, 06/80 — EUA: Reprise, 06/80); **LP(6)** — *TENTH ANNIVERSARY* (caixa com os seis LPs oficiais de Jimi, Polydor, 09/80); **CS** — *"Voodoo Chile"/"Gloria"* (Polydor, 09/80); **CS(6)** — *THE SINGLES* (caixa com os seis primeiros compactos britânicos, de Jimi, Polydor, 09/80); **LP** — *WOKE UP THIS MORNING AND FOUND MYSELF DEAD* (Red Lightnin', 11/80); **LP(2)** — *THE ESSENTIAL JIMI HENDRIX VOL. II* (Polydor, 01/81 — EUA. Reprise, 01/81); **LP(4)** — *THE GENIUS OF HENDRIX* (caixa com quatro LPs, Audio Fidelity, 10/81); **EP** — *"All Along The Watchtower Foxy Lady Purple Haze"/"Manic Depression"* (Polydor, 11/81); **LP** — *VOODOO CHILE* (Polydor, 06/82); **CS** — *Fire"/"Are You Experienced"* (CBS, 08/82); **LP(2)** — *THE JIMI HENDRIX CONCERTS* (CBS, 08/82 — EUA: Epic/CBS, 08/82 — BR. Epic/CBS, 82); **EP** — *"Voodoo Chile"/"Gypsy Eyes"/"Hey Joe"/"Third Stone From The Sun"* (Polydor, 09/82); **LP** — *KISS THE SKY* (Polydor, 11/84 — EUA: Reprise, 11/84); **LP** — *JIMI PLAYS MONTEREY* (ao vivo, Polydor, 02/86 — EUA. Reprise, 02/86 — BR. Polydor/PolyGram, 86); **LP** — *STRANGE THINGS* (Castle, 04/86); **LP** — *BAND OF GYPSIES 2* (ao vivo, EUA: Capitol 86 — BR: Capitol/EMI-Odeon, 86); **LP(2)** — *LIVE AT WINTERLAND* (ao vivo, EUA. Reprise, 87 — BR: Polydor/PolyGram, 88); **EP** — *THE PEEL SESSIONS* (Strange Fruit, 12/88); **EP** — *"Purple Haze"/"51st Anniversary"/"All Along The Watchtower"* ("Hey Joe" como bônus na versão em CD, Polydor, 01/89); **LP(2)** — *RADIO ONE SESSIONS* (Castle, 02/89 — EUA. Ryko, 89); **EP** — *"Crosstown Traffic"/"Purple Haze"/"All Along The Watchtower"* ("Hey Joe" como bônus na versão em CD, Polydor, 03/90); **LP** — *NIGHT LIFE* (Thunderbolt, 04/90).

OUTROS

LP — *MONTEREY INTERNATIONAL POP FESTIVAL: OTIS REDDING/THE JIMI HENDRIX EXPERIENCE* (nas faixas "Like A Rolling Stone", "Rock Me Baby", "Can You See Me" e "Wild Thing", Reprise 04/71 — EUA: Reprise/Atlantic, 08/70); **LP(3)** — *WOODSTOCK* (nas faixas "Purple Haze", "Star Spangled Banner" e "Instrumental Solo", Atlantic, 04/70 — EUA. Atlantic 12/69 — BR: Atlantic/Phonogram, 70, reeditado pela Atlantic/WEA, 89); **LP(2)** — *WOODSTOCK II* (nas faixas "Jam Back At The House", "Isabella" e "Got My Heart Back Together", Atlantic, 03/71, EUA: Atlantic, 03/71 — BR: Atlantic/Phonogram, 71); **LP(3)** — *THE FIRST GREAT ROCK FESTIVALS OF THE SEVENTIES: ISLE OF WIGHT/ATLANTA POP FESTIVAL* (nas faixas "Power To Love", "Midnight Lightning" e "Foxy Lady", EUA. Columbia/CBS. 70 ou 71).

GELÉIA GERAL

A manhã tropical se inicia,
Geléia de uva, leite e Neston.
Tudo bem misturado
Com muito gelo picado,
A Geléia Geral Brasileira.

PIRATAS

LP — *LIVE EXPERIENCE 1967/68* (registros de apanções nos programas *The Lulu Show* e *Top Of The Pops*, EUA, Kustom também lançado com os títulos de *GOODBYE JIMI* e *BROADCASTS*); **LP** — *LIVE IN HAWAII, MAUI, 1970* (com ensaios de *RAINBOW BRIDGE*, EUA: Immaculate Conception, também lançado como *INCIDENT AT RAINBOW BRIDGE*); **LP(2)** — *JIMI HENDRIX LIVE AT LOS ANGELES, FORUM* (gravado ao vivo em 25/04/70, EUA. Immaculate Conception, também lançado como *LIVE IN CONCERT*, editado originalmente pelo selo Abstract como *LIVE AT THE FORUM*); **LP** — *SKY HIGH* (com a *jam* de Jimi, o Experience, Johnny Winter e a suposta participação de Jim Morrison, EUA: também lançado oficialmente como *WOKE UP THIS MORNING AND FOUND MYSELF DEAD*, 11/80, e integrando a edição inglesa do álbum duplo *FOR REAL*, DJM, 11/75); **LP** — *THE JIMI HENDRIX EXPERIENCE WITH GINGER BAKER* (gravações não creditadas de uma *jam*, EUA. Mumia).

COMPACT DISC

Todos os seis LPs oficiais de Jimi encontram-se disponíveis também em CD, em versões inglesas e americanas. Alem deles, temos os discos ao vivo *JIMI PLAYS MONTEREY*, *LIVE AT THE ISLE OF WIGHT* e *EXPERIENCE*, junto aos álbuns postumos *WAR HEROES*, *LOOSE ENDS*, *CRASH LANDING*, *MIDNIGHT LIGHTNING*, *RADIO ONE SESSIONS* e as trilhas sonoras de *EXPERIENCE* e *RAINBOW BRIDGE*. O grande destaque fica para a caixa de cinco CDs lançada pelo selo inglês Castle no final de 89, *JIMI HENDRIX: LIVE AND UNRELEASED*, que traz gravações com Little Richard, Curtis Knight, The Isley Brothers, faixas remixadas, registros ao vivo inéditos e demos caseiras acústicas entre outras atrações.

CURIOSIDADES

Jimi aparece como produtor do primeiro álbum da banda psicodelica Eire Apparent (data de lançamento e selo ignorados), assim como do LP de estréia do grupo novaiorquino Cat Mother (Polydor, 69). Noel Redding, com o fim do Experience, gravou dois álbuns com a banda Fat Mattress (data de lançamento e selo ignorados) e depois formou o trio de hard rock Road, que gravou um LP homônimo (selo Natural Resources, data ignorada). Em 76, ressurgiu com a Noel Redding Band, lançando o álbum *THE CLONAKILTY COWBOYS*, selo ignorado). Quanto a Buddy Miles, há controvérsias nas informações. A biografia *Jimi Hendrix*, de Benoit Feller, afirma que ele montou o grupo Buddy Miles Express, gravando dois LPs — *EXPRESSWAY TO YOUR SKULL* (Mercury, 68) e *ELECTRIC CHURCH* (Mercury, 69) — com participações de Jimi. No primeiro, ele seria o produtor e no segundo o autor de um texto incluído na capa interna do disco. Já a *New Musical Encyclopaedia Of Rock* afirma na biografia do guitarrista que ele tocou só no primeiro LP, onde também teria escrito as tais *liner notes*. A mesma enciclopedia nota que Jim está creditado em um compacto que Timothy Leary (!) fez para o selo americano Douglas: *"You Can Be Anyone"/"This Time Around"*. Nao há referências de data. Hendrix também tocou em algumas faixas do LP de estréia da dupla McGouch And McGear (Parlophone, 67) e na canção "Old Times Good Times", do primeiro disco solo de Stephen Stills (Atlantic, 70). Em 68, Jimi chegou a gravar um álbum inteiro com o líder do Love, Arthur Lee. Porém, por problemas legais, o disco não foi lançado. Apenas uma faixa deste trabalho — "The Everlasting First" — chegou a ser editada no LP *FALSE START* (Blue Thumb, 70), do Love

A.G.C.D/C.P

CONVENÇÕES

CS — *Compacto simples*; **CD** — *Compacto duplo*. **CS(6)** — *Caixa com seis compactos*; **EP** — *Extended Play*, **LP** — *Album simples*; **LP(2)** — *Álbum duplo*; **LP(3)** — *Álbum triplo*; **LP(4)** — *Caixa com quatro LPs*; **LP(6)** — *Caixa com seis LPs*.

Existem mil maneiras de preparar Neston.

Invente uma.

Foto de Jorge Rosenberg/Abril

TRAGIC ERROR

OU... BLACK KISS, OU... T-99

Cujo nome verdadeiro é Patrick de Meyer, um belga esquisitão com o físico de um urso e o olhar de uma criança que se perdeu da mãe numa imensa loja de departamentos e, ao invés de chorar por socorro, vai fuçar na seção de brinquedos.

Baixando a rotação de dance trax de grupos como o Kraftwerk, os DJs belgas criaram — por volta de 86 — a chamada new beat. "Invisible Sensuality" e "Too Nice To Be Real", lançadas por de Meyer sob o codinome T-99 estavam entre os primeiros frutos nascidos desta atitude que colocou um minúsculo país europeu no mapa-mundi da dance music. Na sequência, veio o Tragic Error com "Klatsche In Die Hande" e "Tanzen" e, por último, o Black Kiss, que assina "Jump On The Floor", a dinamite pós-Technotronic que invariavelmente detonava um carnaval entre a moçada nos shows desta turnê brasileira.

No palco, as diferentes personas de Patrick são cercadas por um time hi-energético, composto pelo DJ Automatic — o homem dos scratches e que aciona bases pré-programadas e gravadas —, mais Colt 45 e RIV, ou Rapid Interfused Villain — os dois rappers — e a cantora Amber. O primeiro show em SP (*coberto no* Ao Vivo *da edição passada*) era a estreia mundial desta formação, reunida para viabilizar em forma de show o repertório das três "bandas", um fato que acabou pesando num desempenho nervoso e pouco fluente. Mas a turnê brasileira de Patrick e seus assecias foi esquentando, atingindo o ponto de ebulição num fim de semana em que se apresentaram, num só embalo, em Belo Horizonte, São Paulo de novo e Santo André. Auditórios lotados de *teenagers* em delírio dançante deram ao grupo um gostinho de estrelato que nunca haviam tido, com aglomerações nas portas dos camarins, filas para autógrafos e fotos com os ídolos. Inacreditável para uma banda de perfil internacional semi-inexistente que, no Brasil, dois ou três meses antes, era... nada.

Três dias depois desse fim de semana, na véspera de embarcar de volta à sua terra natal, Patrick topou tirar suas máscaras, definir cada uma delas e tentar explicar o vírus que havia inoculado na garotada que viera vê-lo ao vivo.

T-99 "Tudo começou com uma banda de rock chamada Turbo 99, em 87. Quanto mais discos lançávamos, menos discos vendíamos. Faríamos um show por ano. O empresário dizia: 'É melhor começar por baixo e crescer aos poucos do que começar por cima e despencar'. Eu não acreditava nisso, então, um dia simplesmente resolvi transformar Turbo 99 em T-99, para manter de certa forma o nome, mas partir para outro tipo de música. O primeiro disco que gravei foi 'Invisible Sensuality'. Mas, no começo, não vendeu muito — aconteceu aos poucos, acabou se tornando uma dance track clássica.

Tragic Error "Percebi que havia algumas pessoas ganhando muito dinheiro produzindo em casa, com o mínimo equipamento, sem precisar de contratos com gravadoras, proprietários de nightclubs produzindo sua própria música. Eu me perguntava: o que será isso? Será música? Achava meio ridículo."

"Aí tive a ideia de fazer algo nessa linha, tentando chegar ao máximo do ridículo que eu conseguisse: gravando o vocal bebado, em alemão, num só take. Assim nasceu 'Tanzen'. Fui até o diretor da gravadora e disse: 'Isto aqui é um hit! Precisamos cortar e prensar o disco imediatamente'. E ele: 'Você está brincando! Isso é uma merda'. Respondi: 'Eu sei que é uma merda, mas é um hit'. Ele me pediu um tempo para mostrar aos outros caras da companhia antes de tomar uma decisão. Saí furioso, peguei meu carro e fui cortar o disco com meu próprio dinheiro. Aí liguei para ele e disse: 'Ouça, 'Tanzen' está cortado'. E ele: 'Seu f-d-p!'. Assim, em duas semanas o disco estava lançado e a Bélgica inteira ficou louca, os nightclubs tocavam-no até seis, sete vezes por noite'." "Ao mesmo tempo, teria sido um suicídio lançar o compacto sob o nome T-99. Aí nasceu o nome Tragic Error.

Através do sucesso de 'Tanzen', fiquei famoso. Houve um fim de semana em que fiz sete shows, na Bélgica e na Holanda. TV, rádio, muitas garotas na porta da minha casa, não podia sair na rua. Nos primeiros quatro, cinco dias, isso é bem legal. Depois, comecei a ficar nervoso. Mas eu estava feliz, porque era uma canção muito cínica. Meu objetivo era dar uma grande gargalhada em cima do mercado, do business em geral. As pessoas não entenderam isso, acharam que era alguma banda alemã, talvez o DAF gravando sob outro nome."

A partir daí, tentei aumentar sempre o nível de idiotice em minha música — aí fiz 'Klatsche In Die Hande', que não quer dizer absolutamente nada, além da loucura da vida. Uma combinação de agressão e humor, algo como o Kraftwerk, que são caras muito legais. As letras são estúpidas, pobres, mas e daí? É intencional. Não quero ser o Igor Stravinsky. Quero sobreviver. Fiz algumas concessões, mas nunca me vi obrigado, nunca me prostituí. Procuro uma tendência do mercado, mas tento me divertir em cima dela. No fundo é uma grande bosta comercial, mas feita com amor. Tragic Error sou eu, do jeito que eu sou. O T-99 também, apesar de ser sério, instrumental é um outro lado meu. Eu posso ser tediosamente sério (*Patrick é formado pela Escola Superior de Música de Bruxelas*) e um palhaço no instante seguinte. É a minha personalidade.

Black Kiss "Há dez anos, Jo Bogaert (*codinome Technotronic*) — meu melhor amigo, mora a dez minutos da minha casa — e eu tocávamos numa banda. Ele sempre foi, na verdade, um guitarrista de blues no estilo Ry Cooder. Esse era o problema: quem levaria a sério um Ry Cooder belga? Ele fez doutorado em Filosofia e lecionava num colégio. Um dia, quando não aguentava mais, se perguntou: 'Que é que eu estou fazendo aqui? Eu sou um músico!' Abandonou a escola para ser apenas um músico. Teve dois hits — "Acts Of A Madman"/"The Dream" e "Nudgenemo?"/Hiroshima" — e aí caiu no ostracismo. Lançou alguns discos que ninguém nunca ouviu."

"Um dia me chamou para mostrar uma base que tinha gravado, nada além de uma linha de baixo e de uma garota negra cantando 'pump up the jam'. Disse: 'Patrick, estou com um bloqueio criativo, você não quer tocar alguma coisa em cima disso?' Lembro de que eu estava com 39º de febre e levei a fita para casa, para estudá-la. Fiz um arranjo de sintetizadores. Mudei bastante a estrutura. Era um acordo

> **"'Tanzen' era uma merda, mas também era um hit"**

que tínhamos: ele tocava guitarra nas minhas coisas e eu arranjava os sintetizadores nas dele. Como você sabe, foi um grande sucesso (*cinco milhões de cópias vendidas*). Só com dez por cento dos royalties pelo arranjo eu estaria milionário! Mas era um trato informal entre amigos, nada assinado. Que idiota! Por isso fiz 'Jump On The Floor', na linha de 'Pump Up The Jam'. Perguntei a ele se não se incomodaria se eu fizesse algo parecido e ele disse que não. Mas seu editor caiu em cima, queria metade dos meus direitos autorais para ficar quieto. Prometi a ele material no futuro. Isso te dá uma boa ideia de como funciona o *music business*. Enfim, essa foi a razão por que fiz 'Jump On The Floor' — é o que chamam *hip house*, por ser uma combinação de new beat e house. Eu seria um tolo se não fizesse algo neste estilo. Muita gente tentou, mas poucos conseguiram — existem alguns segredos no modo como foi feita 'Pump Up the Jam'. Eu sei como ela foi produzida, conheço esses segredos..."

Conta para a gente

"Não. Mas usei a mesma programação de sequenciador. Por isso não fez tanto sucesso, o interesse já tinha sido canalizado — ainda assim foi bem, cerca de duzentas mil cópias. Continuo achando 'Tanzen' minha favorita.

A banda "São amigos meus. Cada um tem sua própria carreira. Amber é parte essencial do Black Kiss. Estamos trabalhando agora no próximo compacto. Ai temos Colt 45, vindo direto do Bronx — eu o descobri em Amsterdã, é um autêntico elemento de gangue de rua. Estou ajudando-o a desenvolver seu próprio trabalho, ele acaba de lançar seu primeiro doze polegadas, chama-se 'Gangster Groove'. Já RIVé um mix ambulante — canta soul como um pássaro, 'rappeia' como o Public Enemy. É músico, tem um ótimo toque nos dedos, tanto para percussão como para teclados, muito criativo para linhas de baixo. Reuni esta banda especialmente para vir ao Brasil. É algo muito especial aconteceu, a vibração no palco era sensacional, por isso resolvemos agora continuar. Ensaiamos apenas duas semanas. Provamos que é possível vencer este bloqueio da tecnologia e promover uma festa no palco.

Os shows "Minha maior surpresa foi o entusiasmo da plateia. Beirava a histeria. Estamos acostumados a tocar em clubes minúsculos, não estávamos preparados para tamanha generosidade. Isso me leva a crer que o Brasil pode desabrochar maravilhosamente assim que se arrumar a economia, assim que tiver um pouco mais de dinheiro. É uma questão de tempo. Mas São Paulo não é uma cidade muito saudável para se viver.

Drogas "Para mim, as únicas que prestam são café e cigarro. Bebo café o tempo todo, é uma ótima droga, a nicotina também, porque vai instantaneamente para o cérebro.

Público-alvo "Fazemos música para pessoas que estão muito vivas, diferente de quem compra um disco, vai para casa põe para tocar e senta no sofá para ouvir. Gente que compra Tom Waits, Dire Straits, Bruce Springsteen... pessoas que têm vinte e poucos anos mas não estão mais vivas. Nosso público tem de doze treze anos a vinte, 21 no máximo. Projetamos nosso som para esta garotada que recebe uma boa mesada para gastar em discos, sair para dançar — essas são as pessoas mais felizes do mundo."

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

ROBERT PLANT

NIRVANA FRENÉTICO

É o nome do novo disco e o apelido de Robert Plant, ícone dos anos 70 que continua a mil e está envelhecendo como vinho Francês

Robert Plant é um dos melhores compositores do mundo, como atestam suas parcerias com Jimmy Page no Led Zeppelin. É um dos vocalistas mais imitados do rock; até hoje muita gente faz fortuna xerocando seu timbre e estilo de cantar, vide David Coverdale e Bonham. É um *frontman* carismático e um criador com vôo próprio, que sabe se cercar de jovens talentosos como Robbie Blunt (guitarrista em seu primeiro disco solo) e agora Phil Johnstone. Não está perdido no tempo nem vive de suas glórias passadas, como provam as recentes entrevistas internacionais que deu para promover seu novo disco, *Manic Nirvana*, sua mais densa e excitante tentativa solo. E é superantenado: continua fanático por música e acompanha tudo que acontece, do hardcore independentésimo do Rapeman às mais recentes mutações *dance* dos porões britânicos.

Melhor que Plant, só Plant-Page-Jones-Bonham. Leia e comprove. *A.F.*

O INÍCIO

Quando comecei a tocar em bandas, eu queria ser Gene Vincent. Queria me vestir todo de preto e me esguerrar pelo microfone. É impressionante quantas pessoas tem sido Gene Vincent desde então: Baby Idol, Iggy Pop, Adam Ant. Fui muito influenciado pelo blues negro de Chicago. Além disso, tinha todo aquele movimento social, o movimento paralelo à sociedade, toda aquela viagem boemia que era ler Kerouac, Sartre, Camus, frequentar clubes de jazz e música folk e ouvir algum cara tocando sax tenor.

A sociedade me deu esse *feedback* e a minha educação musical inicial. Eu estava exposto a uma música incrível, e, sendo assim, os grupos em que comecei eram totalmente baseados no blues.

Eu podia ver que a platéia usava aqueles jeans desfiados, cachimbos. Todos pareciam um pouco com Ric Ocasek (*cantor dos Cars*), cheios de spray no cabelo. Então eu achei que poderia fazer aquilo nos salões de dança. E, quando você deixa os pubs e os clubes e vai para os salões, ganha um tipo diferente de público, com saias agarradinhas, saltos altos, cabelos bonitos. Mas eu tinha de mudar a atuação um pouquinho, e eu o fiz. E tenho feito isso desde então, tomando emprestado do blues, roubando tudo que eu puder.

O SUCESSO

A maior parte do meu sucesso como um artista solo tem vindo mesmo de músicas que tendem para baladas, e esse é o ponto mais afastado da minha personalidade, na verdade.

Eu sempre tento mudar o meu estilo vocal, mudar muitas coisas que faço, para satisfazer minha própria imaginação. Não posso ser visto como um cara que vive se repetindo quando, por todos esses anos, qualquer sucesso que obtive veio de uma abordagem musical mais realista. Eu não poderia ter-me protegido sob certas partes da minha personalidade musical, embaralhar-me nelas, e daí fingir que elas não existem — os velhos zeppelismos, ou o que seja. Agora o momento é outro. Eu quero que *Manic Nirvana* seja um grande sucesso, mas, se não for, azar.

A BANDA

Phil Johnstone foi o primeiro e provavelmente é — pelo menos em termos de personalidade — o mais impressionante. Formidável seria a palavra. Ele tocou guitarra em bandas pela Inglaterra e fez um disco famoso até, mas sem nenhum hit, pela Stiff Records.

Doug Boyle é um guitarrista que esteve em algumas bandas, mas quando eu o encontrei ele estava trabalhando no departamento de reclamações de uma agência de viagens. Quando eu telefonei, ele primeiro pensou que eu estava reclamando das instalações sanitárias de algum hotel (*risos*).

Charlie Jones (baixo) vem de uma banda de Bristol chamada Violent Blue, e, quando Phil Scragg não se juntou a nós nas excursões, começamos a procurar alguem que tivesse a abordagem direta que Charlie tem sem enrolações. Ele é persistente. Uma grande aquisição à gangue.

Chris Blackwell (bateria e algumas guitarras) é o timoneiro da banda. Ele controla tudo, até o palco, comandando a gente. É como uma bateria de sampiers que é ligada, e então toda a banda é posta em funcionamento. Sua contribuição musical está crescendo a tal ponto agora que ele toca guitarra em certas faixas do disco. Ele e eu escrevemos "Tie Dye On The Highway".

Eu queria fazer parte de uma banda. Não tenho tanta força assim nem quero ficar tão sozinho.

O DISCO

O disco começou no verão de 88, quando estávamos em turnê nos Estados Unidos, a *Now And Zen Tour*. Nós nos considerávamos uma banda porque estávamos ficando cada vez mais unidos, tanto social quanto musicalmente. Estávamos passando por um grande momento. Trabalhávamos muito, num verão muito quente, e nos dias de folga nos decidimos permanecer juntos e ir para o estúdio. Reservávamos estúdios e trabalhávamos em material novo. Isso é um feito impressionante quando se está viajando direto por duzentos dias. Lá pelo meio de janeiro de 89, estávamos no estúdio gravando *Manic Nirvana*.

Não há maneira de *Manic Nirvana* ser rotulado, como se ele tivesse que fazer parte desse ou daquele estilo de música em particular. São apenas "plantismos", é apenas parte da extensão do Led Zeppelin, é a minha contribuição para o Led Zeppelin dez anos mais tarde.

O conteúdo das letras e a inspiração para cantar ou compor vem primeiramente da minha vida, das minhas emoções. Todo o meu ser é como um gráfico cheio de pontos altos e baixos, de boas idéias e erros. Dessa forma, em termos de letra, há divertimento, e há esse tipo de coisa que parece séria, mas você não sabe se é séria ou simplesmente paródia.

O SINGLE

"Hurting Kind" é a verdadeira música para se iniciar um projeto, uma fita, um CD. É uma abertura perfeita porque é cheia de punch e fala para as pessoas de onde eu realmente venho. Ela pega as raízes do rockabilly de 57 e 58, quando o rock n roll não era o monstro manipulador que é hoje. Ela pega essas raízes e as une à diversão dos anos 90, por assim dizer. Com aquela respiração pesada bem no meio, e a ponte, "hah, hah, hah, hoh hah, hoh". Até mesmo o Prince está lá no meio, em algum lugar, dizendo "Dane-se!" (*Damn!*).

A TOUR

A diferença que existe entre a Europa e a América é que eu estou tentando redesenvolver minha carreira no Velho Continente e estarei tocando num ambiente teatral. Será bastante teatral, toda a montagem, toda a intimidade dos shows. Quero ir para cidades em que nunca estive antes e me mostrar para pessoas que não conhecem a minha figura ou o que eu faço. Quero fazer disso uma turnê mais pulsante, aquela em que, se você não consegue entrar nos shows, vai ficar de bobeira na rua.

FAMA

Geralmente eu encontro pessoas que dizem "ei, cara, você está pendurado na minha parede há anos! Posso ganhar só um beijinho?". E eu digo "tudo bem". Contanto que quem pede tenha feito a barba (*risos*).

O SEXO

Tentei ser tão exótico quanto possível com as experiências que tive. Exótico e forte. Mas ao mesmo tempo nunca ameaçador, tentando levar a coisa leve mas intensamente. O show flui e fica mais intenso, depois dissolve-se e dissipa-se, torna-se acústico por um momento. Uma surpresa completa em relação ao passado "glorioso". Deve ser meio hipnótico. É uma grande celebração e o reconhecimento do passado.

(Entrevista cedida pela WEA Discos.)

Da esquerda para a direita, a nova banda de Robert Plant: Phil Johnstone, Doug Boyle, Chris Blackwell e Charlie Jones

Tony Mottram/Retna

Pega-rapaz, gumex e pinta falsa na bochecha não são os únicos segredos do sucesso de Lisa Stansfield. Sua face, desde 89 estampada nas telas e revistas britânicas, chegou a sugerir uma carreira totalmente planejada, desde a imagem até a música. Nada disso.

"Comecei a cantar quando tinha quatro anos. Bem depois, comecei a ouvir muito soul. Minha mãe tinha um monte de discos da Motown, e comecei a ficar interessada. Acho que é daí que vem meu estilo", revela Lisa, que, ainda garota, já sabia cuidar direitinho do visual: "Na época eu ia muito aos clubes, e uma noite, quando eu tinha uns dezessete anos, fui vista por alguns produtores de um programa de televisão. Eles me perguntaram se eu queria trabalhar na TV. Eu aceitei".

Dois anos e meio depois ela já apresentava um programa de música pop, que foi ao ar por um ano. "Comecei a ficar confusa. Não sabia o que eu queria fazer. Foi então que conheci o Ian Devaney e o Andy Morris. Conversamos bastante e eles me convenceram de que eu deveria começar a cantar novamente. Formamos uma banda chamada Blue Zone."

Com este nome, Lisa e seus músicos/produtores gravaram um álbum — nunca lançado na Inglaterra — num estilo completamente diferente do trabalho atual. "Quando fizemos aquele disco, estávamos atrás de coisas como sucesso e dinheiro. Não nos concentramos na música. Nos transformamos em algo que não éramos, um trio pop e não uma banda de soul. Não conseguimos impedir que o álbum fosse lançado nos Estados Unidos e em outros lugares, mas conseguimos segurá-lo aqui na Inglaterra, porque percebemos que não tinha nada a ver com o que somos. Mas não me arrependo. Foi uma experiência válida."

Sucesso, mesmo, só após a associação do trio ao Coldcut, para os singles "People Hold On" e "This Is The Right Time" — passaporte garantido para o mundo maravilhoso das paradas. "O Matt e o John, do Coldcut, estavam gravando um compacto com Junior Reid (do Black Uhuru), e precisavam de uma sessão de metais. Então o Ian e o Andy, que tocam metais, acabaram tocando na faixa. Depois eles saíram pela Europa para divulgar o trabalho, e eu fui junto só pela aventura. Nos demos superbem com o Coldcut e acabamos indo com eles para o estúdio. Quando gravamos 'People Hold On' não tínhamos idéia do sucesso que faria. Nós a escrevemos mais por diversão!"

Graças a este oportunissimo modo de se divertir, Lisa sentiu o sabor do sucesso e percebeu que o caminho estava aberto. Seu primeiro single, "All Around The World", concretizou o sonho de "tomar o mundo de assalto" e foi seguido pelo lançamento do LP *Affection*."É um disco bem simples, para falar a verdade. Tem bastante dance music e bastante soul, bom e honesto." É o produto do longo relacionamento de trabalho — seis anos e meio — entre Lisa, Ian (seu namorado) e Andy. Não é um caso típico de sucesso instantâneo: "É claro que muita gente pensa isso, porque nunca ouviram falar na gente antes, mas nós trabalhamos duro para chegar onde estamos, e acho que vamos continuar a dar duro. Nosso relacionamento é genial, porque nos conhecemos há muito tempo e nunca brigamos. Temos uma comunicação quase telepática!"

Entre os traços característicos da dance music como movimento, Lisa garante estar envolvida com as mensagens positivas — alguns chamam de hippies — que recheiam não só o seu disco mas também os de seus contemporâneos. "Agora estão fazendo declarações positivas e colocando isso na música, seja ela sobre amor ou guerra. O que está sendo feito é bem positivo, e isso é uma mudança muito refrescante."

Dois anos depois do *Summer Of Love* (verão do amor, como foi batizado o renascimento da dance music, em 88, e a invasão do novo soul britânico), as pessoas começam a se perguntar se a dance vai passar, como tantas outras modas. Lisa não parece preocupada: "Às vezes uma moda dura muito tempo. Não sei quando vai acabar... não sei se ela vai acabar. O mais importante em qualquer movimento é que há sempre duas ou três pessoas que chegam ao topo e ficam lá. Continuam depois da moda passar, porque são boas".

Como forte candidata a um destes dois ou três postos, Lisa aponta uma herança musical deixada pelo movimento: "Acho que sampling é uma forma de arte. Não dá para pegar um *sample*, colocá-lo em qualquer lugar e achar que só isso garante um hit. Você precisa de idéias sobre como juntar tudo para chegar a um resultado interessante. Não é tão fácil e tão simples quanto as pessoas pensam. Há uma técnica para isso, e é uma arte. É mais para técnico do que para músico" (*risos*).

Lisa se sente lisonjeada quando é citada ao lado de grupos como Soul II Soul e acha "superestranho" ter seu disco lançado no Brasil: "Eu nem sabia que coisas assim estavam acontecendo no Brasil. Espero que eles gostem. É bom para dançar, pelo menos" (*risos*).

É óbvio que a coisa não pára por aí. "All Around The World", single lançado em outubro de 89, chegou ao primeiro lugar da parada inglesa em apenas três semanas. O LP *Affection* escalou rapidinho a lista dos mais vendidos na América — em duas semanas, pulou cem colocações.

O fenômeno é garantido por suas habilidades: como vocalista, passa por negra brincando, ainda que seja branquerrima. Mais que isso, suas idéias sobre dance music não são nada ingênuas, resgatando os mesmos elementos destilados por Marvin Gaye e Barry White, agora restaurados pelo verniz moderno de Ian e Andy.

Quem gostou da mistura pode aquecer os motores. Lisa e seus escudeiros estão trabalhando a todo vapor no próximo disco. Vem mais combustível para as pistas por aí.

ANAMARIA G. DE LEMOS

GANHADORES

PROMOÇÃO

CRUZADAS BIZZ

Nº 59 - PALAVRA CHAVE: BIZZ

1º Carlos Augusto Guerson

2º Edson Aparecido Landistau

3º Guilherme Martino Casado

4º - Williandi Honorário de Alburquerque 5º Tustonu Onulu - 6º Sandro Pinto Fortes Cunha - 7º - Roberto Carlos Poseiborn 8º Eduardo Jorge de Carvalho Maciel - 9º - Márcio Renné Moreira Leal - 10º - Solange de J. - 11º - Linderberg Luiz de Carvalho - 12º - Adriano B. Rodrigues - 13º - Fábio Amaral de França Pereira - 14º - Benjamin F. Caffali

Nº 60 - PALAVRA CHAVE: MADONNA

1º Mário José de Araujo Lopes

2º Silmar Bettinazzi

3º Edson Tomioka

4º João Luiz Alves Santos - 5º - Eduardo Jorge Carvalho Maciel - 6º - Gassan Abd Abdouni - 7º - Eduardo Arnold Engel - 8º - Guilherme de Martino Casado 9º - Jônatas Lenziloti de Oliveira - 10º - Ricardo José Francisco Vieira - 11º - Carlos Augusto Guerson - 12º - Maria Clara Tejas - 13º - Flávio Noé Ferreira 14º - Jean Carlos Ribeiro

AS 15 LOUCURAS DE

BIZZ MOVING SOUND

AQUI ESTÃO OS 15 VENCEDORES SELECIONADOS NA PROMOÇÃO MOVING SOUND BIZZ QUE CRIARAM AS FRASES MAIS PIRADAS SOBRE A LINHA MOVING SOUND PHILIPS. ELES ARREBENTARAM, MOSTRANDO QUE A LOUCURA, QUANDO TEM TALENTO, DA O MAIOR PÉ.

Os 5 primeiros ganham um toca-fitas ROME e um Kit Moving Sound cada.

1º lugar - Suzimara G. Vilela - Itajubá - MG
2º lugar - Ademir Costa Pereira - São Paulo - SP
3º lugar - Calil W. Ajouz - S. Helena de Goiás - GO
4º lugar - Nidia J. V. da Silva - Rio de Janeiro - RJ
5º lugar - Maria Stella de Souza - Salto - SP

Os 10 seguintes levam um Kit Moving Sound cada:

6º lugar - Sibyle Steponaitis - São Paulo - SP
7º lugar - Luciana Trindade - Curitiba - PR
8º lugar - Marcelo de M. Rubim - R. de Janeiro - RJ
9º lugar - Renata Gomes Piccioni - Brasília - DF
10º lugar - Marco Aurélio Martins - Curitiba - PR
11º lugar - Elias C. de Brito Neto - S. Gonçalo - RJ
12º lugar - Simone Cardoso Castro - Pelotas - RS
13º lugar - Edgard Miranda - Mogi Guaçu - SP
14º lugar - Giuliano Fonseca - Cel. Fabriciano - MG
15º lugar - Anderson M. Campos - Ipatinga - MG

MOVING SOUND

PHILIPS

VAI COMEÇAR A SESSÃO DA SET.

Todo mês, a revista Set traz os grandes lançamentos do cinema e do vídeo. Faz uma ampla cobertura dos filmes em cartaz e publica entrevistas exclusivas com os diretores, atores e atrizes que você mais curte. Com Set você sempre se programa bem. E encontra ainda uma coleção de vídeos por gêneros, com todas as informações sobre novos lançamentos. Cada edição traz 8 fichas de cine e vídeo, para você destacar e colecionar. Você entra com a pipoca e Set com a melhor informação.

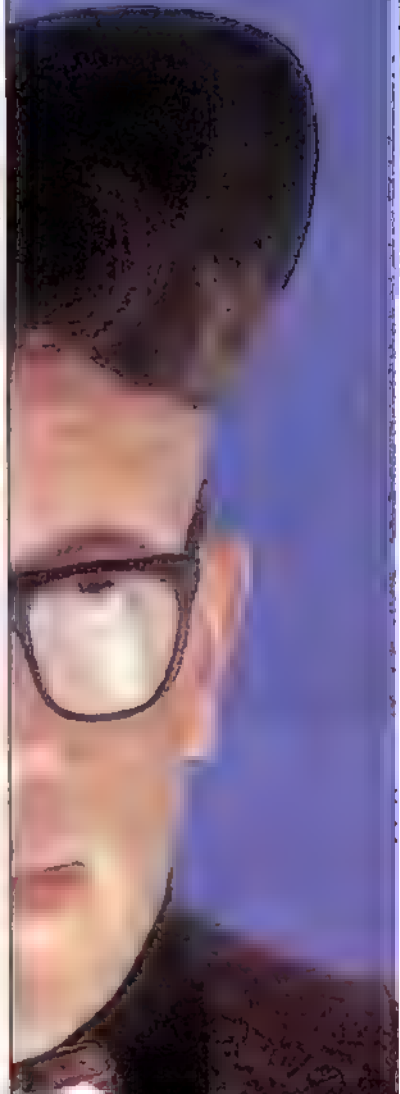
LEIA SET SUA REVISTA DE CINEMA E VIDEO

Uma publicação mensal da

EDITORA AZUL

NENHUM DE NÓS

TOUR EXTRAÑO 90/91



LADO INVERSO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

FONE: (0512) 252-444 FAX: (0512) 259-411

RUA RAMIRO BARCELOS, 1[illegible] - SL 20[illegible]

CEP: 90210 - PORTO ALEGRE - RS - BRASIL

DANCE MUSIC

CLUB CLASSICS

A DUPLA QUE CRIOU O SOM DA PHILADELPHIA

Leon Huff e Kenny Gamble, produtores, compositores e musicos, são uma influência crucial em boa parte da musica pop.

No ano de 1967, na Philadelphia, a dupla começou a desenvolver, com os grupos Intruders e Soul Survivors, um som essencialmente urbano que unia melodias cremosérrimas, arranjos instrumentais elaborados — com seções completas de cordas e metais — e uma base rítmica vigorosa. Tudo embalado por uma produção redonda, de extremo apuro, que não permitia brecha para qualquer tipo de "sujeira" sonora.

Gamble e Huff, em busca da sonoridade ideal, permitiram-se todo tipo de experiência no estudio, tanto com instrumentos como com aparelhagem. Nesta rotina foram nascendo classicos atrás de clássicos do chamado *Philly Soul* ou *Philly Sound*. Em 1971, fundaram o selo Philadelphia International.

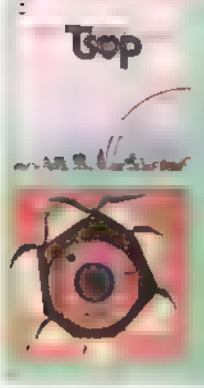
A partir dai, Gamble e Huff decolaram para a fama. A produção proveniente do estudio da Philadelphia Int'l, o Sigma Sound — que ia de baladas soul dramáticas até funk pesado e proto-*disco* sofisticada — contagiou as paradas, as pistas e os musicos na primeira metade dos 70. Bowie foi gravar "Young Americans" no Sigma Sound, os Jacksons trabalharam com G&H e começava a brotar o fenômeno *disco*, cuja maior inspiração musical era o *Philly Sound*.

Também, o time arregimentado por G&H não era brincadeira. Contava com vários outros produtores de talento, o maior deles sendo Thom Bell, além de Bunny Sigler e McFadden & Whitehead; uma exímia banda de estudio, o MFSB, que também lançou seus próprios discos; "girl-groups" como Three Degrees e First Choice; vocalistas de qualidade como Teddy Pendergrass, Billy Paul, Lou Rawls e Eddie Levert; e fantásticos grupos vocais como Delfonics, O'Jays, Archie Bell & The Drells e Harold Melvin & The Blue Notes. Da cena *Philly* emergiram também a sensacional banda Trammps (quem pode esquecer "Disco Inferno"?), fundada pelo baterista Earl Young, o homem que praticamente inventou o prato sibilante presente em quase toda faixa *disco*; e Vince Montana, um vibrafonista que virou produtor e fundou a gravadora Salsoul.

Apesar de a maioria dos nomes da Philadelphia Int'l ter se encaixado confortavelmente na onda *disco*, no fim dos 70 a criatividade do *Philly Sound* havia despencado.

Mas a musica permanece. Claro, o mundo nunca vai descartar monumentos como "Back Stabbers" dos O'Jays e "The Year Of Decision" das Three Degrees. E a influência hoje? O exemplo mais óbvio é a versão do Simply Red para "If You Don't Know Me By Now", de Harold Melvin & The Blue Notes. Mas também temos unanimidades da dance music como Blaze, Paul Simpson, Danny D, Marshall Jefferson e Frankie Knuckles, todos apaixonados do *Philly Soul*.

O ESSENCIAL DE GAMBLE E HUFF



"Expressway To Your Heart" Soul Survivors (67)
"I Can't Stop Dancing" Archie Bell & The Drells (68)
"Back Stabbers" O'Jays (72)
"Me And Mrs. Jones" Billy Paul (72)
"If You Don't Know Me By Now" Harold Melvin & The Blue Notes (72)
"The Year Of Decision" Three Degrees (73)
"Love Train" O'Jays (73)
"Your Song" Billy Paul (73)
"When Will I See You Again" Three Degrees (74)
"The Love I Lost" Harold Melvin & The Blue Notes (74)
"TSOP (The Sound Of Philadelphia)" MFSB (74)
"Give The People What They Want" O'Jays (75)
"I Love Music" O'Jays (75)
"You'll Never Find Another Love Like Mine" Lou Rawls (76)
"Don't Leave Me This Way" Thelma Houston (76)

HEY DJ!

A Toco é a maior casa noturna de Sao Paulo. Junto com a Overnight e a Contra-Mão, forma a trinca dos templos dançantes da zona leste, que atrai gente da cidade [redacted].

Lá, as mãos responsaveis pelos movimentos da massa são do DJ Vadão, 27 anos. Com onze anos de cabine, já tenho tocado em lugares como Roof, Splash, Sunset e Contra-Mão, Vadao começa a dar seus primeiros passos no estudio. Fez, para um concurso de remixes da Jovem Pan FM, uma versao à la Soul II Soul de "Take My Breath Away", hit do Berlin e tema do filme *Top Gun*. Acertou na mosca quanto à escolha e ganhou o concurso. Agora foi convidado pelo Código 13 para remixar a musica "Faça O Que Quer Fazer". A Toco fica na R. Dona Matilde, 509 e funciona aos sabados (22 às 4) e aos domingos (15 às 18 e 20 às 24).

TOP 5
"Swing" **Def Boys**
"Don't Miss The Partyline" **Buzz Nizz**
"Get Dumb" **The Crew**
'Situation' **MC Crown**
'Let's Jam The House" **Pig Boy**

MIX

CHARMOSA

É engraçado, mas ninguem noticiou os shows no Brasil da cantora Sybil, intérprete de interessantes versões *dance* para dois diamantes musicais dos compositores Burt Bacharach e Hal David: "Walk On By" e "Don't Make Me Over" — esta incluida pela *Face* na lista dos 50 melhores singles de 1989. Sybil começou sua carreira há anos fazendo Hi-NRG e, apesar de aqui ela só ser conhecida no meio do *charm*, na Europa já frequentou o topo das paradas de sucesso.

BARULHO MELÓDICO

Aliás, "Walk On By" da Sybil deixou raivosa a dupla de produtores de Bristol, Inglaterra, Rob Smith e Ray Mighty. No ano passado, eles gravaram sua "Walk On By" com a seguinte concepção: o vocal suave e melodioso da cantora Jackie Jackson (nenhum parentesco) aliado a um *groove* paquidérmico, com baixo de reggae e beats secos de hip hop. Um pouco depois, Sybil disparou para o alto das mais vendidas com um single cujas ideias eram igualzinhas às de Smith & Mighty.

Obviamente, isso logo foi superado, pois criar nao é problema para a dupla. Ouvir seu trabalho é uma experiência excitante (dançar nem se fala) pela variedade de sons e efeitos inseridos na musica, uma combinação unica de melodia com barulho. É fundamental conhecer Smith & Mighty: seus primeiros lançamentos, como "Anyone" (outra de Bacharach e David); suas produções para novos artistas de Bristol como o grupo Fresh 4 em "Wishing On A Star" e "Release Your Self" e o vocalista Carlton em "Do You Dream?", e seus remixes, como "Reflections" para Dorothy e "Dub Be Good To Me" para o Beats International.

RAP ÍNDIO

Toni Scott tem dezoito anos e já é um nome de respeito na dance music. Scott, nascido no Suriname e criado na Holanda, tem ascendencia indígena e se define como um autêntico pele-vermelha. Seu rap é inconfundivel: uma voz gravissima e profunda despejando o verbo num tom meio largado. Dançar o hip hop "The Chief" e o hip house "That's How I'm Living" é praticamente compulsivo. Scott nunca deixa o pique cair. Seu novo single se chama "Gangster Boogie" e seu LP de estréia, intitulado *The Chief*, também já está disponivel.

NAS PISTAS

Betty Boo "Doin' The Do"
Aquela rapper durona de "Hey DJ" dos Beatmasters faz uma estupenda estreia solo. Um disco divertidissimo, sem uma gota de juizo, e com um pé no lado camp dos anos 60.

A Way Of Life "Trippin' On Your Love"
Apesar do vocal não ser lá grande coisa, "Trippin'" tem um ritmo house pronto para garantir uma alta concentração de pés em movimento na pista.

Timmy Thomas "Why Can't We Live Together" (remix 1990)
Talvez 90% dos discos que levam a marca "remix 1990" sejam lixo puro. Este não. O *groove* Soul II Soul parece que foi feito na medida para a brilhante musica de Timmy Thomas (originalmente de 1972), que ficou com uma cara nova e saudável.

Diana Ross "I'm Still Waiting" (remix 1990)
Outra que saiu bem da plástica esta belissima melodia de 1970, virou um funk robusto e presença obrigatória nas pistas imbuidas de animação.

The Crew "Get Dumb"
Mais uma vergastada sonora de Civilles & Cole reutilizando uma potente linha de baixo do Seduction. O comentario é um só: absolutamente demolidor.

Double Dee Featuring Dany "Found Love"
Mais um que, como Frankie Bones e 2 In A Room empresta de Spank", Jimmy 'Bo' Horne, para enlouquecer os *clubs*. A diferença é que isto não é nem freestyle nem hip house como os primeiros, mas sim um vivissimo pop house.

Beats International *Let Them Eat Bingo*
Norman Cook e seu grupo chegam ao primeiro disco e que disco! É aqui está o porque: os dois magníficos singles solo de Norman Cook estão aqui ("For Spacious Lies" e "Blame It On The Bassline"), os do Beats International também, e o resto do LP está longe de ser resto, o que resulta num disco indispensavel. Alias, um dos melhores do ano.

CAMILO G. ROCHA

CONEXÃO BRASIL

FANZINES

Bastou um apelo de quatro linhas na seção de cartas da BIZZ 59 para que uma torrente de zines desaguasse sobre esta redação. Assumo meu erro; deveria ter dado o toque bem antes. Há muita gente boa trabalhando na imprensa alternativa deste país.

É sempre bom ter surpresas. Neste caso, **Back Stage** foi uma das mais agradáveis. Em maio deste ano o zine já estava em seu quarto número e trazia a história completa da "superbanda" Mötley Crue e uma exclusiva com o Sepultura, tudo sob as batutas de Márcia Gonçalves e Rose Goz. Contatos: Caixa Postal 24004, CEP 20522, Tijuca, Rio de Janeiro, RJ.

Quem não fica muito atrás é o **Overthrash**: traz endereços de muitos outros zines (escrevam para cá, pô!), críticas de shows e demos, letras etc., num levantamento completo do underground thrash. Parabéns. Thrash contacts: Rosmarildo, QNP 16, CJ. C, casa 35, P. Sul, Ceilândia, CEP 72230, Brasília, DF.

Em outra praia completamente diferente está o **Hang The DJ**, fanzine da banda independente inglesa House Of Love. Com matérias sobre o Velvet Underground, Jim Morrison, My Bloody Valentine, mas nenhuma informação sobre seus editores. Apareçam, *lost boys*! O endereço é SQN 403, BL. J, apto. 304, CEP 70835, Brasília, DF.

Divinópolis também tem seu zine. Com um ano de existência, o **Permuta Ideológica** tem estética caótica e estrutura reduzidíssima: apenas duas folhas. Vale a iniciativa de fazer um zine em Divinópolis e mantê-lo na ativa por catorze números (até agora). R. João Morato, 51, CEP 35500, Divinópolis, MG.

Erga Omnes é o nome do zine editado por Paulo Gabnelleschi, guitarrista do City Limits (que já freqüentou esta seção em duas edições), que mantém colaboradores na Itália e nos Estados Unidos. Para quem ouviu a demo do grupo (lançada em 89 pela S.S. Fuckin' Tapes, de Joaçaba, SC), o Erga Omnes é uma espécie de extensão do experimentalismo detonado pelo City Limits. Contatos: R. Pero Vaz de Caminha, 390, apto. 03, CEP 11390, São Vicente, SP.

Nos próximos números, novos endereços, críticas etc. Se você tem um zine, mande um exemplar para a BIZZ!

CELSO MASSON

ABC

Insulto Oculto é uma banda do ABC paulista que tem histórias para contar. Rato e Ratinho (respectivamente Laércio e Sidney Gonçalves, guitarra e baixo) vieram do Hino Mortal, grupo que participou do Começo Do Fim Do Mundo (o famoso encontro de grupos punk em 82, no Sesc Pompéia) e gravou duas faixas na coletânea *Rock do ABC*, em 87. Piao (Rogélio Garcia, bateria) saiu do Van Gogh; CB (José Ricardo, vocal/guitarra); e Chico (teclado/guitarra), do Páginas Envenenadas — dois grupos atuantes do underground do ABC. Como não é possível viver só de história, os egressos montaram sua própria banda, que ainda não amadureceu o bastante para honrar o passado, mas está encontrando seu caminho. A vertente punk não poderia estar de fora, assim como as letras de protesto. O que falta, para quem pretende ser radical a vida toda, é um pouco mais de vigor. Ousadia também é bom — e eu gosto.

C.M.

BELO HORIZONTE

Talvez seja uma conseqüência da atual situação econômica do país, talvez um sinal da apatia que tomou conta do rock nacional. De qualquer forma, é sintomático o grande número de bandas de covers que tomou conta das casas noturnas da cidade.

Em meio ao inevitável joio, alguns nomes chamam a atenção pelo nível de suas realizações. É o caso da **Squadra Azzurra** e do **It's Only Rolling Stones**. A primeira, formada há quatro meses por Paulo Horta (guitarrista do Último Número) e Flávia Campos (vocais), procura garimpar gemas da MPB (Noel, Lupiscínio, Ataulfo Alves) e do pop dos 60 sob uma ótica eletrônico-minimalista. Já o It's Only..., como o nome indica, dedica-se ao legado dos Glimmer Twins, tendo como base Keta, Dida, Bola — da veterana banda Serpente.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

SALVADOR

Cabo de Guerra é o nome de uma das principais bandas de heavy rock de Salvador a puxar sua corda contra a viciada mídia local. Tem experimentado derrotas, mas as poucas vitórias são degustadas com um louvor especial. Álvaro Assmar (guitarra), Adelmo Assmar (baixo e vocal), Alfredo Júnior (bateria) e José Luiz Lima (teclados), como bons lutadores, não entregam os pontos. Dezoito meses após entrarem no estúdio para lapidar seu material bruto, saíram com um dos discos de heavy rock mais interessantes entre os feitos nas redondezas. Som pesado e viril, guitarras ululantes e um certo maiabarismo instrumental permeiam rocks básicos e baladas com letras que podem abordar o amor, celebrar a vida ou tentar demolir as instituições. Levando adiante uma sonoridade calcada no hard rock dos 70 —, devidamente reciclada com as informações do novo metal que adentra os 90 — o grupo mostra fôlego para experimentar novas linguagens e continuar levando seu rock pesado.

LUÍS CLÁUDIO GARRIDO

RIO DE JANEIRO

Que ninguém confunda **Edson Cordeiro** com mais uma promessa no meio da avalanche de vozes femininas. Apesar do timbre, as diferenças são várias, a começar pela formação. Participando de corais de igreja dos seis aos dezesseis anos, ele chegou aos palcos através do teatro em óperas-rock como *Hair* e *Amapola*. Seu mais recente trabalho foi *O Doente Imaginário*, de Cacá Rossel.

Mas foi cantando "Rainha da Noite" (ária da *Flauta Mágica*, Mozart) no meio da rua Barão de Itapetininga, em São Paulo, que ele descobriu o poder de sua voz. Depois de se apresentar por dois anos para uma seleta platéia no Café Photo, em São Paulo, Edson estreou no Rio em agosto passado. Aos 23 anos, a chance de gravar um disco não o entusiasma. "Gosto mesmo é do palco. Há cantores no Brasil que não exploram o lado dramático, passional, esse jeito latino. É isso que me interessa."

Com uma impressionante extensão vocal, Edson se aventura por um repertório tão eclético quanto sofisticado: "Não quero mais me limitar, me fechar num estilo. Prefiro passear com minha voz e canto o que costumo ouvir. Minha formação básica é tão intuitiva quanto o blues. Branco de cantar óperas, visto personagens", diz justificando o tom histriônico de suas interpretações. Além de árias de várias óperas, costuma incluir uma versão a capella de "Kiss" (Prince), "Speak Lord" (Quince Jones), "Naturtrane" (Nina Hagen), e "Babalu" (Angela Maria).

LORENA CALABRIA

PORTO ALEGRE

Num belo dia, o jovem de codinome Wander Wildner meteu na cabeça a idéia de jogar pelo esgoto sua carreira de três discos como crooner d'Os Replicantes, retomar as regras básicas do punk rock (dois ou três acordes, guitarras distorcidas e letras vagabundas) e recrutar para a missão uma moçadinha hábil na baruIheira inocente. Wander já anda pelos trinta anos e é mais do que escolado em sacudir a massa, enquanto Marcelo Moreira, Estevan Santos e Amilson Silva perambulam pelos vinte e conseguem ser absolutamente honestos num estilo que explodiu quando ainda jogavam bola no campinho da esquina. Essa balburdia denominada **Sangue Sujo** invadiu o inverno porto-alegrense chutando muitas bundas e detonando um hardcore para lá de tradicional. E é aí mesmo que eles acertam. Sem querer inovar e sem se deixar seduzir por modernidades, conseguiram o velho e bom som básico, do tipo que vai tanto a uma praia fuleira quanto a um sujo antro noturno. Sangue sujo é, no mínimo, uma enciclopédia viva.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

- Toda primeira semana de cada mês, o bar Porto de Elis, em Porto Alegre promove a Segunda Sem Lei. As *jams* com os roqueiros gaúchos são transmitidas ao vivo pela Ipanema FM — que também coloca no ar os shows mais importantes que rolam na cidade (e até mesmo fora como o dos Stray Cats em São Paulo), com direito a entrevistas exclusivas nos camarins.
- Terça-feira é o dia que o AeroAnita, em São Paulo, abre as portas para as Noites Do Quarto Mundo com discotecagem de Sônia Abreu.

PAUL McCARTNEY

"Bem-vindo, Paul", dizem os cartazes que adornam as ruas de Liverpool. Nas margens do rio Mersey a cidade que sempre ocupou um lugar especial no coração e na imaginação dos amantes da música pop se prepara para receber de braços abertos seu filho predileto. A última vez que Paul McCartney tocou aqui foi em 75, com os Wings, mas desta vez a ocasião é mais grandiosa: o maior show que Liverpool já viu, um agradecimento à terra natal após uma longa turnê mundial.

Os Beatles ainda atraem milhares de turistas anualmente. Hoje a famosa Cavern Walk abriga um luxuoso shopping center e a The Beatles Shop, onde John, Paul, George e Ringo enfeitam camisetas, posters e até xícaras. Esta indústria de nostalgia também oferece excursões especiais passando por todos os locais importantes da história dos Beatles, e uma exposição permanente sobre eles, nas docas.

Foi nas docas que Paul montou seu palco gigantesco, entre antigos armazéns e monstruosidades modernas. Apesar do preço do ingresso, às quatro da tarde a fila já parece a Muralha da China. Lá dentro, numa tenda armada atrás do palco, jornalistas aguardam a oportunidade de conversar com o grande homem. Ninguém nos deixa esquecer que este é um show beneficente. O dinheiro irá para várias entidades de Liverpool, mas o principal objetivo é a criação do Liverpool Institute For Performing Arts — uma escola tipo *Fame* com cursos de música pop e tecnologia, um centro internacional de música e um centro de integração da música na comunidade.

Mark Featheratons Whitty, fundador da School For Performing Arts Trust — um fundo que planeja criar várias escolas deste tipo no país —, sobe ao palanque e nos fala da tradição musical da cidade e da escolha do velho prédio do Liverpool Institute Of Arts — a escola frequentada por Paul McCartney e John Lennon — para abrigar o projeto. Em seguida Vicki Roberts, da prefeitura da cidade, nos bota para dormir com seus detalhes burocráticos do projeto. Somos acordados pela presença do produtor George Martin. "Bem, foi aqui que tudo começou...", diz ele, e segue-se mais um longo discurso sobre a nova escola. É interessante saber que George ainda se refere aos Beatles como "os meninos".

Finalmente a estrela principal aparece, sorrindo e acenando, e todos querem saber como Paul se sente ao tocar novamente em Liverpool. "Estou achando ótimo. Eu visito a cidade frequentemente, então para mim é mais uma destas ocasiões. Mas quanto ao show, isso sim é especial, por sua grandiosidade. Eu fui o tipo de rapaz que ia a estes shows. O que a única coisa deste tamanho que tínhamos na época era o Liverpool Show, uma exposição agrícola (*risos*). O fato de eu ser a atração principal é incrível! É maravilhoso estar de volta, e ver os jovens de Liverpool. Eles são muito especiais." O show será especial, então? "Não vai ser muito diferente. Vamos tocar algumas músicas especiais, em homenagem a um amigo. O resto vai ser igual.

"Este é um show beneficente", explica Paul. "O dinheiro todo vai para causas filantrópicas, das quais o Liverpool Institute talvez seja a menos importante. Mas além do dinheiro dado à escola, eu vou continuar envolvido com o projeto. Há muito trabalho a ser feito." Quando o show foi anunciado, muitos se perguntaram se esta não seria a resposta de Paul à homenagem a Lennon organizada por Yoko, também aqui em Liverpool, um mês antes. "Nós havíamos planejado o show antes do dela. Só que a idéia original era tocar num lugar menor, para umas duas mil pessoas. Mas eu não gostei da idéia de diminuir o show. O resto do mundo viu o show completo, não seria justo para Liverpool. Então tivemos que procurar um lugar grande como este. Mas este show não foi planejado por causa da homenagem da Yoko!

O John Lennon Tribute, organizado por Yoko Ono contou com a presença de inúmeros artistas — Lou Reed, Kylie Minogue, The Chrisbans, Natalie Cole etc. — num dos momentos mais embaraçosos da história da música pop. "Eu participei por causa do John. Eu o amo e ele era meu melhor amigo. É claro que eu tinha de tomar parte, porque eu o conhecia melhor do que muita gente. Se foi de mau gosto ou não... bem, já passou. Acho que o John não teria gostado muito (*risos*). Havia alguns artistas que John não teria aprovado (*risos*), mas fazer o quê!? Eu não apareci ao vivo por causa da minha turnê, mas eu e o Ringo mandamos vídeos." Será que o show de hoje seria a homenagem pessoal de Paul? "Sempre que eu e o George ou não sei mais quem aparece aqui em Liverpool, as pessoas tendem a pensar nisso. Não, este é apenas um dos shows de nossa turnê. O fato de estarmos em Liverpool e de ser o 50.º aniversário de John não muda nada, apenas o saudaremos brevemente durante o espetáculo."

Ao falar sobre o Liverpool Institute For Performing Arts, o entusiasmo de Paul é evidente: "Fui visitar minha velha escola, e o prédio estava caindo aos pedaços. Achei que seria o lugar ideal para o tipo de escolha que tínhamos em mente. Quando eu era aluno, eu não gostava muito da escola. Quem é que gosta? Mas quando saí pelo mundo tocando é que percebi que aquela escola havia sido importante para mim. Tive a oportunidade, graças a ela, de estar exposto a várias coisas pouco comuns para um garoto de Liverpool. Eu teria orgulho de mandar meus filhos para lá". Um dos jornalistas pergunta a Paul se ele tem consciência de estar se envolvendo num escândalo nacional, referente à criação da escola e à prefeitura de Liverpool. Ninguém entende nada do que está acontecendo, mas Paul se livra do embaraço ao responder: "Tarde demais, já estou envolvido!", o que provoca risos gerais.

De volta às memórias: "Eu gostava do professor de artes e do professor de inglês. O de artes por causa do seu corte de cabelo (*risos*), o de inglês porque ele conseguiu que nos interessássemos por literatura". Alguém quer saber se Paul dará palestras na escola: "Não serão exatamente palestras ou aulas. Eu vou simplesmente aparecer na sala de aula, conversar com os alunos. Eles vão me perguntar como faço certas coisas, e eu mostrarei. Nunca aprendi a ler música! John Lennon nunca passou num exame em sua vida! A ênfase estará no lado prático. Vamos ensiná-los a escrever músicas. Espero ajudar, mais do que ensinar!

No momento, Paul está compondo uma peça para a Filarmônica de Liverpool. Não é à toa, portanto, que um dos jornalistas sugere que ele também faça um dos cursos do Instituto, para divertimento geral. "É verdade! Mas a escola não será assim tão acadêmica... A peça que estou escrevendo com Carl Davis, para ser apresentada na Catedral no ano que vem, é uma experiência nova para mim. Nunca botei música no papel, eu ouço a música na minha cabeça. Estou usando este mesmo processo, e está sendo muito divertido."

A *Paul McCartney World Tour* está sendo registrada e, segundo Paul, o filme dirigido por Richard Lester deve ser lançado no final deste ano. Um dos pontos altos da turnê foi sem dúvida o show no Rio, que quebrou recordes de audiência. "O Brasil foi ótimo! Nos adoramos o lugar. No começo estávamos preocupados com a chuva. Mas aconteceu um milagre e parou de chover pouco antes de subirmos ao palco. Foi o recorde mundial, com 184 mil pessoas. Depois um dos jogadores do time de futebol (o *Flamengo*) reclamou que eu tinha estragado o gramado!

"As pessoas vivem me perguntando se esta é minha última turnê. Deve ser por causa da minha idade avançada. Mas estou me divertindo tanto que já estamos pensando na próxima, no final de 91." Apesar dos boatos sobre Paul estar planejando viajar ao redor do mundo quando acabar a turnê, a verdade é que "vou ficar em casa assistindo à TV".

Lá fora, a multidão invade o grande terreno reservado para o show. A noite de verão está bela, e o sol ainda está alto no céu, apesar de serem quase oito da noite. O mestre-de-cerimônias, para animar o ambiente, pede que o público cante com as músicas ensurdecedoras que jorram das duas gigantescas caixas de som. A última música é "Lambada" do grupo Kaoma... e ninguém canta, apesar de algumas pessoas mais ousadas tentarem dançar.

O show é uma repetição quase idêntica do espetáculo visto pelo resto do mundo. Quando o filme de introdução acaba, vinte mil balões sobem ao céu e 45 mil pessoas gritam histericamente. O filho pródigo acena, canta, toca... Mas para quem já viu o show, ouvir as mesmas piadas e ver os mesmos gestos é quase irritante.

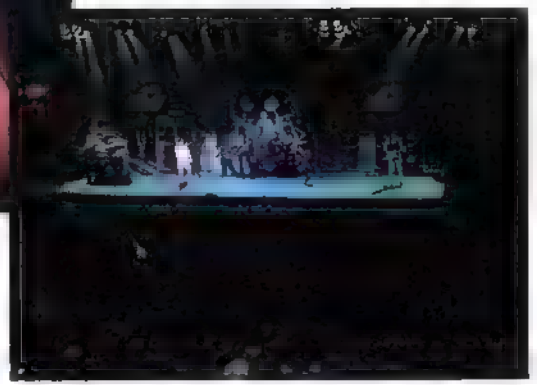
A primeira novidade acontece durante "Sgt. Pepper's Lonely Heart's Club Band": os fogos de artifício pegam todos de surpresa. Como sempre, as velhas músicas dos Beatles são as favoritas. Quanto mais antigas melhor, quanto mais açucaradas melhor.

Depois de "Let It Be", McCartney anuncia o momento mais esperado da noite, a homenagem a John Lennon. Não é todo dia que ele interpreta estas músicas, mas "Strawberry Fields", "Help" e "Give Peace A Chance", infelizmente, são tocadas num formato de medley. Depois do bis, com "Yesterday" e "Get Back", a multidão vai saindo. O final de um dia especial para Liverpool.

ANAMARIA G. DE LEMOS

IAN GILLAN

Arcam Media Arts



PROJETO SP

Que o Deep Purple trabalhava num formato conservador e derrapou em imperdoaveis desvios progressivóides em sua fase final, nao se discute. Agora, estamos falando de uma das mais poderosas bandas de rock pesado da história. Quem começou a detonar seus ouvidinhos nos anos 70 tem a obrigação de assumir sua fase Led-Sabbath-Purple. E tem de reconhecer que já berrou muito junto com os trinados de Ian Gillan, o melhor dos tres cantores que passaram pelo Purple.

Pois ele continua o mesmo (só que seus cabelos, quanta diferença: estao bem cortados e lavados, não parecem mais uma peruca feita com um poodle morto e engomado). Em sua estréia num abarrotado Projeto SP, Gillan — recem-chegado de seis semanas excursionando pela URSS — misturou clássicos do Purple, velhanas da Ian Gillan Band e novidades do álbum solo *Naked Thunder*, como a boa "Nothing To Loose". Sua banda era de primeira, em especial a cozinha formada pelo bateria Ted McKenna e o baixista Chris Clen, ex-Sensational Alex Harvey Band e Michael Schenker Group. O guitarrista Steve Morris, ex-Rory Gallagher, substituiu Richie Blackmore como pode — ou seja, não muito bem. Mesmo assim deu para enganar.

Momentos de intensa bateção de cabeça: "Strange Kind Of Woman", "Knocking At Your Back Door" e "Smoke On The Water" — aquele riff ja entrou para a história. Fizeram falta "Lazy", "Child In Time", "Perfect Strangers" e o hino de meus dezesseis anos, "Highway Star". A seriedade que vá para as cucuias. Gillan é ótimo.

ANDRE FORASTIERI

DJAVAN

FEDH

O grande erro de Djavan é permitir que sua banda mergulhe no mar gelado do suingue brasileiro tipo exportação. Ela poe as manguinhas de fora e logo descamba para arranjos de um jazz-samba funkeado que dá pena. Principalmente quando as brechas instrumentais de composições mais agitadas são cobertas por solos descabidos de sax ou baixo ou teclados. Doi.

Enquanto a cortina está sendo erguida, é impossivel supor que se trata da introdução de "Seduzir". Mais parece alguma coisa do Spyro Gyra. De repente, um giro de 180 graus acalma os instrumentistas e abre alas para o compositor alagoano. O publico grita, assobia e aplaude. Djavan delata sua tensao enquanto caminha para o centro do palco. Põe o microfone no pedestal e permanece imóvel, com o nervosismo da estreia em São Paulo ainda reprimindo sua musicalidade.

Na quarta canção, "Flor De Lis" já está bem à vontade, com o publico cantando a letra toda em coro. Ainda que com o violão em punho, ele arrisca uma delicada movimentação cênica, laceando o paletó de linho branco.

A intimidade com a platéia cresce quando a banda se afasta e Djavan, sentado num banquinho, tenta ser simpático: "Eu estava com saudade de Sao Paulo. Vocês sempre foram muito bons comigo" — mais tarde eu entenderia estas palavras, porque ate agora a coisa estava entre o morno e o frouxinho. As fãs histéricas (que eram muitas) respondem aos berros: "Você é lindo".

"Smile", musica de Charles Chaplin que ganhou letra em português do Braguinha, abre a sequencia voz/violão. "Meu Bem Querer" e "Petala" vêm em seguida. Mais uma vez um coro feminino o acompanha da platéia — e o cantor improvisa um contracanto bem fraquinho, que cessa em poucos compassos.

Os musicos vão retomando seus postos enquanto "Trem Das Cores", de Caetano Veloso, é conduzida num arranjo pouco convincente, iniciado por dois violões e sax, com os outros instrumentos entrando aos poucos. Aí rola a coisa mais esdruxula do show: uma especie infame de *world music* dedicada a Nelson Mandela. A temperatura abaixa.

O hit mais recente, "Oceano", que eu esperava ouvir fechando o show, na verdade é usado antes, para desencadear a apoteose final, junto com "Esquinas" e uma cover estupida de "You Can Feel That I Love You", do idolo Steve Wonder. Parece que é a ultima, mas ainda entram "Samurai" (com o sax imitando a harmonica do ilustre convidado que acompanhou Djavan quando ela foi gravada) e "Sina".

Antes de se retirar do palco o compositor é atacado por duas beijoqueiras que, mesmo agarradas pelos seguranças, conseguem ganhar uns beijinhos. Quase toda a platéia levanta de suas confortáveis mesas e vai em direção ao palco. Djavan volta sozinho e canta "Faltando Um Pedaço". As fãs se derretem. É uma gritaria só. A banda é apresentada e volta, entre os musicos estão Arthur Maia e Paulo Cazazans. O show finalmente termina, com "Infinito" e "Asa" frustrando quem esperava um repeteco de "Oceano". Melhor do que eu esperava. Mas bom mesmo só para fãs.

CELSO MASSON

AO VIVO

FESTIVAL INDEPENDENTE

BRASÍLIA

Com poucas opções de shows e ausência de novos talentos locais, o carioca teve a chance de assistir em um festival parte do que anda acontecendo na cena independente de outras capitais brasileiras.

QUINTA-FEIRA (26/07)

Inauguração do evento com os mineiros da Primavera De Praga e seu funk tecnológico. Uma execução confusa, agravada por complicados arranjos. Na sequencia, os cariocas do Aerosex trouxeram um hard rock pleno de boas intenções, mas... valeram como curiosidade as covers de "So Glad You're Mine", do repertório de Elvis, e uma versão slide de "Negro Gato", acem da canja de George Israel (sax, Kid Abelha). Por fim a sonoridade sombria do Código Ética, tambem de Minas, só serviu para apressar a saída dos poucos curiosos. A destacar, a voz de Sérgio D'Ore.

SEXTA-FEIRA (27/07)

A segunda noite foi aberta pela veterana Laura Finokiaro, em sua nova (?) fase "etno-beat". Acompanhada pela percussão do Woyeké e de ritmos eletronicos, dedicou-se a uma performance multirracial, multinspirada e poliglota. Mas em que canto do mundo teria ela esquecido sua voz?

Enfim, a primeira boa surpresa: o Beijo AA Força, de Curitiba. Para uma pequena platéia — entre estarrecida e histérica —, (per) verteram samba em punk e rock em rap, anos setenta e vanguarda paulista. E mais: o rock nacional possui um pitoresco vocausta, Rodrigo Barros, que "canta" com as mãos e "gesticula" com a voz. A banda, afinada e interamente à vontade, bisou quatro músicas, entre elas "Seja Breve" (Noel Rosa) e "Turning Japanese" (The Vapors).

SÁBADO (28/07)

De Belo Horizonte, com dois LPs independentes, o Ultimo Numero misturou Elvis, putas, Bob Marley e Ave Maria em clima épico. Chato, muito chato. E tudo isso com uma casa lotada, graças à reaparição do Fellini, contando com um novo integrante, o batensta Sergio. Apesar da grande expectativa, o grupo se esforçou pouco para corresponder. O resultado foi uma apresentação frouxa, com dispersão reinando entre os musicos. Após quatro LPs, espera-se, no mínimo, que funcionem ao vivo. Qual será o segredo do Fellini: fazem poucos shows porque tocam mal, ou tocam mal por que fazem poucos shows? O eterno amadorismo parece ser o principal charme da banda. Já que não se levam a sério, que deixem o palco e voltem logo para o estudio.

DOMINGO (29/07)

Dedicada à alta e baixa tecnologia, eis enfim a ultima noite. A dupla fluminense Saara Saara — nao — faz musica para dançar. Com um show mais curto, talvez seus temas fantasiosos não soassem tão repetitivos. Mais uma vez, o trunfo esteve na comicidade do vocalista Servio Tulio e seus mil adereços. Momento impagavel, antes do set religioso, covers da matriz como "Like A Prayer" (Madonna) e "O Amor E O Poder" ("como uma deusa...").

Em seguida entrou, com seu recém-lançado LP, o duo paulista Tek Noir. Programado para dançar, tirou proveito da eletrônica e do idioma inglês e deu um ótimo ainda que previsível show tecnopop. Arriscou ainda covers da matriz como "Enjoy The Silence" do Depeche Mode e "Don't Crash" do Front 242. Ao final, uma certeza: ao flertarem com o samba, as bandas Beijo AA Força e Fellini (este, apesar da má vontade) deixaram o sajdo mais positivo. Demonstraram que o novo rock brasileiro pode sair do atual estágio de estagnação e "promessas". É só sacudir a poeira e dar a volta por cima.

LORENA CALABRIA E CLÁUDIO MENEZES

ROLLING STONES

Nos anos 70, enquanto muitos se deleitavam ao som dos Rolling Stones, eu preferia o blues metálico de Plant e Page. Mas o Led Zeppelin e outros mais se perderam em algum ponto da década, enquanto que os Rolling Stones permaneceram, desafiando as modas passageiras, a idade e as constantes brigas que ameaçavam a existência da banda. Ao contrário da maioria das bandas atuais, os Stones não precisam promover suas turnês. Eles são mais do que uma banda, são uma instituição (viva) do rock.

Por essa e por outras — como o preço do ingresso, o fato de Prince também estar tocando esta noite a um quarteirão daqui e a Inglaterra estar decidindo seu futuro na Copa contra a Alemanha —, é natural que as oitenta mil pessoas que lotam o estádio tenham o direito de esperar um grande espetáculo.

A *Urban Jungle Tour*, todos dizem, é uma versão aguada da *Steel Wheels*, a turnê americana do ano passado. A selva urbana é um palco imenso e multicolorido. O público é predominantemente pós-trinta. A primeira noite da turnê começa com labaredas explodindo em frente ao palco, ao som de "Start Me Up". A banda — enriquecida por dois tecladistas, metais e backing vocalista — toca quase com indiferença, enquanto Jagger, mudando de jaqueta a cada número (merchandising da griffe *Steel Wheels*), passa duas horas e meia correndo, pulando e rebolando — ele nunca soube dançar.

As músicas do LP *Steel Wheels* — "Sad, Sad, Sad", "Almost Hear You Sigh", "Rock And A Hard Place" — são recebidas com o entusiasmo de praxe. Mas o estádio inteiro só começa a cantar junto com Jagger em "Ruby Tuesday" e "Brown Sugar". "Miss You" é longa demais, mas "It's Only Rock'n Roll" faz delirar a multidão. "Honky Tonk Woman" dá início aos efeitos especiais, com duas bonecas infláveis de proporções gigantescas, substituídas por três cachorros/monstros em "Street Fighting Man". Ouvir Keith Richards cantando, vê-lo assumindo o comando, é uma agradável surpresa. Mas o momento mais glorioso e significativo da noite ficará por conta de Jagger: do alto de uma das torres ele aparece cantando "Sympathy For The Devil". O palco é inundado por luzes vermelhas, e sobre nós o céu está negro.

O resto é tão hi-tech que fica-se esperando a nave-mãe aterrissar a qualquer momento. De certa forma, parece errado ver os Stones aqui. Eles pertencem aos estádios há muito tempo, mas sua música não. Quem é que não gostaria de vê-los num clube escuro e esfumaçado, cheirando cerveja e suor? Mas não há retorno, e aqui nos estádios do mundo falta espontaneidade, e fica fácil perder o interesse. Cada vez que a Inglaterra marca um gol, a música é imediatamente esquecida. "(I Can't Get No) Satisfaction" me pareceu um final apropriado.

ANAMARIA G. DE LEMOS

ED MOTTA

Tudo que é de graça não tem graça, já rezava a sabedoria anciã de nossas avós, e shows do Ed Motta não são exceção. Seu show *Um Contrato Com Deus* estreou em São Paulo na festa de segundo aniversário do Dama Xoc — festa, no caso, quer dizer que era um evento fechado, concebido para a diversão de descolados e badaletes em geral.

Ed "o filho mutante do tio Tim" Motta se dedicou, cantou como um rinoceronte nascido em Detroit, suou o coolzézimo jaquetão de couro — mas a maior parte do público não estava lá para ver o show e sim para ver e ser visto. O cara em cima do palco soltando aquele vozeirão e a moçada circulando e distribuindo beijinhos e "te ligos". Meio irritante, não só para quem queria ver o concerto como para o próprio Ed, que se portou como um gentleman e nem distribuiu um merecido esporro no público.

Mas apesar dos pesares o show não foi de se jogar fora de maneira alguma. Ed tem uma voz duca, que está rapidamente aprendendo a explorar. Sua banda é eficiente, ainda que sem maiores brilhantismos — também nem é para ter. Ed não fez nada que o Tim Maia ou o Jorge Ben já não tenham feito antes e muito melhor.

Só que o cara ainda é muito garoto, tem vinte anos. O que ele faz hoje não é nada mau — imagine quando ele começar a dominar *mesmo* o seu ofício. Melhor ainda: imagine se o cara enxerta umas brasileirices dentro do seu suingue de preto americano. Vai ficar sensacional.

E implicâncias e micharias à parte, Ed botou para quebrar. Quando ele canta que não nasceu para o trabalho e que se fosse americano sua vida não seria assim, atinge o nervo das nossas frustrações brasucas. Capricha aí nas letras, Ed, fala mal do governo, da namorada, da polícia. Uma voz boa como a tua não pode ser desperdiçada — é como comprar um CD e caixas de som hi-tech para curtir o disco do Trem da Alegria. Mete o dedo na ferida, que sua música só tem a ganhar.

ANDRÉ FORASTIERI

THE SHANGRI-LAS

Rebeldes em nome do amor

As citações contidas na BIZZ, ao longo da sua história (cinco anos, parabens!), ao grupo The Shangri-las sao mumeras — certa vez cheguei a contar três num só número, em três textos diferentes. No entanto, jamais se publicou um parágrafo sequer dedicado às Shangri-las. *Jukebox* registra e *tenta* reparar a falta.

Integravam o grupo dois pares de irmãs muito jovens, Betty e Mary Weiss e as gêmeas identicas Marge e Mary Ann Ganser. Vindas das ruas de Queens, suburbio de Nova York, depois de dois singles inexpressivos em dez/63 e março/64, gravaram um *demo tape* para George "Shadow" Morton, que, diz a lenda, escreveu a canção em dez minutos, enquanto os musicos preparavam os instrumentos no estudio.

Com esse *tape* da canção "Remember (Walking In The Sand)", Morton e as Shangri-las foram contratados imediatamente pelo recém-formado Red Bird, que se tornaria o selo independente de maior sucesso nos EUA em meados dos anos 60. A associação Morton/Shangri-las, sob as bênçãos de Ellie Greenwich e Jeff Barry (vide *Jukebox*, BIZZ 60), foi intensamente produtiva: entre 64 e 66 foram responsaveis por várias das mais impressionantes canções/produções registradas em disco, classicos imortais como "Leader Of The Pack", "Out In The Streets", "Heaven Only Knows", "Give Him A Great Big Kiss". Sao produções cheias de climas, truques inteligentes, detalhes marcantes, ideias às pencas, saturadas de originalidade e paixão. Os temas, as letras, repletas de citações sobre o universo confuso, ambiguo e angustiado dos *teenagers*, o lado sombrio e perverso de uma juventude "perdida e desajustada", como falavam seus pais.

A imagem do grupo nao precisou de nem um tico de manipulação — elas eram o que aparentavam, meninas com a vivencia das ruas, carentes e ressentidas, frageis e vulneráveis, com pose arrogante e petulante como escudo para as agressoes da vida. Ellie Greenwich, contou, anos depois, sua impressao sobre Marge, Mary, Mary Ann e Betty: "... Hostis, toda aquela maquiagem pesada, roupa barata, mascando chiclete todo o tempo, uma vulgaridade abjeta, meias rasgadas, desleixadas, me faziam mal..."

Na formidável discografia das Shangs — ao todo dezesseis compactos e três LPs —, estão os *highlights* "Remember ...", com seus mágicos efeitos de gaivotas e marulhos e narrativa cinematografica; "Leader Of The Pack", *death-disc* classico, motos derrapando, dramaticidade asfixiante e muita autopiedade; "I Can Never Go Home Anymore", pungente e melancólica, a mesma historia contada por Paul McCartney em "She's Leaving Home", porem do ponto de vista da menina que foge e *muito* mais interessante; "Sophisticated Boom Boom" *teenarrogance* e muito deboche; "Past, Present And Future", a mais estranha e cativante canção que conheço, misteriosa, sedutora e desconcertante, enfim, a obra-prima, o single que mais vezes visitou meu toca-discos; "Dressed In Black", doentia e envolvente, tem uma passagem semelhante a "The End" dos Doors: ela sobe as escadas, entra no quarto, fecha a porta e diz "...nunca mais ninguem vai me ouvir chorar..." e a musica vai terminando num fading agoniante. O que ela vai fazer? O que acontece depois?? Não há mais nada a acrescentar, exceto o lugar-comum: não se fazem mais discos como antigamente.

RENE FERRI

A lead singer Mary Weiss, ladeada pelas gêmeas Marge e Mary Ann Ganser. A outra irmã Weiss, Betty, abandonou o grupo apos a primeira trinca de hits — as classicas "Remember", "Leader Of The Pack" e "Give Him A Great Big Kiss" —, em 64. Massacrado pelo ritmo ininterrupto de turnês e gravações, o trio nao durou muitos anos

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Leader Of The Pack (Red Bird 101, fev/65)
Shangri-las 65! (Red Bird 104, nov/65)
Golden Hits (Mercury SR 61099, julho/67)

No Brasil foram editados dois compactos pela Fermata, em 65. "Leader Of The Pack"/"What Is Love" e "Give Us Your Blessings"/"Heaven Only Knows". Mais recentemente a Brasidisc editou uma ótima coletânea, com excelente texto de John Tobler na contracapa, *Teen Anguish — Their Greatest Hits*, já fora de catálogo.

SHOPPING

DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS

Sensibilidade em suas mãos

BERTASI é sensibilidade em suas mãos. Com simplicidade de manuseio, você pode usar versões para 2 e 5 canais ou em peças avulsas. Faça revolução com esta evolução.

BERTASI®

Baterias Eletrônicas

R. dos Campineiros, 299 - São Paulo - SP
CEP 03167 - Tel.: (011) 948-2936

EMERGENCY
COMÉRCIO EXTERIOR LTDA

CONHEÇA NOSSA LINHA DE EQUIPAMENTOS, ILUMINAÇÃO, ACESSÓRIOS E DISCOS IMPORTADOS

- PROJETOR SONY 1041 C
- ALTO-FALANTES JBL
- TD TECHNICS SLP/1200 MK II CD PLAYER
- TD TECHNICS SL 1200 E, SL 1210 MK II
- CÁPSULAS E AGULHAS SHURE
- MIXER'S DIVERSOS
- LINHA COMPLETA DE ILUMINAÇÃO
- DISCOS (FRANÇA, ITÁLIA, ALEMANHA, INGLATERRA, ESPANHA, ETC.)

ESCRITÓRIO E VENDAS:
RUA JOAQUIM NABUCO, 1695 / 1743
CEP 04621 - BROOKLIN - SÃO PAULO - SP
TEL. (011) 241-4752 / FAX (011) 241-4752

SEJA SÓCIO DO NOSSO CLUBE DO DISCO

Com mais de 100 mil LPs, 10 mil CDs, vídeos, revistas e livros de música, cinema e teatro.

SEBO DE ELITE

O CLUBE DO DISCO

Compra, venda, troca e aluguel
Discos/CDs Vídeos Livros Revistas
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL.
Rua Lisboa, 85 - Jd. América - CEP 054[illegible]
São Paulo - SP - Fone: 852-5506

GANG

PESSOAS TALENTOSAS SEMPRE EMOCIONAM.

A GANG tem os melhores instrumentos musicais nacionais e importados e, também, máquinas e mesas para gravação, além de oferecer uma completa orientação especializada para você se lançar entre os nomes de sucesso.

Venha conhecer nossa nova loja com Estúdio de Teste.
Rua Teodoro Sampaio, 826 - Tels.: (011) 883-1673 e 881-7619

FEAR OF A BLACK PLANET
PUBLIC ENEMY
(DEF JAM/CBS)

A América acha que é um caldeirão, mas na verdade é um bandeijão — nada se mistura, tudo fica isolado. No Brasil, o problema racial é filho do colonialismo, da pobreza e da hipocrisia e suas fronteiras estão diluídas, ou melhor, embebidas profundamente em nosso tecido social e político (naquilo que chamamos de identidade nacional). Mas não na América: colocados lado a lado, mas virtualmente proibidas de se misturarem, as etnias se chocam, tensas. O soul militante dos anos 60 foi uma das vozes dessa tensão. O rap é seu grito no fim do século. E apenas nesse contexto e que ele pode ser totalmente compreendido dentro de sua complexidade.

O Public Enemy, egresso dos subúrbios de Long Island para a linha de frente do rap, apresenta-se e organiza-se quase como uma entidade paramilitar — ao redor dos rappers Chuck D, Flavor Flav e do DJ Terminator X aglomeram-se porta-vozes, "ministros da informação", "agentes de segurança" e "mestres de propaganda", em roupas militares e óculos escuros. No encarte de *Fear Of A Black Planet*, seu terceiro álbum, esta — além de profusos agradecimentos e citações que vão de Prince a Malcolm X — uma lista de telefones e endereços para "contato" e "militância", junto a uma advertência: "Black Power 1990 é um meio coletivo de auto-defesa contra a conspiração internacional para exterminar a raça negra. É um movimento que atemoriza apenas aqueles interessados nesta conspiração, ou que acreditam que ele é algo além do que aquilo que realmente é".

Rap como panfletagem, *agitprop*. O PE foi a primeira banda rap a provocar a ira do *establishment* americano — que agora se volta para o lado mais fútil do estilo, a bravata grosseira e juvenil do 2 Live Crew — e a primeira a alimentá-la cuidadosamente, com bem orquestrados *blitzes* de mídia e declarações de seu "ministro da informação", Professor Griff, contra brancos em geral e judeus em particular. O PE é o coração da trilha sonora de *Faça A Coisa Certa* com seu tema recorrente ("Fight The Power"), um mais-que-perfeito single, o "What's Going On" dos anos 80/90. *Fear Of A Black Planet* incorpora e apura todo esse universo de informações em torno do PE. Para usar comparações grosseiramente inadequadas, mas acessíveis ao consumidor de rock mediano, ele é, no esplendor de suas vinte faixas magnificamente desiguais, o *Album Branco* dos Beatles, o *London Calling* e o *Sandinista!* do Clash: um manual de guerrilha, um mural de exaltações.

Discutir até onde são inexatos, injustos ou simplesmente racistas estas intenções e exortações é desviar o foco do essencial: da eloqüência, da extrema eficiência deste arrieté rítmico e linco. O lado, digamos assim, musical representa a ruptura absoluta com as noções de melodia, harmonia, execução e autoria — o rap é tambor, puro tambor, e poucos como Terminator X sabem destrinchar suas entranhas.

Em suas mãos, *Fear*... torna-se uma montanha russa de ruídos e ritmos aliados aos furtos mais perfeitos — inclusive uma incandescente guitarra de Prince na faixa de abertura, "Brothers, Gonna Work It Out". Conceitualmente, *Fear*... é pura militância, feito expressamente para incomodar e acordar. E o fato de ter a seu serviço o poderoso ursino de Terminator X explica por que opressores sempre temeram o tambor. Pior quando baixa a guarda — em geral nas faixas meio "engroçadas" a cargo de Flavor Flav, como "911 Is A Joke" ou "Can Do Nuttin' For Ya, Man" — e melhor quando faz a mira. A metralhadora giratória de Chuck D manda bala no imposto de renda por ter colocado James Brown na cadeia ("Who Stole The Soul?"), em Hollywood porque esnoba os negros ("Burn, Hollywood, Burn"), na mídia musical porque é racista ("War At 33 1/3", que chama Elvis de "idiota racista"), nos judeus porque "crucificaram minha banda como fizeram com Jesus" ("Welcome To The Terrordrome") e na polícia porque mata preferencialmente de acordo com a cor da pele ("Anti Nigger Machine"). A magnífica "Fight The Power", remixada para a ocasião, fecha *Fear* como um resumo dos capítulos anteriores — poder é o nome do jogo, poder é o que a tensão provoca e exige, poder é o que o Public Enemy quer, poder é a essência do seu rap.

ANA MARIA BAHIANA

PACKED! — Pretenders (Sire/WEA)

OK, ela pode não ter a mesma fúria de quando trocou o jornalismo musical pela guitarra, há mais de dez anos. Talvez nunca mais consiga passar para o vinil toda a carga de adrenalina presente nos dois primeiros álbuns de sua banda. Nem se quer encontrar *sidemen* à altura do guitarrista James Honeyman Scott, do baixista Peter Farndon (ambos mortos por overdose em 82 e 83, respectivamente) e do baterista Martin Chambers (que abandonou o grupo depois do LP *Learning To Crawl*, de 84). Mas o certo é que Chrissie Hynde chega à maturidade fazendo um álbum íntegro e inspirado, baseado na mesma alquimia rock/pop que sempre permeou suas canções.

Passaram-se quase quatro anos desde o dispensável *Get Close* (temporada que incluiu uma vinda ao Brasil, em 89). Da banda que a secundava no disco, restou apenas o baterista Blair Cunningham, e de sua colaboração com o ex-Smiths Johnny Marr, a única resquício que ficou foi a coautoria do baladão "When Will I See You?", uma das melhores faixas de *Packed!*. A reverência a Hendrix — já explicitada na gravação de "Room Full Of Mirrors", um dos momentos felizes do álbum anterior — foi reiterada com a bela cover de "May This Be Love", enquanto as outras nove canções foram todas assinadas por Chrissie.

Possuindo com desenvoltura por sua vertente pop ("Never Do That", "Sense Of Purpose"), contrapondo baladas apaixonadas ("Criminal" e o já citado "When Will I See You?") à pauleira pura como em "Downtown (Akron)" — ou mesmo recorrendo à sonoridade dos *early* Pretenders ("Let's Make A Pact", "No Guarantee", "Hold A Candle To This"), Chrissie demonstra que continua em plena forma como vocalista e compositora. Os dois únicos tropeços do álbum — o "rock engajado" apresentado em "Millionaires" e o insípido reggae "How Do I Miss You?" — não chegam a turvar o brilho do disco, que resgata boa parte da energia e criatividade de seus melhores trabalhos. Mesmo a produção, a cargo de Mitchell Froom (Split Enz, Crowded House) — também responsável pelas esparsas intervenções de teclados —, não chega a comprometer, embora mostre-se distante do peso alcançado pelo antigo produtor, Chris Thomas. Mas só a presença da peça fundamental dos Pretenders já vale o álbum. E o nome dela é Chrissie Hynde.

Celso Pucci

FLESH & BLOOD — Poison (Capitol/EMI-Odeon)

Sempre criticado por sua falta de personalidade sonora e pelo uso abusivo de maquiagem bem ao estilo *poseur*, o Poison chega ao seu terceiro LP com um heavy surpreendentemente mais enriquecido. Além dos vocais e harmonias muito bem cuidados, há até pitadas de blues e country, inclusive com intervenções de *bottleneck* e piano. Os maiores destaques ficam para "Swampjuice (Soul-O)" e "Poor Boy Blues".

L.R.

HAPPINESS — The Beloved (EW/WEA)

Jon Marsh e Steve Waddington eram parte de um grupinho *indie* de guitarras tipicamente inglês, The Beloved, que em 85/86 já fazia algo muito parecido com o que os Stone Roses fazem hoje. Os outros integrantes debandaram e o grupo passou por uma mutação. Hoje produz um techno que passeia brilhantemente entre a discoteca pegajosa e letal de um New Order (como em "You Could Know") e o som ambiental de, digamos, Inner City ("Sun Rising"), com pitadas de *world beat* e vocais delicados que evitam a sensibilidade caricata. Sobre isso, um acabamento do estilo da melhor dance music de hoje. Tem até letras inteligentes, que abordam mas não chafurdam em temas caros aos adeptos da nova era. Bom de ouvir, de dançar e de namorar, *Happiness* é felicidade garantida — e em pouco tempo deve merecidamente expandir seu sucesso das pistas para as rádios.

A.F.

CIRCLE OF ONE — Bucks Adams (Fontana/PolyGram)

Depois de roubar com sua voz e presença poderosas os shows dos Tears For Fears e o hit radiofônico "Woman In Chains", Oleta faz sua estréia no vinil ainda amparada nas suas "tias madrinhas" (Roland Orzabal co-produz e empresta alguns músicos que tocavam em *Seeds Of Love*). O resultado é um LP desigual, com alguns bons momentos. "I've Got To Sing My Song" é o melhor deles, revelando a grande cantora de soul que Oleta ainda pode ser.

M.A.G.

NO SECRETS — Carly Simon (Elektra/WEA)

Este é o terceiro LP de Carly Simon, lançado originalmente em 72, quando ela já se firmava como um dos expoentes do country *soft*. Apesar de soar um tanto datado, o álbum apresenta a cantora/compositora em sua melhor forma, em canções como "Waited So Long", "We Have No Secrets" e "Night Owl". Mas o maior atrativo fica por conta de seu *biggest hit*, "You're So Vain", dedicada por Carly a Warren Beatty e Mick Jagger, que até dá uma canja nos *backing vocals*.

C.P.

IMAGES — Jimmy Cliff (Reprise/WEA)

Na via de mão dupla que liga a Jamaica a outros mercados da música pop, Cliff sempre circulou com desenvoltura. Como ninguém é profeta em sua terra, foi crucial de renegar a religião e a música locais. Com *Images*, ele finalmente dá o troco: retoma as raízes da música jamaicana com uma versão *light* de "Johnny Too Bad" (The Slickers) e tenta reciclar valores da militância rasta ("Rebel In Me", "Save Our Planet Earth", "No Justice"). De quebra, agradece aos americanos e ingleses que tem gravado suas músicas.

C.M.

GOODBYE JUMBO — World Party (Ensign/EMI-Odeon)

Não é só a tonitruante imagem na capa do segundo LP da errática banda World Party — o líder Karl Wallinger usando uma máscara de gás e um par de orelhas de elefante, rodeado por uma colagem de símbolos da nossa "civilização" — que se mostra capaz de mobilizar uma instantânea consciência cosmogônica nas pessoas. Também sua música, um folk rock de suaves emanações psicodélicas, encontra súbita ressonância na onda de positivismo que se alastrou pelo planeta após a queda do muro de Berlim. Boas amostras desse *feeling* estão nas canções "Way Down Now" (com sua inebriante paráfrase do coro dos Stones em "Sympathy For The Devil"), a misticismo *naive* de "Sweet Soul Dream" (tendo a canja de Sinead O'Connor nos vocais) e a reverência à própria vida em "Thank You World".

A.G.C.D.

ENCHANTED — Marc Almond (Parlophone/EMI-Odeon)

Nem mesmo a efemanente bela voz de Marc Almond pode justificar a compra desse disco. Com sua nova tentativa de mesclar ritmos latinos, beats eletrônicos, canções de cabaré e arranjos orquestrais, o cantor só consegue mesmo provocar bocejos. O que poderia soar original — inconstância de ritmos e sonoridades, passagem do techno para o flamenco ou clássico numa mesma faixa —, torna-se enlatadinho quando se transforma em formula. E o que acontece em "Made Me Do Lo Luna", "Widow Weeds", "A Lover Spurned" e "Deaths Diary", minadas ainda por uma grandiosidade forçada e patética. Quando retoma ao envolvente tecnopop responsável pelo êxito do Soft Cell, Marc ainda convence: "Waifs And Strays" e, principalmente, "Desperate Hours" são faixas curtinhas, sem maiores pretensões. Mesmo assim, não valem o preço do LP.

M.A.G.

DICK TRACY: SELECTIONS FROM THE FILM — Various / DICK TRACY: ORIGINAL SCORE — Danny Elfman (Sire/WEA)

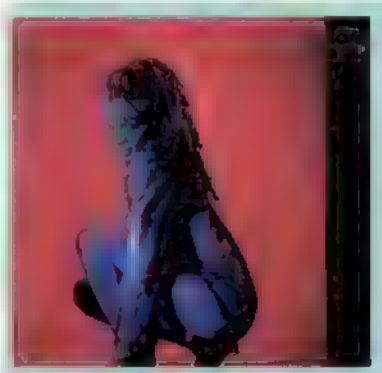
Pelo menos em termos de vinil, *Dick Tracy* conseguiu superar *Batman*, tanto na qualidade como na quantidade. Se o filme do homem-morcego deu origem a dois discos (o de Prince e a trilha original, de Danny Elfman), o do notório detetive nasceu três. Na comparação um a um, *I'm Breathless*, de Madonna, já havia se mostrado mais interessante que o *Batman* de Prince. Agora o mesmo ocorre com a música original de *Dick Tracy*, uma nova incursão cinematográfica de Elfman, bem mais feliz do que a anterior. Mas o melhor mesmo é o *Selections From The Film*: reunidos sob a guarda do produtor/compositor Andy Paley, nomes tão díspares como Jerry Lee Lewis, Darlene Love, La Vern Baker, Brenda Lee, Al Jarreau, Ice T, Erasure e Ofra Haza conseguem se irmanar no mesmo projeto musical de transportar suas respectivas linhas musicais para arranjos ao estilo dos anos 30/40. Resultado: um esquema que pode ter sido criado apenas para incrementar as bilheterias, acabou rendendo três belos discos.

C.P.

TATTOOED MILLIONAIRE — Bruce Dickinson (EMI-Odeon)

Aproveitando-se da longa folga tirada pelo Iron Maiden, o vocalista Bruce Dickinson lançou seu primeiro álbum solo, que gerou uma série de boatos — já desmentidos — sobre o fim do grupo. Na verdade, ele não se afastou muito do estilo Maiden, ao qual acrescentou um lado mais pop. Com o auxílio do guitarrista Jannick Gers (co-autor de oito das dez faixas), Bruce conseguiu um resultado tão satisfatório que após as gravações, Gers foi convidado a se juntar ao Maiden no lugar do demissionário Adrian Smith.

L.R.



DREAMLAND — Black Box / **WORLD POWER — Snap** (Arista/BMG-Ariola) / **49ers** 4th Bway/PolyGram)

Os grupos de dance music conseguem gerar bons singles, mas, quando é hora de apresentar um LP inteiro, o resultado é um desastre. Verdade ou mentira? Consideremos três estreias.

O Black Box, projeto dos DJ italianos Daniele Davoli, Mirko Limoni e Valerio Semplici com a cantora (até prova em contrário) e modelo Katrin Quinol, deixou o mundo boquiaberto em 89 com "Ride On Time". Não soava como nada feito antes e foi logo rotulado de *italo house*. Tinha um riff grudento de piano (*Chicago house*), órgão Hammond (*garage*), e uma melodia pop toda construída a partir de samples, cada um usado como instrumento próprio e não como adereço, efeito, ou para fornecer uma base. Sem querer, a faixa definiu os padrões do pop a ser feito nos anos 90. *Dreamland* é a prova de que estes três italianos dão um banho de qualidade e imaginação em Stock, Aitken & Waterman em matéria de pop dançante e acessível. Ouça "Everybody, Everybody", "I Don't Know Anybody Else", "Strike It Up", "Hold On", "Fantasy" (originalmente do Earth, Wind & Fire), e, se conseguir ficar parado, bem... seu atestado de óbito deve estar a caminho. Primeira evidência de que a tese acima é mentira.

O Snap é concepção de um obscuro produtor alemão tendo à frente o rapper Turbo B e duas cantoras. Seu primeiro single — "The Power" — ocupou rádios e pistas com uma junção de rap, refrões pop e um recheio rítmico de peso. "The Power" (baseada num sample de "Fight The Power", do Public Enemy) está neste LP, logico, mas a gema de fato é a versão para "Oops Upside Your Head", da Gap Band. Mas o disco tem mais: a hilária abertura do lado B com uma paródia das cafonas faixas de rap romântico de gente como LL Cool J. e MC Hammer e uma versão *house* para a tradicionalíssima canção natalina "Mary's Boy Child". Outro ponto para a mentira.

A estréia dos 49ers, outro baluarte da *italo house*, deixa a desejar. Quem gostou de "Touch Me", "You Don't Love Me" e "How Longer", seus últimos hits, deve comprar o disco. Estão todos lá, mas em versões mais pálidas que as *remixes*. Mas trazendo isso e uma compêsma versão de "I Will Survive", de Gloria Gaynor, o outro melodo de 49ers é só regular. Empate. Resultado final: 2 a 0. Teona esmagada.

Camilo G. Rocha

PUTA'S FEVER — Mano Negra (VirgenEMI-Odeon)

Se surfistas e skatistas californianos já adotaram o Mano Negra como a banda adequada para seu estilo adrenal de vida, dá para perceber a razão pela qual o Ongo Boingo não teve dificuldade para manter o reinado do tribo nos anos 80. Alinhando escracho e exotismo em batidas aceleradíssimas, os irmãos Chao não fazem mais que uma gororoba musical irritante. Entre Sigue Sigue Sputnik, Kaoma e *todas* as expressões afro-latinas e orientais de *world music*, não há consenso. Há *Puta's Fever*. *C.M*

PLEASE HAMMER DON'T HURT'EM — M.C. Hammer (Capitol/EMI-Odeon)

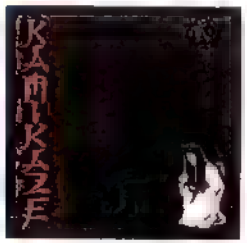
Hammer (martelo) não tem com que se preocupar: sua ferramenta de trabalho é tão ameaçadora quanto o LP do Kylie Minogue. E tão vendável também: o segundo álbum deste rapper de Los Angeles chegou ao segundo lugar nos EUA, seus singles soam como água e ele portanto dublando a M.C. Skatcat em "Opposites Attract", de Paula Abdul. As faixas dançantes do disco são aquilo que a crítica chama de apenas corretas. Quer dizer, bem produzidas e executadas, mas nada que faça esquecer De La Soul. Dos samples aos raps, tudo é para lá de manjado. Mas ainda piores são as faixas românticas, naquele execrável formato pós-L.A./Babyface/Teddy Riley. *C.G.R*

EU NÃO SOU SANTO — Bezerra da Silva (RCA/BMG-Ariola)

Como a maioria dos LPs lançados pelo malandro Bezerra, este é um disco irregular que acaba apresentando um saldo final positivo. Predominam os bons momentos, nas quais o sumbista conta a linguagem bandida do morro sem retoques, com ênfase especial para o "acerto de contas" com a coreografia ("Boca De Rodar", "Cachorrinho de Polícia", "Passa o Rodo Nele", "Mudo Caguete") e a "bandeira" explícita ("O Preto E O Branco", "Vovó Tira-Tira"). Os deslizes só são evidentes quando ele parte para os "sambas de protesto", como em "Quando O Marcego Doar Sangue" e "O Poeta Operário". Mas se até Lobão cai nesta armadilha, deixo a Bezerra. *C.P*

GRAND FUNK LIVES — Grand Funk Railroad (Warner/WEA)

O que esse disco possui para ter sido incluído na coleção *Discoteca Básica* é um mistério — felizmente, a WEA já se tocou e mudou a política da coleção, que lançará nos próximos meses várias preciosidades. Quanto a este vinil do Grand Funk, gravado em 80 e, portanto oito anos depois do ápice do grupo, é perfeitamente dispensável — como aliás quase toda a produção country-hard-rock do Grand Funk, salvo honrosas exceções como "We're An American Band". *A.F*



KAMIKAZE (Cogumelo)

O rock pesado de Minas parece já ter conseguido reconhecimento. Dentro dessa nova realidade surge o LP do quartelo Kamikaze, tecnicamente muito bom em se tratando de uma produção independente. O grupo traz um hard blues colocado no som dos anos 70, com destaque para o vocalista Bizzotto e o guitarrista Reginaldo, ambos com uma postura adequada ao estilo. E, para não renegar as raízes, ate regravaram fielmente o velho hino roqueiro do Terço, "Hey Amigo". *L.R*

TOP GOLDEN HITS: VOLUMES I/II/III/IV — Vários (MCA/WEA)

A rigor, a Era do Compacto começou a agonizar em 67, quando o álbum passou a ser o formato preferido para as experiências sônicas de gente como Beatles, Beach Boys, Zappa, Doors etc. Esta bem-vinda série de coletâneas, porem, vasculha o setor de 55 — ano de "Rock Around The Clock", primeira faixa do *Vol. I* — até 72, quando foi lançada a clássica "Let's Stay Together", de Al Green, presente no *Vol. III*.

Nomes semi-obscuros e *one-hit wonders* se misturam a canções famosas de Chuck Berry, Buddy Holly e Jerry Lee Lewis. Mas o interesse principal não está neles, e sim nos nomes menos conhecidos destes *Top Golden Hits*, que, como o próprio título já diz, reúne uma coleção de sucessos calcados na arte da melodia assobiável e do imediatismo pop: três minutos no máximo para introdução, estrofes, segunda parte, trecho instrumental com ou sem solo e a repetição do refrão com a mesma insistência mântrica. Um milagre de composição que fasanara Amadeus, Johann-Sebastian e Ludwig, se a trinca de ases ainda estivesse viva.

Infelizmente, os quatro volumes não foram editados em ordem cronológica, nem separados por gênero. O resultado parece a programação de uma rádio especializada em *flashbacks* — onde mais Louis Armstrong poderia cruzar com Ricky Nelson? Curiosamente, quem está muito bem representado e a *surf music*, com fabulosos números instrumentais: "Wipe Out", dos Surfaris, no *Vol. I* e "Pipeline", dos Chantays, no *Vol. II*.

Outros pontos de interesse encontram-se no *doo wop* latino dos Elegants ("Little Star", no *Vol. II*), nos primórdios do soul — muito bem representados no *Vol. I* por "Anna (Go To Him)", de Arthur Alexander, e no *Vol. II* por "Um, Um, Um...", de Major Lance — e na presença da banda de garagem psicodélica Strawberry Alarm Clock (Despertador de Morangol, um bom sinal de que pode pintar se a WEA mergulhar no catálogo da Rhino Records. Mas, mas... nem tudo são flores neste jardim: babas inequívocas como Richard Harris, Dean Martin e Three Dog Night foram contrabandeados para dentro como estranhos no ninho. Agora, se você juntar três amigos e cada um comprar um volume da série, dá para fazer uma belíssima C-60 gampando as pepitas ocultas nesta salada mista. *José Augusto Lemos*

LAMBA MUSIC — LAMBA DANCE INTERNATIONAL — Vários (Polydor/PolyGram)

Esses dois discos têm o som de sondentes diretores comerciais da gravadora esfregando as mãos, enquanto as caixas registradoras vão dando *hit* de tanto tilintar. Hoje, a maioria das pessoas aqui dança lambada ou *house*. A ideia de juntar as duas coisas numa só certamente deve ter dado gente que julga a qualidade de um artista pelas seus discos de platina. O primeiro disco traz *megamixes* de hits de lambada misturados com batidas Soul II Soul, *hip house*, *house*, uh, veah etc. Não funcionou, mas poderia procure ouvir "Amado Mio (Brazilian Mix)", de Grace Jones, e constate. O LP internacional tem uma faixa ótima — "Real Wild House", do DJ espanhol Raul Orellana — e outros seis monstrengos. Dentre eles, nem mesmo a versão *house* para "Chorando Se Foi" (do Kaoma) consegue se salvar. *C.G.R*

CENAS DE UM NOVO PAÍS — 365 (Continental)

O 365 nunca foi bom, mas já teve dias melhores. Se você conhece alguma coisa do grupo e acha ruim, imagine o que é este disco. As entrujadas letras de protesto ("Só Armas Nos Fazem A Revolução", "31 De Março", "Anos 70") não dizem coisa com coisa e mal se encaixam nas melodias puberes. Os arranjos não tem um pingo de vigor e pouco fazem para esconder a falta de estilo e habilidade dos músicos (incluindo as trompetistas convidadas). "Peter" e uma malsucedida tentativa de *ska* sem ginga do ai-gum, que exemplifica bem o grau da acefalia que combaliu o 365. "Acabaram com sua vida/mas (sic) a arte e o som vão ficar/sempre". Sensível, né? *C.M*

1234 — Propaganda (Virgin/EMI-Odeon)

Sim, esta de volta a magnífica armação de Paul Morley, o jornalista e capo do selo ZTT, que em meados dos 80 inundou o mercado com delicias descartáveis como Frankie Goes To Hollywood, a grupo-projeto The Art of Noise (que sobrevivem mudando de perfil) e o próprio Propaganda — quem tem boa memória se lembrará do spectro mais de um ano depois de Dan Raubito ter nos deixado órfãos. O primeiro deles foi editado originalmente em 75, com o título de *20 Anos De Rock* e uma montagem muito pobre que simula uma gravação ao vivo. Mas Raul superou tudo isso, entoando com emoção clássicos de Elvis, Carl Perkins, Little Richards e outros, misturado com versões tenras para o jovem guardo. De "Rock Around The Clock" a "Vem Quente Que Eu Estou Fervendo", um resumo de suas maiores influências. A coletânea *Raul "Rock" Seixas* também funciona na mesma base, mas não há aplausos falsos e ele está mais a vontade em faixas como "Trouble", "Rip It Up" e na função de "Blue Moon Of Kentucky" com "Aso Branca" (uma de suas tentativas de provar que rock e baião tinham muito a ver). Já o maior mérito da compilação *Coração De Manga* é reunir gravações de 72 a 76, dentre as quais canções antológicas como "Let Me Sing, Let Me Sing", "Teddy Boy Rock E Brilhantina" e "NãoPareNaPista". *L.R*

SWING THE HEARTACHE: THE BBC SESSIONS — Bauhaus / DEEP — Peter Murphy (Beggars Banquet/WEA)

Dissolvido em 83 sem que pudesse ter desenvolvido todo seu potencial, o Bauhaus foi relembrado ano passado na Inglaterra com a edição de *Swing The Heartache*, álbum duplo que reúne registros alternativos, lado B de singles e rondades a granel gravadas para alguns especiais da Radio One, de Londres.

Embora parte da crítica nos anos 80 os tratasse como um mero carbono de outros artistas, David Bowie, Marc Bolan e Iggy Pop vem imediatamente à tona — ou um bando de *poseurs* que haviam perdido o trem-bala punk, poucos foram os que perceberam que o Bauhaus (ainda que de forma inconsciente) era capaz de deslizar sutilmente pela superfície de pesadelos e neuroses para se auto-parodiar em canções como "Telegram Sam" e "Ziggy Stardust". Aem dessas, a coletânea oferece outros exemplos de fino humor, como o tratamento esquizo-cabaré dado a "Party Of First Part" e o cover de "Night Time", dos Strangelovers, uma piada musical com os desdobramentos do termo 'gótico'.

O clima ameno dessas *sessions* acabou refletindo-se na sonoridade desplugada das canções. Dos dezoito faixas presentes, cinco — "Double Dare", "Third Uncle", "Ziggy Stardust", "Party Of The First Part" e "Departure" — ficaram tão boas que acabaram incluídas em lançamentos oficiais da banda.

E verdade que nem sempre o tratamento *flat* funciona, mas não há duvida de que tais registros completos, apresentados aos fãs pela primeira vez totalmente remasterizados a partir dos tapes originais, permitem agora a mais elucidativa *insight* acerca do espaço sonoro deixado pelo Bauhaus.

Alheio ao *revival*, Peter Murphy sai no rastro do êxito do Love And Rockets e adotando a modelo "Colorama" ("minha voz continua a mesma, mas meus cabelos...") toca seu projeto solo. Ao que parece, a tática dos madeixas peroxidadas deu certo: o single "Cuts You Up" (talvez sua maior concessão ao pop) entrou no *Top Ten* da *Billboard* e seu clip ganhou caderia cativa na MTV. Nas demais faixas, todavia, Murphy bisa a fórmula de *Love Hysteria* inclusive mantendo a mesma banda de apoio, além do produtor Simon Rogers), o que nos deixa a imaginar qual será sua próxima cartada. *Arthur G. Couto Duarte*

30 ANOS DE ROCK/RAUL, "ROCK" SEIXAS/CORAÇÃO DE MANGA — Raul Seixas (Acervo/PolyGram)

Relançados por um selo independente, esses discos chegaram pou-

DISCOS RÁPIDO & RASTEIRO

Três... dois... um.. fogo! Mais rapido que um foguete vem chegando a seção em que o povo da BIZZ descarrega todas as suas frustrações em cima de pobres e indefesos artistas. Vamos começar com o insuportavel **Grateful Dead**, que de legal só tem os fãs. Esse **BUILT TO LAST** (Arista/BMG-Ariola) só impressionará hippies empedernidos e outros invertebrados em extinção. Outro veteranaço é o titio **Alice Cooper** um gênio, como todos sabem, só que **THE ALICE COOPER SHOW** (Warner/WEA) é de sua pior fase, 77. Salvam-se as guitarras de Dick Wagner e Steve Hunter. **J**á o novo de **Chris Rea THE ROAD TO HELL** (EW/WEA) é country-folk-rock apocalíptico, nada de se jogar fora se o teu negócio é sub-J.J. Cale. Agora, a estreia solo do antigo cantor do Men At Work, **Colin Hay,** não tem perdão: o lugar de **WAYFARING SONS** (MCA/WEA) é arquivado na lata do lixo. **O** metal imperal **RIDE THE LIGHTNING** (Vertigo/PolyGram), uma barulhenta velharia de 84 do **Metallica**, é diversão garantida para *bangers*. Já a estréia do baboso e metido a "intelectualebas" **FATES WARNI**[illegible] (Metal Blade/Eldorado) garante sonolência imediata. **N**ão metalica mas também estridente é a estréia brasileira dos *indies* americanos [illegible] (Roadrunner/Eldorado). Grande titulo, mas é só rock pesado e suburbano, sem maiores charmes. Ainda assim, está mil pontos acima do pré-histórico **FEEL** (RCA/BMG-Ariola), do **Human Drama** um grupe ho gotico que faz a seno hoje o que o Bauhaus fazia de brincadeira há dez anos, só que muito pior. **O** melhor ficou para o final. Três babas exemplares dos dias que passam **ROMANTIC WARRIORS** (BMG-Ariola) é cria da dupla escandinava **Modern Talking**, cretinoça mas inofensivo. Perigosos são os **Linear** e os **New Kids On The Block**. Em seu LP de estréia (Atlantic/WEA), o primeiro copia descaradamente o Milli Vanilli (quão baixo se pode descer, ó Senhor), só que em vez de dois crioulos gatões são três branqueios gatosinhos. Sua "Sending All My Love To You" toca o dia inteiro no rádio e apodrece os cerebros de nossas crianças. A mesma operação de troca de raça fez a fama e a fortuna dos New Kids, inventados pelo produtor negro Maurice Starr (criador da New Edition) para atingir um público de garotinhas riquinhas e branquinhas. É o Menudo revisitado e empacotado com típica falta de escrúpulos e tino comercial ianque, um fenômeno das proporções da batmania que exige um sociólogo e umas

vinte paginas de texto para ser explicado devidamente. Mas indo direto ao essencial, o novo disco do grupo — [illegible] (CBS) — é um produto eficiente e bem-acabado, mas inevitavelmente tedioso para quem já desmamou. Ôpa, mas estava faltando um brasileirinho neste molho: é a banda independente **A Crisma**, cujo LP **ORGASMO MISTICO** (*) consegue ser completamente maluco-beleza em sua mistura de misticismo de sacristia com erotismo de piranha do Rio—Bahia. Aos interessados ligar para (061) 242-7164 — só não venham nos culpar depois

ANDRÉ FORASTIERI

ENGENHEIROS DO HAWAII
o papa é pop

incluindo
ERA UM GAROTO QUE, COMO
EU, AMAVA OS BEATLES E OS ROLLING STONES

BMG

RCA

COMPACT DISC

A vinda de **Bob Dylan** ao Brasil no início do ano estimulou o lançamento de vários de seus álbuns em CD. Dessa vez, a feliz escolha recai sobre **DESIRE**, LP de 75 que traz canções memoráveis como "Hurricane" e "Black Diamond Bay". O **U2** também comparece — em dose dupla — com as edições de **THE UNFORGETTABLE FIRE** e **RATTLE AND HUM** (ambos Island/PolyGram), enquanto o **Erasure** é representado pelo seu primeiro LP, **WONDERLAND** (Mute/WEA). A Eldorado aposta no blues brasileiro, lançando **SAN-HO-ZAY**, o mais recente disco dos **Blues Etílicos**. É justamente nesse campo, no r&b e no rock'n'roll que se sobressaem duas excelentes coleções: **ATLANTIC BLUES** (Atlantic/WEA) reúne quatro volumes com variados expoentes do gênero divididos por instrumentos (**PIANO, GUITAR**) ou tendências musicais (**CHICAGO, RHYTHM'N'BLUES — 1947/1974**) e a não menos antológica **THE LONDON SESSIONS** (Chess/WEA) apresenta mais quatro preciosidades. **Howlin' Wolf, Muddy Waters, Chuck Berry** e **Bo Diddley**. Por fim, também mereceram edições em CD os atualmente recomendáveis [illegible] (EMI-Odeon), do [illegible] e o álbum duplo [illegible] (Harvest/EMI-Odeon), gravado em 69 pelo Pink Floyd.

CELSO PUCCI

BOLSA DE DISCOS

Se não fosse a curiosidade, nós ainda estaríamos na idade da pedra.

Você sabe o que é a teoria da evolução? Como funciona uma astronave? Por que o céu é azul e a água do mar salgada? O que é a camada de ozônio? Como o cérebro fabrica idéias? Quando surgiu a vida na Terra?

As respostas para essas e milhares de outras perguntas você encontra em SUPERINTERESSANTE, a revista para leitores superinteressados, onde você logo percebe a enorme diferença que existe entre informação de verdade e simples notícias.

SUPERINTERESSANTE estimula sua curiosidade e respeita sua inteligência com assuntos intrigantes, fotos fascinantes e textos instrutivos. Você vai ver como é fácil e gostoso saber cada vez mais.

Em SUPERINTERESSANTE o prazer da leitura, da descoberta, está presente em cada página.

Idéias, ciência, tecnologia, cultura, história, futuro, tudo o que interessa tem espaço em SUPERINTERESSANTE. Acrescente informação à sua vida. Pense Super.

REVISTA SUPER INTERESSANTE 4 ANOS

Para você saber mais.

Todo mês nas bancas.

DISCOS ZONA FRANCA

Quem esperava que o **Sonic Youth** fosse abrandar seu *noisy guitar rock* ao sair de anos na cena independente para um contrato com um grande selo, pode ir tirando o cavalinho da chuva. Em seu novo álbum, **GOO** (DGC), o quarteto demonstra que continua a tecer melodias com ruídos, sem a menor cerimônia. Entre riffs dilacerados de guitarras e uma cozinha demolidora, a moçada vai fundo em codas ensurdecedoras, reverberações e até aproveitando o barulho dos amplificadores ou plugs desconectados. De quebra, uma mãozinha de J Mascis (Dinosaur Jr.) na produção e *backing vocals*, além da cavernosa voz de Chuck D (Public Enemy) dialogando com Kim Gordon em "Kool Thing".

Ainda inédito no Brasil, o quarteto britânico **Wire** tem mais de treze anos de intensas atividades, desde suas origens punk até o pop eletrônico altamente sofisticado de seus últimos trabalhos. Em seu mais recente álbum, **MANSCAPE** (Mute), o grupo mantém-se atuando na mesma linha, mas em alguns momentos torna-se mais esquizóide ("Small Black Reptile"), *thrash* ("Torch It!") e até rescende aos climas introspectivos das produções solo de Colin Newman ("Other Moments", "The Morning Bell").

CELSO PUCCI

Garotinhas perversas, essas **Breeders**. Ao contrário das ingênuas *love songs* usualmente associadas às bandas femininas de pop rock, o trio — Kim Deal (voz, guitarra), Tanya Donelly (voz, guitarra) e Josephine Wiggs (baixo, voz), também integrantes dos Pixies, Throwing Muses e Perfect Disaster, respectivamente — aborda no LP **POD** (4 AD) prazeres torpes como a pedofilia ("Glorious"), necrofilia ("Fortunately Gone"), *ménage à trois* ("Only In 3's"), pornografia ("Opened") e a sedação induzida por clorpromazina ("Doe") e ópio ("Iume House"), com uma sonoridade crua, corroborada pela produção instintiva do famigerado Steve Albini.

"Os membros desse culto estranho testam sua fé contra a picada da serpente. Alguns morrem em lenta agonia, mas outros voltam querendo mais." Esse é o recado — endereçado às ligas de censura ao rock que ora grassam nos EUA — que **Jello Biafra** incluiu na capa de seu novo LP, **THE LAST SCREAM OF THE MISSING NEIGHBOURS** (Alternative Tentacles). Amparado pela veterana banda canadense D.O.A., ele concentra sua verve sulfúrica sobre os traficantes de *crack*, associando-os — nos épicos quinze minutos de "Full Metal Jackoff" — à CIA e aos políticos de Washington na subvenção do tráfico internacional de armas. Uma porretada!

ARTHUR G. COUTO DUARTE

Com uma delicadeza que até nem se usa mais, os escoceses do **Blue Nile** correm entre o acústico e o elétrico, impulsionados pela voz torturada e as visões poéticas de seu líder, o ex-jornalista Paul Buchanan. O álbum **HATS** (Virgin) traz canções exclusivamente de amor, paixão, desencontro e, às vezes, desespero. Mas a forma eletrônica é apenas a estrutura para o veludo acústico de violinos e cellos. Buchanan tem a voz descorada e levemente fora de tom de um Tom Waits, Leonard Cohen ou Lou Reed. Suas canções são longas, sensuais e, às vezes, épicas — a magnífica "The Downtown Lights" é quase uma opereta de paixão no coração gelado da cidade grande.

ANA MARIA BAHIANA

LETRAS

Tom Stoddart (LFI)

PUBLIC ENEMY

"911 IS A JOKE"

ABRIGO NUCLEAR

ILUMINAÇÃO ROBOTIZADA

A QUALIDADE DO SOM DESTROYER

ABRIGO NUCLEAR

AV NAÇÕES UNIDAS, 22109
TEL (011) 521 1563

PARADA BUZZ

LEITORES

1	*I'm Breathless* (2)	WEA
2	*I Do Not Want What I Haven't Got* (1)	Sinéad O'Connor EMI-Odeon
3	*As Quatro Estações* (5)	Legião Urbana EMI-Odeon
4	*Skid Row* (16)	Skid Row WEA
5	*Wild!* 4)	WEA
6	*The Album* (3)	PolyGram
7	*Pump* (R)	Aerosmith WEA
8	*Stay* (9)	Oingo Boingo WEA
9	*Enjoy Yourself* (N)	Kylie Minogue
10	*The Stone Roses* (R)	Stone Roses BMG-Ariola
11	*Overnight Remixes* (19)	Stiletto
12	*O Ser E O Nada* (N)	EMI-Odeon
13	*Move To Move* (R	Kon Kan
14	*O Blésq Blom* (R)	WEA
15	*Shut Up And Dance* (R,	EMI-Odeon
16	*Everybody Knows* (N)	EMI-Odeon
17	*Big Bang* (R)	Paralamas Do Sucesso EMI-Odeon
18	*II* (N)	Kamikaze Cogumelo
19	*Alternativa* (20)	Tek Noir Stiletto
20	*ChangesBowie* (N)	David Bowie EMI-Odeon

Lojas consultadas: Clandestino Neorte e Cogumelo Discos (Belo Horizonte); Pop Som e Casa Caetano (Porto Alegre); Modern Sound e Sub Som (Rio de Janeiro); Baratos Afins, Musical Box e Woodstock Discos (São Paulo)

LOJAS

1	*Songs For Drella* (N)	Lou Reed e John Cale WEA
2	*Doolittle* (N)	WEA
3	*I Do Not Want...* (2)	Sinéad O'Connor EMI-Odeon
4	*Tattoed Millionaire* (9)	Bruce Dickinson EMI-Odeon
5	*Lock Up The Wolves* (N)	PolyGram
6	*Them* ,N)	King Diamond Eldorado
7	*Manic Nirvana* (19)	WEA
8	*Flesh & Blood* (N)	Poison EMI-Odeon
9	*The Caution Horses* (N)	Cowboy Junkies BMG-Ariola
10	*Trial By Fire (Live In Leningrad)* (8)	Yngwie Malmsteen PolyGram
11	*Dreamland* (N)	
12	*As Quatro Estações* (17)	Legião Urbana EMI-Odeon
13	*Pump* (7)	Aerosmith WEA
14	*The Good Son* (N)	Nick Cave & The Bad Seeds Stiletto
15	*World Power* (N)	Snap BMG-Ariola
16	*Deep* (N)	Peter Murphy WEA
17	*Clandestino* (15)	Ira! WEA
18	*Amor Louco* (N)	Fellini Wop Bop
19	*Skid Row (I)*	Skid Row WEA
20	*I'm Breathless* (3)	WEA

LPs (EUA)

1 (1) *Please Hammer Don't Hurt 'em* — M.C. Hammer (Capitol)
2 (5) Wilson Phillips (SBK)
3 (2) *Step By Step* — New Kids On The Block (Columbia)
4 (3) *I'm Breathless* — Madonna (Sire)
5 (N) *I'll Give All...* — Keith Sweat (Vintertainment)
6 (4) *Pretty Woman* — Vários (EMI)
7 (N) *Flesh And Blood* — Poison (Enigma)
8 (N) Mariah Carey (Columbia)
9 (6) *Poison* — Bell Biv Devoe (MCA)
10 (N) *Compositions* — Anita Baker (Elektra)

LPs (GB)

1 (N) *Sleeping With The Past* — Elton John (Rocket)
2 (1) *The Essential* - Luciano Pavarotti (Decca)
3 (N) *Hot Rocks 1964-1971* — Rolling Stones (London)
4 (N) *Flesh & Blood* — Poison (Enigma)
5 (N) *Pretty Woman* — Vários (EMI)
6 (5) *Summer Dreams* — Beach Boys (Capitol)
7 (N) *Smash Hits Rave!* Vários (Dover)
8 (N) *Compositions* — Anita Baker (Elektra)
9 (9) *I'm Breathless* — Madonna (Sire)
10 *But Seriously* — Phil Collins (Virgin)

LPs Independentes (GB)

1 (1) *Pod* — Breeders (4AD)
2 (N) *Aion* — Dead Can Dance (4AD)
3 (N) *Elvis Bell* — Cud (Imaginary)
4 (2) *Life* — Inspiral Carpets (Cow)
5 (N) *Turtlesoup* — Mock Turtles (Imaginary)
6 (N) Teenage Fan Club (Paperhouse)
7 (5) The Stone Roses (Silvertone)
8 (N) *Spanking Machine* — Babes In Toyland (Twintone)
9 (N) *Livonia* — His Name Is Alive (4AD)
10 (N) *Indie Top 20 Vol. 8* — Vários (Beechwood)

Compactos (EUA)

1 (N) "Vision Of Love" — Mariah Carey (Columbia)
2 (10) "The Power" — Snap (Arista)
3 "Rub You On The Right Way" — Johnny Gill (Motown)
4 (6) "Cradle Of Love" — Billy Idol (Chrysalis)
5 (N) "If Wishes Came True" — Sweet Sensation (Atco)
6 (2) "She Ain't Worth It" — Glenn Medeiros (MCA)
7 (N) "Come Back To Me" — Janet Jackson (A&M)
8 (N) "Unskinny Bop" — Poison (Capitol)
9 (N) "King Of Wishful Thinking" — Go West (EMI)
10 (N) "Do Me!" — Bell Biv Devoe (MECA)

Compactos (GB)

1 (1) "Sacrifice" — Elton John (Rocket)
2 (N) "Mona" — Craig McLachlan & Check 1-2 (Epic)
3 (N) "Thunderbirds Are Go!" — F.A.B. (Telstar)
4 (N) "Turtlepower" — Partners In Kryme (SBK)
5 (N) "U Can't Touch This" — M.C. Hammer (Capitol)
6 (N) "She Ain't Worth It" — Glenn Medeiros (London)
7 (N) "One Love" — Stone Roses (Silvertone,
8 (3) "Nessun Dorma" — Luciano Pavarotti (Decca)
9 (N) "Hanky Panky" — Madonna (Sire)
10 (N) "Naked In The Rain" — Blue Pearl (W.A.V. Mr. Modo)

Compactos Independentes (GB)

1 (N) "I'm Free" — Soup Dragons (Big Life)
2 (N) "Kill Your Television" — Ned's Atomic Dustbin (Chapter 22)
3 (N) "One Love" — Stone Roses (Silvertone)
4 (3) "She Comes In The Fall" — Inspiral Carpets (Cow)
5 (N) "LFO" — LFO (Outer Rhythm)
6 (N) "Perfume" — Paris Angels (Sheer Jay)
7 (N) "Velouria" — Pixies (4AD)
8 (N) "Huge Evergrowing Orb" — Orb (Big Life)
9 (N) "It's On" — Flowered Up (Heavenly)
10 (N) "Naked In The Rain" — Blue Pearl (W.A.V. Mr. Modo)

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA), de 21/07/90 a 11/08/90; Melody Maker e New Musical Express (GB), de 14/07/90 a 28/07/90. Para a Parada Dos Leitores, foram consideradas as cartas recebidas até 10/08/90

CONVENÇÕES:
( ) Posição na Parada anterior
(N) Novidade
(R) Retorno

Leitor, sua participação é importantíssima! Escreva para "BUZZ – Parada dos Leitores" av. Nações Unidas, 5777 CEP 05477 Alto de Pinheiros, São Paulo – SP dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu telefone para [redacted] censura-lo

PAULADA GRINGA LANÇADA AQUI!

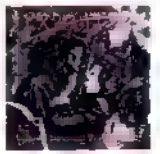
AGORA NO BRASIL VOCE VAI TER TODA QUALIDADE DE UM DISCO IMPORTADO PELO PREÇO DE UM DISCO COMUM

VENOM (PRIME EVIL) FLAG 26

BATHORY - CAPA DUPLA (BLOOD FIRE DEATH) FLAG 25

HOLYTERROR (MIND WARS) FLAG 29

SSH (A FRIEND TOO FAR) JUST 13



EXPLOITED JUST 8

TIGERTAILZ (YOUNG AND CRAZY) MPM 79

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL E AMÉRICA LATINA

PEÇA CATÁLOGOS DE IMPORTADOS:
250 TÍTULOS PELA MUSIC FOR NATIONS

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA CHAVANTES, 605 - BRÁS SP CEP 03027
TEL. (011) 292-8725 - FAX: 92-9931

CITY DISCOS
TEL (054) 223-3074

NORTE NORDESTE CENTRO-OESTE

REALIZA COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
TEL (061) 223 2911

CARTAS

ENTREVISTÃO BIZZ 80

(...) A proposta da BIZZ foi muito clara: discutir os três grupos, se representam ou não uma renovação no rock brasileiro. Lúcida e oportuna a matéria (...) É inaceitável a colocação grosseira e pretensiosa do Uns E Outros, que "o que a gente faz no banheiro, a Legião faz no palco". (...)

Carlos Eduardo Gomes, Rio de Janeiro, RJ

(...) Os garotos do Uns E Outros provaram ser fãs da Legião Urbana, quando disseram que "o que a gente faz no banheiro, a Legião faz no palco". É sinal que eles cantam as músicas de Renato Russo no chuveiro. (...)

C.M. da Silva, Casimiro de Abreu, RJ

(...) Acho que tudo isso não passa de uma grande dor-de-cotovelo, pois na própria BIZZ 60, consta que o disco mais comprado pelos leitores é *As Quatro Estações*, que também é o terceiro mais vendido nas lojas. O disco do Uns E Outros nunca aparece nestas listas. (...)

Fábio Rodrigo Pinto, São Paulo, SP

(...) Ficou claro que a maioria dos roqueiros brasileiros — entre eles Marcelo (Uns E Outros) e Paulinho Moska (inimigos do Rei) — morrem de inveja do Renato Russo. (...)

Jota, Itararé, SP

Loucos! É a única palavra para entender quem diz que a Legião é uma merda. Então o que é bom? Eles? Esses caras aí estão copiando o que El Russo faz e, quando criticam, acabam criticando a si mesmos.

Cláudio Ribeiro, Nova Iguaçu, RJ

(...) Marcelo, do Uns E Outros, só falou besteira. Qualquer rascunho que o Renato jogue no lixo é bem melhor que todas as idiotices que ele canta. (...)

Uberdan da Silva, São Paulo, SP

(...) Considerar essas três bandas dignas de serem a nova geração do rock nacional é um absurdo — além de ser um tremendo elogio para elas. (...) O fato de fazerem sucesso, e até estarem na pauta de uma revista legal como a BIZZ, até que não me aborrece. Se eles conseguiram isso tudo com trabalho tão medíocre, mérito deles. (...)

Débora Santos, Niterói, RJ

Lixo! Esta é a palavra para resumir as três entrevistas. Afirmações como a de Thedy, dizendo que pensam no rádio como referencial para suas músicas, são impublicáveis. (...)

Altamiro S. Jr., Nova Resende, MG

(...) Pô, se os Uns E Outros são considerados uma cópia da Legião eles têm de agradecer pelo elogio, e não ficar desbocando bulhufas contra o melhor compositor do Brasil.

João Gilberto Mendonça, Uberaba, MG

Marcelo: quando falaram que você pegava as letras no lixo do Renato Russo, ofenderam o mesmo, pois as letras que ele joga no lixo são muito melhores do que as suas. (...)

Fabiana Santana Cavalcante, Nilópolis, RJ

Uns E Outros: querendo vocês ou não, a Legião é um dos mais importantes porta-vozes da minha geração. (...)

Rosilane Malvina, Rio de Janeiro, RJ

(...) A Legião não é armação de gravadora. (...) Dizer que vocês fazem no banheiro o que a Legião faz no palco é o mesmo que dizer ao público e aos críticos que são uns tremendos tapados, vide *Parada dos Leitores* e as eleições dos *Melhores do Ano* nos últimos cinco anos. (...)

Vander Xavier Pacheco, São Paulo, SP

O Marcelo Nova está coberto de razão quando diz que esses meninos estão brincando de ser artistas. (...)

Luis Almeida, Belo Horizonte, MG

Lugar de fazer porcaria é no banheiro e acho que o Renato Russo devia se conscientizar disso, porque seus shows não passam de uma merda e as letras de suas músicas não são lá grande coisa. Agora... o que ele sempre soube fazer foi falar mal dos outros grupos. (...) O *Entrevistão* foi excelente, acho que os três grupos são ótimos. (...)

Edinho, Duda e Luciano, Pindamonhangaba, SP

Muito bom o *Entrevistão* com Nenhum de Nós, Uns E Outros e Inimigos do Rei, sendo que estes dois últimos têm razões de sobra para chamar o Renato Russo de lixo e merda. Num país tão brega como o Brasil, músicas como "Monte Castelo" e "Pais E Filhos" — que são da mesma laia que "Quatro Semanas De Amor" — só poderiam fazer sucesso mesmo. (...)

Sérgio Lourenço da Silva, Caraguatatuba, SP

Por motivos de espaço, não pudemos publicar todas as cartas que chegaram à redação sobre o Entrevistão da BIZZ 60. Desculpas a quem ficou de fora.

FARPAS

(...) Parece que havia uma predisposição em falar mal de *Clandestino*, levando a crítica para o lado pessoal ao invés de analisar o trabalho com imparcialidade. Se em um grupo de rock a eficiência não merece ser destacada, talvez fosse melhor o senhor André realizar uma crítica do disco da Xuxa. (...) Chato não é o disco, muito bom por sinal, mas agüentar uma crítica tão medíocre.

Dionísio A. Alves, São Paulo, SP

(...) Não sou nenhuma fã, muito menos de carteirinha, do Ira!, mas francamente, André, sua crítica está abusada. (...) O senhor parece estar convidando-o para um duelo. (...)

Roberta, São Bernardo, SP

(...) Independente do novo disco do Ira! ser bom ou não, acho que vocês deveriam ser um pouco mais discretos, não mostrando a todos os leitores a falta de educação de vocês. (...)

Vandré Felipe de Oliveira Nicolau, São Paulo, SP

(...) Por que você não vai ser policial ou detetive com essa sua Magnum, Mr. Dirty Harry? (...) Você teve razão em três pontos: 1) "Consciência Limpa" é realmente uma xerox de "Gritos Na Multidão"; 2) "Boneca De Cera" é hipersoporífera; 3) "Patroa" é mais do que frouxa, é a pior do disco. Mas o resto é muito bom, eu adorei "Cabeças Quentes"! (...)

Marcos L. S. Braga, Brasília, DF

(...) Não esperava que um "forasteiro" de meia tigela detonasse o Ira! por todos os lados. Seu estilo arrogante cheira a puro exibicionismo. Espero que algum dia eu me surpreenda com alguma matéria objetiva do Sr. Forastieri.

Eduardo Vinicius, Fortaleza, CE

(...) O Sr. André Forastieri transformou a crítica em um chamado para duelo. Ora, falar mal de um disco, tudo bem. Agora, usar a revista para este tipo de baixaria já é demais. (...)

C.M. da Silva, Casimiro de Abreu, RJ

(...) O Sr. Forastieri se interessou apenas em comprar briga com o Nasi, deixando de lado sua profissão. (...)

Roberto Lucas dos Santos, Belo Horizonte, MG

(...) "Fechei" com o André Forastieri. Que tal aumentar o número de críticas dele? Pelo que vi nesta edição, ele não perde tempo com bobagens pessoais e vai direto ao assunto. (...)

Liliam. A. Simeão, Santo André, SP

O Sr. André Forastieri responde: *a) Quase todo mundo me condenou não pela minha opinião, mas pela agressividade com que ela foi exposta e por uma piada inofensiva (que sou forte, luto karatê, etc.). Se a piada não agradou aos fãs do Ira!, fazer o quê? Quanto à "objetividade", isso não existe. Agora, alguns leitores acharam a crítica ruim mesmo. Tudo bem, têm todo direito. b) Ao Ira!: ameaçar de processo judicial um jornalista que emitiu uma opinião é um acesso de primadonnice incompatível com a postura política que o grupo sempre teve. c) Aos que me elogiaram pela crítica, obrigado. Podem pintar na BIZZ que a cerveja é por minha conta.*

Vitinho adorava criticar os outros destrutivamente. Teve o apoio e a sorte necessários e chegou a escrever críticas. Cresceu e se tornou Vitor Paolozzi, suposto crítico da BIZZ, mas se deu ao luxo de não levar em conta o bom gosto popular e ainda, dizer barbaridades de uma das mais humildes, criativas e autênticas bandas de rock'n'roll brasileiro: Engenheiros do Hawaii. (...)

Antônio Fialho e Charles Pimanelli, Bagé, RS

As letras de Humberto não são óbvias e fracas. Pelo contrário, não são feitas para qualquer um ouvir: é preciso ter sensibilidade e inteligência para entendê-las. (...)

Simone Zabeu, São paulo, SP

(...) Sr. Vitor Paolozzi: acho que você não tem a mínima capacidade para julgar a banda Engenheiros do Hawaii. (...)

Rosângela Araújo da Costa, Maceió, AL

(...) O rock brasileiro está em total decadência. Por isso, gostaria que Vitor Paolozzi colocasse na cabeça que precisamos dessas bandas, para tentar ouvir boa música. (...)

Fabity Rodrigues da Rocha, Belo Horizonte, MG

Por que é tão difícil acreditar que os Engenheiros lá do Hawaii (*sic*) estão aí a fim de (...) levar som inteligente para as massas? (...) Puta merda, haja saco para agüentar esse tipo de mesquinharia. (...)

Getúlio Guerra Filho, Curitiba, PR

Vitor Paolozzi responde: *Como pude ter sido tão idiota a ponto de não perceber que Humberto Gessinger é o maior poeta vivo da língua portuguesa e que os Engenheiros estão redefinindo o termo rock? Nego tem de botar a mão na cabeça e chorar.*

(...) Talvez vocês estranhem, mas defendo os críticos. (...) Os críticos se guiam pela ótica que deveria estar presente em tudo: a da inteligência. Apontam o que é inteligente e/ou novo. Se você quer algo com mensagem, ouça. Mostram o que é repetição piorada, às vezes nem isso. Se você se contenta e quer consumir... Que seria dos pensantes se só houvesse o (mau) gosto popular? (...)

Sérgio Sousa, São Sebastião do Paraíso, MG

PARA TORMENTO DOS VIZINHOS, A LOJA MÚSICOS CRESCEU.

MUSICOS

Brazil Wholesalers - Rua Teodoro Sampaio, 825
Tel.: 282-6002/280-2555 - Pinheiros - Cep.: 05405
Percussion Center - Rua Teodoro Sampaio, 783 - Loja 20
Tel.: 883-0882/282-9582 - Pinheiros - Cep.: 05405
Distribuidora Nacional - Rua Barão de Melgaço, 222
Tel.: 843-6535/842-4273 - Marumbi - Cep.: 05684

DISCOTECA BÁSICA

PARLIAMENT

***PARLIAMENT'S GREATEST HITS* (1984)**

Os primeiros passos do funk, esboçados nos anos 60 por James Brown e Sly Stone, tomariam diversos rumos ao longo de duas décadas. Associaram-se ao rock, passaram pela disco music, por Prince e deixaram rastros indeléveis num vasto terreno musical — do rap à dance music contemporânea. No entanto, todas estas trilhas teriam que confluir inevitavelmente para a encruzilhada marcada pelo conglomerado Parliament/Funkadelic, as duas criações supremas do produtor/compositor/arranjador George Clinton, também conhecido pela alcunha de Dr. Funkstein, ou Maggot Overlord, ou Uncle Jam, ou Star Child, ou...

As origens musicais de Clinton remetem ao grupo *doo wop* The Parliaments, que fundara ainda adolescente em New Jersey. Posteriormente ele iria para Detroit, onde começou a compor para o *staff* da Motown, conseguindo em 67 emplacar o primeiro hit de seu próprio grupo: a balada "(I Just Wanna) Testify" ao estilo dos inúmeros conjuntos vocais de soul da época. Mas ao mesmo tempo em que era impedido legalmente de usar o nome The Parliaments, Clinton foi se aproximando do som psicodélico e da emergente cena do rock local (MC5, Stooges). Da fusão destes delírios elétricos com sua formação de soul music, Clinton criou o Funkadelic. Uma vez vencida a disputa judicial pelo antigo nome, ele também o retomaria no singular (Parliament), embora comandando quase a mesma *troupe* de músicos sob ambos.

A princípio, cabia ao Funkadelic a vertente mais experimental das idéias de Clinton, ficando o Parliament com seu lado mais puro de soul/funk. Mas à medida que ambos os trabalhos foram se desenvolvendo, esta diferença desapareceu diante de sua criatividade desvairada. É de um fantástico rol de colaboradores que incluía o tecladista Bernie Worrell, os guitarristas Gary Shider, Eddie Hazel e três ex-membros da banda de James Brown: Fred Wesley e Maceo Parker nos metais e — claro — o braço direito de Clinton, o baixista William "Bootsy" Collins (dono de um swingue e uma técnica de *slap* inconfundíveis).

Mas, além de surpreender no campo musical, a "Parliafunkadelicment Thang" transformou a própria concepção dos shows de black music. Em vez de elegância e coreografias ensaiadas, Clinton & Cia. traziam para o palco um bizarro espetáculo, com um bando de *freaks* circulando em fraldas, meias de nylon, roupas de heróis espaciais ou monstros e outras excentricidades, enquanto as letras flutuavam entre imagens apocalípticas, a ficção científica e cenas meramente escatológicas.

Esta insólita miscelânea tomou-se a mais justa medida de valor do funk nos anos 70, e um dos lados de tão valiosa moeda foi devidamente compilado na antologia em questão. Compreendendo a fase áurea do Parliament (74/79), o disco reuniu dez das melhores canções do grupo: desde seu primeiro sucesso massivo, "Up For The Down Stroke", até os devaneios disco de "Aqua Boogie (A Psychoalphadiscobetabioaquadoolloop)" e "Theme From The Black Hole". A seleção apresenta ainda faixas essenciais como "Chocolate City" (com suas inflexões de rap), "Flash Light" (precursora do baixo sintetizado, fartamente usado pela new wave) e o balanço arrasa-quarteirão da notória "Give Up The Funk (Tear The Roof Off The Sucker)".

Durante a década de 80, Clinton não só continuou à frente dos "P.Funk All-Stars" como também expandiu suas atividades como produtor (Red Hot Chili Peppers, Thomas Dolby) e, acima de tudo, continuou ousando — a música "Loopzilla" (82) foi a primeira a registrar o uso de samples. Aliás, a ousadia parece ter sido sempre a principal missão da *funky music* intergalática de George Clinton. *P.Funk: uncut funk... THE BOMB!*

CELSO PUCCI

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreatta Filho

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editor: André Forastieri
Editores-Assistentes: Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil, Lorena Calábria (Rio de Janeiro)
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Assistente de Redação e Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
ARTE
Editora: Dalas Bittnes
Assessoria de Arte: Eduardo Barreto
Diagramação: Angelo Ason, Renato Yada, Antonio Fernando Mota
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cloval Heredia
Colaboradores
Texto: Arthur O.C. Duarte, Camilo O. da Rocha, Carlos E. Miranda, Celso Masson, Cláudio M.M. de Menezes, Jnr., Julio do Espírito Santo, Leopoldo Rey, Luis Cláudio Santos Gamejo, René Fem Feitas: Álvaro Gonçalves Mota, Ricardo Siqueira **Arte:** Eduardo Barreto **Revisão de Texto:** Thais Helena de Souza Juarez

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Comercial: Carlos Alberto Araújo
SP - Diretor: Eduardo S. Rosa
Supervisor: Arthur de Oliveira Neto
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Carla Covolo, Marcelo de Almeida.
RJ - Diretor: Jairo Carneiro
Contatos: Romualdo Ayres Costa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. Botelho

Representantes
Região Sul: Print Sul (0512) 23-9528 RS - (0482) 23-7622 SC
SP 2: Intermídia (016) 623-4292/623-4291 - Ribeirão Preto - SP
Belo Horizonte:
Marco Aurélio Maia, (031) 222-5594 - BH

SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press - Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Anamaria G. de Lamos (Londres)
Abril Press - Gerente: Judith Berardi **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165, Phone: (001212) 557-3990/5093, Telex: 237670, Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex: 660731 ABRILPA, Fax: (00331) 42661369
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22116
Serviços Fotográficos-Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Gerente de Produto: José Carlos Goldenne
PROMOÇÃO E PROPAGANDA
Diretor: A. Vasco Castro Barbosa
Gerente: Fabio Bueno

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos Alberto Araújo, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Miranda Gomes

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, tel. (011) 211-7866, CEP 05477, Caixa Postal 60081, Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editorial Abril/press. **Rio de Janeiro:** r. de Passagem, 123, 6.º ao 11.º andares, CEP 22290 tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674, telegramas: Editorial Abril/press. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varas, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição de parte do preço total antecipadamente pago, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 3. **Números atrasados:** Ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor da sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000 Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados.
Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

NEW ROCK

MT
BLUSÃO DE MOLETOM
Cr$ 3.900,00

ML
CAMISETA MANGA LONGA
Cr$ 2.600,00

MC
CAMISETA MANGA CURTA
Cr$ 2.000,00

FONE: (011) 280-2952

SISTEMA DE COMPRA SEDEX A COBRAR (ENTREGA RÁPIDA)
DESPESAS POSTAIS DEVE SER ENVIADA, ANEXO AO SEU PEDIDO, A IMPORTÂNCIA DE 100 CRUZEIROS (PREÇO MÉDIO DO SEDEX), ATRAVÉS DE CHEQUE NOMINAL À NEW ROCK.
NÃO SE ESQUEÇA! SEU PEDIDO SÓ SERÁ ATENDIDO SE A IMPORTÂNCIA RELATIVA AO PREÇO MÉDIO DO SEDEX (CR$ 500,00) FOR ENVIADA. A DIFERENÇA SERÁ DESCONTADA OU ACRESCENTADA, DEPENDENDO DO PREÇO POSTAL DE CADA ENCOMENDA.
PAGAMENTO VOCÊ SÓ PAGA A ENCOMENDA AO RETIRÁ-LA NO CORREIO DE SUA CIDADE.
NÃO DEIXE DE RETIRAR SUA ENCOMENDA DENTRO DE 5 DIAS CORRIDOS, APÓS O AVISO DO CORREIO.

TOTAL DA COMPRA: _____
NOME: _____
END: _____ Nº _____
CEP: _____ FONE: _____
CIDADE: _____

MOD	REF	COR	TAM

ENVIE ESSE CUPOM OU XEROX PARA:
NEW ROCK - RUA CAPOTE VALENTE, 1440 AP 21
05409 - PINHEIROS - SÃO PAULO - SP.

*PREÇOS VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO DA REVISTA
TAMANHO: P, M, G
NOVA COLEÇÃO DE ESTAMPAS
100% ALGODÃO
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

HÁ 5 ANOS

No final de 85, São Paulo foi tomada por uma maratona de shows, exposições, debates, espetáculos de dança e teatro. Objetivo: comemorar os vinte anos de carreira de **Gilberto Gil**. Em sua quarta edição, BIZZ abria espaço para um dos mais ilustres representantes da MPB. Em entrevista a *José Emílio Rondeau*, Gil declarava: "A música popular e a cultura em geral foram marcadas por uma geração muito atuante, Chico, Milton, Roberto, Jorge Ben, Bethânia, Elis... É o aniversário disso tudo, e Gil é o pretexto". O **U2**, a meio caminho do superestrelato, comparecia com um poster, além de figurar na extinta seção *Meu Instrumento*, a cargo do guitarrista **The Edge** "Eu era gordo, mais alto que os outros, tinha óculos de lentes grossas — ninguém olhava para mim; nenhuma garota jamais olhou para mim." Recém-chegado de uma pioneira turnê pela China e prestes a realizar sua última excursão pelos Estados Unidos com o Wham!, **George Michael** concedia uma entrevista reveladora a *Tony Parsons*, da *Face* — publicada com exclusividade no *Entrevistão* de BIZZ *Pepe Escobar* encarregava-se de desvendar dois mistérios: as origens de um grupo de Manchester chamado **New Order** e os segredos do rock produzido no Japão Enquanto o **Metrô** discutia com *Luiza de Oliveira* sua meteórica ascensão em 85, o inglês **Ritchie** tentava entender sua assustadora queda pós-"Menina Veneno", num papo com *Antônio Carlos Miguel* "Punks de butique e derivados, tremei: essa fúria é autêntica." Eram os **Garotos Podres** estreando no vinil e nas páginas de BIZZ, via *José Augusto Lemos* na seção *Discos*. "Antes mesmo da banda pisar no palco, o show já era um divisor de águas na história da música popular brasileira." Era assim que *José Augusto Lemos* apresentava na seção *Ao Vivo* a estréia da superprodução do **RPM** — que, registrada no vinil, se transformaria no maior fenômeno de vendagem do rock nacional "Não havia mais Beatles, não havia mais Jim Morrison, não havia mais Hendrix (...). E, mesmo assim, ao vivo, os Stones eram imbatíveis (...). Em disco, passavam por seu melhor período, parindo clássico após clássico..." Na *Discoteca Básica*, *José Emílio Rondeau* radiografava *Exile On Main Street* (72) e explicava por que os **Rolling Stones** mereciam o título de "A Maior Banda de Rock'N'Roll do Mundo".

Sipa-Press

CBS

Rui Mendes

LPI

Gamma

Rui Mendes

ML·S10

UM PROFISSIONAL QUE ACREDITA NO SEU TALENTO.

O novo ML-S10 da LE SON é um microfone dinâmico com características realmente profissionais, e ao mesmo tempo com um preço acessível.
Ele possui conector profissional XRL-3P, com pinos banhados a ouro, e cabo coaxial blindado. Sua cápsula também é blindada, o que garante seu perfeito desempenho, eliminando interferências de origem elétrica.
O ML-S10 tem um peso adequado, com um design que oferece uma empunhadura agradável. É o microfone ideal tanto para instrumentos musicais e voz, quanto para uso em palestras ou instalações para convenções. E pode ser conectado em qualquer amplificador, mesmo doméstico.
Acredite em você, solte seu talento: tenha um ML-S10.

LE SON - Marca Registrada de Le Son - Laboratório de Engenharia Sônica S.A.

UF/NAVE
Le son
MICROPHONES

(011) 826.4288

SETE SETE CINCO BRASIL